

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**OS LIMITES DO SERVIÇO SOCIAL: UMA PERSPECTIVA CRÍTICA**

**SOB A ÓTICA DA ECOLOGIA POLÍTICA**

MARILUCI NEIS CARELLI

ORIENTADOR: EDUARDO JOSÉ VIOLA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

OS LIMITES DO SERVIÇO SOCIAL:  
UMA PERSPECTIVA CRÍTICA SOB A ÓTICA  
DA ECOLOGIA POLÍTICA

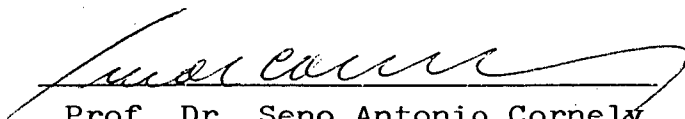
Mariluci Neis Carelli

Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e Membros da Banca Examinadora, composta pelos Professores:



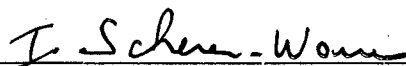
---

Prof. Dr. Eduardo José Viola  
Orientador



---

Prof. Dr. Seno Antonio Cornely



---

Prof. Dra. Ilse Schere-Warren

FLORIANÓPOLIS, FEVEREIRO DE 1992.

## AGRADECIMENTO

Agradeço a todos os que, de forma direta ou indiretamente colaboraram na realização dessa dissertação.

## ABSTRACT

This work intends to show the needs of changing paradigma for the Social Work to intervene into reality by multidimensional means.

Thus, the ecologic thouht follows the aim to construct a permanently balanced social life in Nature.

There is the impact caused by social and ecological crises over social thought as the groundwork for the operation while the Social Work is going to be executed.

There also are analitic Studies for a newly directed ecological view on this Social Work, and the illustration of a new paradigma in Social Work it self, with an operational proposal for acting over human life in the marshgrounds of Joinville, as well.

## RESUMO

O trabalho mostra a necessidade de mudança de paradigma para que o Serviço Social possa intervir na realidade de forma multidimensional. Assim, seguirá o pensamento ecológico para a construção de uma sociedade em permanente equilíbrio com a natureza. Apresenta-se o impacto da crise social e ecológica sobre o pensamento social como fundamentos para a atuação do Serviço Social. Apresenta-se reflexões para um redirecionamento ecológico para o Serviço Social e, também, ilustra-se o novo paradigma, no Serviço Social, com uma proposta de ação nos mangues de Joinville.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

1. ANÁLISE CRÍTICA DAS PRINCIPAIS PROPOSTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DO SERVIÇO SOCIAL E SEUS LIMITES.....	15
1.1 O PREDOMÍNIO DA INFLUÊNCIA EUROPÉIA ATÉ 1945.....	16
1.2 O PREDOMÍNIO DA INFLUÊNCIA NORTE-AMERICANA ATÉ 1960.....	24
1.2.1 O Serviço Social de Casos.....	27
1.2.2 O Serviço Social de Grupo.....	36
1.2.3 O Serviço Social de Comunidade.....	40
1.3 A RECONCEITUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL.....	49
1.3.1 Primeira Fase do Movimento de Reconceituação - década de 1960.....	50
1.3.2 Segunda Fase do Movimento de Reconceituação - década de 1970.....	51
1.3.2.1 Fenomenologia.....	52

1.3.2.2	Materialismo histórico e dialético.....	60
1.4	OS LIMITES DO SERVIÇO SOCIAL.....	64
2.	O IMPACTO DA CRISE SÓCIO-ECOLÓGICA SOBRE O PENSAMENTO SOCIAL: NOVOS HORIZONTES.....	76
2.1	ECOLOGIA POLÍTICA NOS SEUS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	77
2.2	O PENSAMENTO COMPLEXO.....	89
2.2.1	A Pessoa: Uma Esperança.....	96
2.2.2	Consciência e Transformação.....	111
2.2.3	O Sistema.....	130
2.2.4	O Método.....	138
3.	REFLEXÕES SOBRE UM REDIRECIONAMENTO ECOLÓGICO PARA O SERVIÇO SOCIAL.....	154
3.1	O SERVIÇO SOCIAL E A CIENTIFICIDADE: TENTATIVAS E EQUÍVOCOS.....	156
3.2	O REPENSAR DA SUBJETIVIDADE NO SERVIÇO SOCIAL.....	160
3.3	O MÉTODO DA COMPLEXIDADE: UM NOVO CAMINHO PARA O MÉTODO NO SERVIÇO SOCIAL.....	163
3.4	O SERVIÇO SOCIAL FACE AOS DESAFIOS DA CRISE AMBIENTAL.....	172
3.5	O ASSISTENTE SOCIAL E A ECOLOGIA.....	186

3.6 UMA PROPOSTA PARA O SERVIÇO SOCIAL: TENTATIVA DE ILUSTRAR O DELINEAMENTO DO NOVO PARADIGMA.....	190
CONCLUSÃO.....	200
BIBLIOGRAFIA.....	203
ANEXO.....	213



"Seremos incapazes de ver bem se não formos capazes de olhar para nós mesmos."

Edgar Morin

"A plena consciência da incerteza, da eventualidade, da tragédia em todas as coisas humanas está longe de me ter conduzido ao desespero. Ao contrário, é estimulante trocar a certeza mental pelo risco, já que, assim, se ganha a chance. As verdades polifônicas da complexidade exaltem, e serei compreendido por aqueles que, como eu, se asfixiam no pensamento fechado, na ciência fechada, nas verdades limitadas, arrogantes. É estimulante arrancar-se para sempre da palavra-mestra que explica tudo, da ladainha que pretende tudo resolver."

Edgar Morin

"Tudo o que vive é teu próximo."

Mahatma Gandhi

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho partiu da necessidade de aprofundar os conhecimentos elaborados pelo Serviço Social. Intui que a Sociologia Política seria o caminho que deveria perseguir para encontrar a resposta a diversas questões que emergiam no tratamento com a realidade social, espaço da atuação do Assistente Social.

Esta busca por um conhecimento "certo" e "verdadeiro" que poderia dar conta do real conduziu-me à constatação de quanto mais buscava a verdade, em relação ao conhecimento, mais incertezas surgiam. Isso, propiciou-me, aos poucos, o convencimento de que os princípios do meu conhecimento ocultavam aquilo que era primordial conhecer, os valores sob os quais estavam assentados e os conceitos, de que me serviam para entender as relações entre teoria-realidade-homem.

Durante o estudo da "Teoria Social Contemporânea", cadeira oferecida pelo Mestrado de Sociologia Política, tive a oportunidade de contactar com alguns sociólogos contemporâneos que induziram-me a sentir necessidade de um novo paradigma

para o Serviço Social, como parte integrante de uma mudança paradigmática maior, a da ciência.

Este novo paradigma propõe um modo de vida alternativo, mais "harmonioso" entre homem-homem e homem-natureza. Esta forma alternativa de vida implica em priorizar a convivialidade entre os homens para, realmente, gerar condições de comunicação e relacionamento que satisfaçam o "bem" viver em comunidade respeitando princípios éticos inerentes a toda e qualquer forma de vida.

A primeira leitura foi "O Ponto de Mutação" de Fritjof Capra. Com as preocupações do autor senti a forte ligação existente entre as necessidades do homem e as necessidades do planeta. Também percebi, a forte ligação existente entre todos os problemas existentes hoje (o câncer, a poluição, a violência, o poder nuclear, a inflação, a carência de energia, as injustiças sociais). Com Capra, percebi a influência do mecanicismo no meu próprio pensamento, fruto da ciência e da sociedade em que vivemos. Fez-me ver, mais longe, a urgente necessidade de mudar, um "ponto de mutação" para o planeta e a passagem da concepção mecanicista de Descartes e Newton para uma visão holística e ecológica. Indo mais longe ainda, percebi o profundo significado da necessidade de reconciliar ciência e espírito humano.

Depois, através de análises, discussões com colegas e interpretações percebi os limites do pensamento de Capra. O seu reducionismo holístico foi-me mostrado, com clareza, a partir

de outras leituras como por exemplo Alberto Guerreiro Ramos, Marilyn Ferguson, Ignacy Sachs, John Galtung, Roger Garaudy, Ivan Illich e Edgar Morin. O pensamento deste último, tornou-se o fundamento sobre o qual passei a ver o mundo e construir uma proposta, que aqui apresento, para o Serviço Social.

Busquei em Alberto Guerreiro Ramos sua análise crítica da sociedade centrada no mercado. Pois, sustenta que o modelo de alocação de recursos e mão-de-obra não leva em conta as exigências ecológicas e as capacidades de produção contemporâneas. O autor, atendeu às preocupações que vinham me acompanhando, no que diz respeito à necessidade de um modelo alternativo de pensamento, pois para ele a sociedade de mercado desfigura a vida humana como um todo. Os meios de comunicação de massa são utilizados para transmitir um pensamento centrado na idéia de consumo e produtividade. Uma linguagem persuasiva é usada para induzir o indivíduo a aceitar ingenuamente os pressupostos da sociedade de mercado. Dessa forma, os valores substantivos da vida são aos poucos substituídos pelos valores instrumentais utilitaristas de mercado. O autor, esclareceu-me que, enquanto os cidadãos deixarem-se sucumbir pela "política cognitiva" a natureza humana se identificará com a "síndrome comportamentalista" própria da sociedade de mercado, será um "alegre detentor de emprego" e a comunicação humana não passará de uma comunicação instrumental. E, enquanto estes cidadãos cederem a essas influências dificilmente ocorrerá uma transformação social significativa.

Percebi, então, que o Serviço Social poderá assumir a tare-

fa de corroer essa racionalidade instrumental através de esclarecimentos ao cidadão comum do como ela ocorre, recuperando a influência da mídia, como por exemplo, sobre família e felicidade, refletindo sobre os valores falsos e enganosos que são transmitidos.

Em Marilyn Ferguson busquei as idéias sobre a transformação de consciência. Ela, esclarece como se opera as mudanças de percepções pela consciência. Esclareceu-me que estamos vivendo em meio a uma revolução do conhecimento capaz de agregar pesquisadores de diversas áreas em movimentos independentes, mas com objetivos comuns. Esses pesquisadores "como conspiradores" corroerão as bases da ciência cartesiana e as bases da sociedade ocidental.

A partir das idéias de Marilyn Ferguson percebi que através do Serviço Social, pode-se desencadear ações junto à população capazes de gerar transformações comportamentais em relação ao sistema de vida em nossa sociedade.

Outras leituras como Ignacy Sachs, John Galtung, Roger Garaudy, Ivan Illich esclareceram sobre a relação existente entre o modelo cartesiano de dominação e a idéia de desenvolvimento empregado pelo homem. O crescimento sem limite está levando-o à sua própria destruição. Precisamos de uma solução. A alternativa é perseguir o caminho que rejeite e modifique o modelo de desenvolvimento, questione a ideologia materialista e proponha uma cosmovisão a partir de valores não-materialistas, recuperando possíveis formas de convivencialidade capazes de

trazer. O homem um novo sentido para a existência e uma nova finalidade para a vida.

Compreendi, através desses autores, que o crescimento econômico contínuo levou a uma realidade histórica caótica pelas condições de destruição e morte a que chegou, para satisfazer o insaciável conforto e "bem-estar" humano.

As necessidades materiais são as únicas a serem satisfeitas pelo progresso, o qual cria novas necessidades para se justificar, é um crescimento sem fim de quantidade das demandas materiais a ponto de colocar em risco o ecossistema e com ele a própria humanidade.

A produção industrial não permite a convivência, pois o homem perdeu o controle da produção e do consumo e submetendo-se a ela perde a razão de sua existência. Tudo gira em função de demandas industriais. Suas necessidades vitais de liberdade, de autonomia, de comunicar-se são dilaceradas, destruídas e assim geram profunda insatisfação para os cidadãos, já que ficaram desprovidos de autonomia e da capacidade de realização pessoal e comunitária.

É importante salientar que a lógica do crescimento sem fim gera a concentração de poder e de saber científico e, o progresso deixa de produzir para satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência da humanidade em função de tecnologias para saciar mais saber e mais poder das grandes nações.

Assim, caracteriza-se a lógica materialista, a destruição fi-

nal.

Para que se possa resgatar os "futuros possíveis" é preciso uma redefinição de todos os objetivos e de todas as modalidades de ação. Isso, somente será possível se reassumirmos alguns valores abandonados na história ocidental. Valores essencialmente não-materialistas capazes de fazer renascer a humanidade. Como diz Morin "toda a resistência apela para a autonomia de cada um e para que assuma a responsabilidade por si mesmo".

Foi a partir destas idéias que levantei a seguinte hipótese: os fundamentos dos pensamentos existentes até o momento, no Serviço Social estão se mostrando limitados; mostra uma percepção reducionista da realidade. É pois, necessário conceber uma proposta alternativa capaz de unir homem e natureza.

Temos que construir uma ciência que recorra a uma práxis que resista a propagação tecnomanipuladora.

Edgar Morin foi o grande inspirador deste trabalho. Ele fez-me compreender a complexidade da geração da vida e a necessidade de protegê-la através de um tipo de tecnologia capaz, também de proteger a qualidade de vida.

O autor, fez-me ver que a ação ecológica não se resume na consciência ecológica e vice-versa, mas existe um fosso intransponível entre fato e valor e entre ciência e consciência. Dessa forma, toda a idéia de natureza passa ser impor-

tante filosoficamente, cientificamente e civilizacionalmente.

A ecologia faz comunicar natureza e cultura, pois, a organização da natureza suscita o problema da organização da sociedade. A tomada de consciência da degradação ambiental faz pensar sobre o caráter de nossa relação com a natureza viva.

Foi a partir desta idéia mestra que a sociologia fez-me pensar sobre como devia ser a ação do Serviço Social. Acredito pois, ambas as áreas podem enriquecer uma a outra. Uma teoria sem uma ação não sabe o que diz e ação sem teoria não sabe o que faz.

A metodologia empregada para elaborar este trabalho foi a investigação bibliográfica associada à pesquisa de fontes primárias para delinear ao Serviço Social uma possível proposta adotando o novo paradigma.

O objetivo principal a que me propus é demonstrar a possibilidade do Serviço Social realizar uma práxis transformadora a partir do pensamento ecológico.

Para atender tal objetivo divide este trabalho em três capítulos.

O primeiro capítulo desenvolve um estudo das principais propostas teóricas-metodológicas do Serviço Social. Primeiramente, pensou em falar somente de algumas propostas metodológicas surgidas depois da reconceituação, mas como esta surgiu em função das anteriores foi necessário mostrar o desencadeamento da profissão desde a origem no Brasil. No final do ca-



pítulo aponto alguns limites do Serviço Social em relação ao pensamento ecológico.

O segundo capítulo descrevo o novo paradigma para o Serviço Social assentado em bases ecológicas e no pensamento complexo. Este pensamento constitui a base de toda ação do Serviço Social em função da construção de uma sociedade mais integrada com a natureza.

No terceiro capítulo e último, descrevo algumas reflexões sobre a possibilidade de redirecionar a práxis no Serviço Social. Descrevi, também, a partir de entrevistas abertas com quarenta Assistentes Sociais da Região de Joinville, uma ilustração como poderia ser a ação do Serviço Social voltada para a Ecologia e como consequência faz pensar sobre a questão da melhoria da qualidade de vida.

## 1. ANÁLISE CRÍTICA DAS PRINCIPAIS PROPOSTAS TEÓRICO- -METODOLÓGICAS DO SERVIÇO SOCIAL E SEUS LIMITES

Para compreendermos as implicações teóricas, filosóficas e metodológicas do Movimento de Reconceituação do Serviço Social é necessário apresentarmos as metodologias e os pressupostos doutrinários incorporados pelo Serviço Social antes deste movimento.

Dessa forma, abordaremos o Serviço Social no Brasil a partir de elementos teórico-metodológicos. Não temos a pretensão de refazer a história da profissão, pretende-se, a partir de alguns elementos históricos, acrescentar outro ponto de vista a essa discussão. (Descrito nos capítulos 2 e 3)

Depois de apresentarmos tais elementos abordaremos o Movimento de Reconceituação apresentando suas principais propostas e indicando seus limites em relação ao paradigma ecológico originado no movimento ecopacifista depois dos anos 60 e que foi ampliado ao debate político e científico.

Discutir os referenciais teórico-metodológicos do Serviço Social, sob a ótica ecologista, significa pensar sobre seus

a linha de pensamento neotomista, a qual passa a integrar os postulados da profissão. Para Antonio Geraldo Aguiar:

"os princípios de dignidade da pessoa humana, do bem comum, entre outros, hauridos em São Tomás, iluminam a teoria e a prática do Assistente Social, desde 1936 até 1960, de maneira preponderante."<sup>6</sup>

Além da Ação Social da Igreja, as condições sociais, políticas e econômicas da realidade brasileira, na década 1920-1930, também possibilitam o surgimento do Serviço Social enquanto profissão.

O Estado enfrenta uma séria crise política e econômica. O Brasil passa de um sistema agrário-exportador a um sistema urbano-industrial. Essa mudança significa uma grande concentração de população nas cidades, uma população marginalizada e carente. A isso, somou-se a falta de infra-estrutura das cidades que cresciam cada vez mais.

Os operários se organizam e se posicionam ativamente reivindicando melhores condições de trabalho. Junto a esse movimento estão trabalhadores politizados que imigram para o Brasil com idéias socialistas trazidas de seus países de origem. Tais idéias não eram aceitas pelo Estado e nem tampouco pelos industriais. Essa situação gerou vários conflitos entre operários e patrões que obrigou o Presidente Getúlio Vargas a agir.

limites. Contudo, não significa negar os conhecimentos adquiridos e acumulados até o presente momento e sim, discutí-los, complementá-los e ultrapassá-los na medida do possível.

### 1.1 O PREDOMÍNIO DA INFLUÊNCIA EUROPÉIA ATÉ 1945

A influência européia no Serviço Social é marcante no período de 1932-1945.<sup>1</sup> As idéias européias, sobre Serviço Social, foram trazidas ao Brasil pelo Movimento da Ação Social Católica.

A Ação Social Católica é um movimento de leigos preocupados com a "decadência moral e dos costumes, produzida pelo liberalismo e pelo comunismo."<sup>2</sup> A Ação Católica, de conteúdo assistencial e paternalista, possuía características de apostolado social. Entre as diversas organizações que compõe tal entidade se destacam os Grupos de Jovens que desenvolviam trabalho de laicato junto aos operários, são eles: Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Universitária Católica (JUC) e Juventude Feminina Católica (JFC).<sup>3</sup>

Dessa forma, no Brasil, o Serviço Social surge no seio do movimento católico. O vigor desse movimento tem origem na decadência progressiva do poder da Igreja. Nessas circunstâncias, lança projetos de recuperação e restauração do domínio perdido, através de encíclicas papais (especificamente a *Rerum novarum* - 1891, e a *Quadragesimo Anno* - 1931), cujo conteúdo, essencialmente, referia-se a uma luta contínua contra o liberalismo e o comunismo. Orientava sua ação para uma reforma

social tendo por base o evangelho.

Assim,

"os elementos que mais colaboraram para o surgimento do Serviço Social tem origem na Ação Católica - intelectualidade laica estritamente ligada à hierarquia católica - que propugna, com visão messiânica, a recristianização da sociedade através de um projeto de reforma social."<sup>4</sup>

Além do suporte da Ação Católica, o Serviço Social também possuía sustentação nas concepções da União Católica Internacional de Serviço Social - UCISS, fundada em Milão (Itália) no ano de 1922. A UCISS é uma instituição também de difusão da doutrina católica. A finalidade dessa instituição é:

"levar aos trabalhos do Serviço Social a contribuição da doutrina católica e do humanismo cristão, pela participação nas reuniões dos grandes organismos internacionais ou nacionais, estudo e interpretação dos problemas e mudanças sociais do ponto de vista católico, congressos internacionais, seminários regionais e publicações, para desenvolver o espírito social dos assistentes sociais dentro do espírito cristão e contribuir para a elevação do ensino do Serviço Social."<sup>5</sup>

Essas organizações católicas com seus valores e sua doutrina determinam a filosofia do Serviço Social. Tal doutrina seguia

Getúlio, um líder populista, decidiu institucionalizar várias reivindicações trabalhistas, principalmente as previdenciárias. Ele também transforma o sindicato em órgão legal. De acordo com Boris Fausto:

"O Estado procura ajustar as relações entre patrões e empregados na área do trabalho e, sobretudo, a anular, no campo sindical, a velha influência anarquista e a influência comunista nascente, transformando os sindicatos em organismos oficializados, numericamente restritos, apolíticos, voltados exclusivamente para as reivindicações profissionais."<sup>7</sup>

De acordo com Guerreiro Ramos a atitude de Vargas pode ser denominada de "política cognitiva"<sup>8</sup>, nesta a técnica de persuasão é usada para propiciar condições a expansão do mercado. Getúlio Vargas realizou tudo com muita competência pois necessita manter relações de "cooperação" com a classe operária. Precisava, também, manter um clima de "confiança" entre o capital e o trabalho. A ideologia seguia a seguinte máxima: "estamos construindo um mundo melhor".

Sem dúvida, o Estado Populista abre espaço para a assistência e a previdência. Nessas circunstâncias, o Estado brasileiro alia-se às obras sociais desenvolvidas pela Igreja e "ao desenvolver mecanismos destinados a integrar as reivindicações do proletariado através de canais dependentes e controlados, aumenta extraordinariamente o quadro institucional a partir do qual o Serviço Social poderá vir a se firmar e legitimar."<sup>9</sup>

Diante da realidade social brasileira, setores da Ação Social Católica, composto pela classe média, decide intensificar e dinamizar a ação do laicato.

Inicia-se com um "Curso Intensivo de Formação Social para moças", promovido pelas Cônegas de Santo Agostinho<sup>10</sup>. Para ministrar tal curso foi convidada Mademoiselle Adèle Lonneux (Professora da École Catholique de Service Social de Bruxelas-Bélgica), a qual "contou com a assistência de jovens da Ação Católica e da Ação Social, motivadas por seu afã de uma melhor formação para elevar a eficácia do seu apostolado social."<sup>11</sup> Depois, ao encerrar o curso, as participantes expressam no 1º Relatório do CEAS que freqüentaram o curso com desejo de "se orientar, de esclarecer idéias, de formar um julgamento acertado sobre os problemas sociais da atualidade"<sup>12</sup>. Esse era o pensamento de jovens formadas por estabelecimentos de ensino católico, os quais a partir de suas convicções religiosas queriam conhecer a realidade social para melhorar suas práticas caritativas e assistenciais.

Assim a realidade brasileira exigia do apostolado social atividades a nível trabalhistas e a nível de formação familiar. No entanto, para atuar nesses níveis é necessário que o agente dessas atividades possua formação acadêmica.

O CEAS "foi considerado como o vestíbulo da profissionalização do Serviço Social no Brasil."<sup>13</sup> Pois, a primeira Escola de Serviço Social foi fundada em São Paulo no ano de 1936, sob a égide do CEAS. Também sob inspiração católica é fundada no

Rio de Janeiro, a segunda Escola de Serviço Social no ano de 1937. Dessa forma, as primeiras Escolas de Serviço Social no Brasil surgem junto ao movimento de leigos da Igreja Católica.

Assim, o Serviço Social, na sua origem e durante longo tempo, ficou ligado à Ação Social Católica a qual desenvolvia trabalho de ajustamento do indivíduo ao sistema, "dentro de uma perspectiva embrionária de assistência preventiva, procura atender e atenuar determinadas "seqüelas" derivadas do aprofundamento da industrialização."<sup>14</sup>

As "seqüelas" da industrialização seriam: desigualdades de níveis de vida, aumento da densidade demográfica provocando favelas e falta de habitação, revolta de trabalhadores, analfabetismo, evasão escolar, saúde precária, ausência de documentos de identificação pessoal, ausência de saneamento básico, ausência de orçamento salarial, entre outros. Para o pensamento da época, toda essa realidade derivada da industrialização seriam facilmente solucionadas com a criação de um conjunto de serviços públicos assistenciais, nos quais o Serviço Social irá se expandir na sociedade brasileira.

Os primeiros espaços institucionais nos quais o Serviço Social irá atuar são: LBA (Legião Brasileira de Assistência) criada em 1942; SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), criado em 1942; SESI (Serviço Social da Indústria), criado em 1946; Fundação Leão XIII, surge em 1946 e a ampliação dos programas e benefícios da Previdência Social (a partir de 1943).<sup>15</sup> Marilda Iamamoto e Raul de Carvalho constataam que:



"o processo de surgimento e desenvolvimento das grandes entidades-estatais, autárquicas ou privadas, é também o processo de legitimação e institucionalização do Serviço Social."<sup>16</sup>

Este primeiro momento do Serviço Social no Brasil é fortemente marcado pela presença da Igreja Católica com seus valores e pelas mudanças políticas e econômicas passadas pelo país. É preciso salientar, sob uma ótica eco-política, que a emergência do Serviço Social também responde a uma outra situação, a expansão da sociedade de mercado (sociedade predatória) e a todo um contexto de degradação social.

Os primeiros Assistentes Sociais buscaram sua legitimidade através de formação metódica (uso de método científico para descoberta da realidade) e através da diplomação (ainda que a regulamentação da profissão somente ocorresse no ano de 1952), além de possuir o perfil de missionários com o papel de controlar e regular a "desorganização social". E, para desempenhar com competência a atividade que lhe foi designado, busca fundamentação para sua prática em países onde o Serviço Social já conseguiu produzir teorias e metodologias.

Dessa forma, o Serviço Social não somente no Brasil, mas também na América Latina, remete-nos ao desenvolvimento alcançado pela profissão, na França e Bélgica. Assim, inicialmente o modelo teórico-metodológico usado pelos Assistentes Sociais era denominado Franco-Belga.

O modelo Franco-Belga foi transposto à realidade brasileira associados aos pressupostos filosóficos adotados pelo Serviço

Social naquele momento, os quais estavam fortemente inspirados em princípios cristãos, mais precisamente neotomistas.

A metodologia de ação envolvia um processo de ajuda a casos especiais individualizados. O objetivo era melhorar a assistência (prestar serviços) e a tecnologia de "trabalhar" o social.

A Ação Social preocupou-se muito em buscar, a partir do modelo Franco-Belga, o concreto. Assim, como diz Anna Augusta:

"a práxis, ao gerar mais justiça e mais compreensão, criou problemas, provocou conhecimentos e procedimentos novos. Em síntese, constituiu-se no que se designou chamar de Modelo Ação Social."<sup>17</sup>

O Modelo Ação Social é a primeira metodologia de ação adotada pelo Serviço Social para atuar na realidade brasileira sempre tendo como base o modelo franco-belga e a filosofia neotomista, esta, por sua vez, intervém na realidade visando contribuir no processo de adaptação social.

A metodologia para o atendimento de casos, seguia os seguintes passos: estudo, diagnóstico e tratamento. Embora se considerasse que a pessoa podia mudar sua própria situação, era vista como portadora de problema social por não se adaptar à situação vivida no momento. A concepção de transformação estava ligada à idéia simplista do indivíduo estar ou não adaptado à situação nova na qual estava envolvido. O Serviço Social ficava à mercê das políticas sociais promovidas pelo Es-

tado brasileiro.

A adaptação e a preocupação técnica marcaram o Serviço Social nesta primeira fase. Assim, pouco produziu em termos teóricos e muito se desenvolveu em termos práticos. É relevante lembrar que, nessa época, é pouco percebida a importância de se analisar criticamente o conhecimento adquirido na prática.

O modelo franco-belga aos poucos revelou limitações ao ser empregado na realidade brasileira. A construção teórica produzida na Europa não poderia ser adotada, na mesma forma, para a América do Sul com características terceiro-mundistas. Surgiu a necessidade e a possibilidade de buscar novos conhecimentos e procurar melhorar o atendimento à população.

Vemos que começa a surgir no interior da profissão a preocupação com a cientificidade. Sobre a qual aprofundaremos no Capítulo II e Capítulo III.

## 1.2 O PREDOMÍNIO DA INFLUÊNCIA NORTE-AMERICANA ATÉ 1960

A influência norte-americana no Serviço Social brasileiro se desenvolveu no período de 1946-1960. Nesta época, os Estados Unidos da América do Norte desenvolve uma política social e econômica toda especial com relação à América Latina. O interesse era "promover" o desenvolvimento econômico e "proteger" contra a intervenção comunista. Com relação ao social, desenvolve o programa de "intercâmbio cultural" (mais tarde desenvolverá a "aliança para o progresso"). Através desse inter-

câmbio são concedidas bolsas de estudo às Escolas de Serviço Social de São Paulo e Rio de Janeiro, possibilitando assim, que algumas assistentes sociais fossem beneficiadas no sentido de realizarem estudos em escolas norte-americanas.

As Assistentes Sociais bolsistas trouxeram ao Brasil as concepções teóricas e metodológicas desenvolvidas na realidade norte-americana. Sem dúvida expressaram entusiasmo pelo Serviço Social praticado naquele país. Assim, o Modelo Franco-Belga foi gradativamente sendo substituído pelas teorias americanas. A respeito dessa substituição comenta Anna Augusta de Almeida:

"Cumprer dizer que essas teorias... nos foram apresentadas sendo uma forma sistematizada para a prática, utilizando como exemplo a realidade da América do Norte (E.U.A. e Canadá). Nossa curta experiência com o modelo franco-belga; o aumento de responsabilidades do grupo pioneiro pouco numeroso, o número crescente de programas reclamando tecnologia e, principalmente, a dificuldade de acesso aos textos permitiram que estas teorias fossem aplicadas sem uma análise crítica. Assim, passamos a superpor o novo modelo sobre o de Ação Social, sem consciência das contradições que estávamos elaborando."<sup>18</sup>

Foram importados dos Estados Unidos os conhecimentos técnico-metodológicos de Serviço Social de Casos, Serviço Social de

Grupo e de Organização de Comunidade. Esses, aos poucos, tornavam-se as abordagens predominantes na intervenção profissional. Apesar da tripartição sofrer inúmeras críticas devido à simplificação que gerou, somente foi abolida dos currículos das Escolas de Serviço Social na década de 80.

A literatura sobre Serviço Social de Casos, de Grupos e de Organização de Comunidade (mais tarde se chamará Serviço Social de Comunidade) sofreu influência da teoria funcionalista<sup>19</sup> e do pensamento positivista.

Essas influências aparecem nitidamente nas três abordagens de Serviço Social citadas acima, pois foram fortemente marcadas pelo empirismo. Tal característica liga-se com a necessidade de desenvolver atividades profissionais com base científica. Assim o Serviço Social de Casos, Serviço Social de Grupo e Organização de Comunidade "constituíram a matriz da disciplina que fornecia as regras, isto é, o método de Serviço Social."<sup>20</sup>

As atividades realizadas pelo Serviço Social nas diversas instituições assistenciais, correspondiam à prestação de serviços e distribuição de auxílios à população carente que vivia em condições precárias de saúde, habitação, baixíssima renda familiar e em regime de sub-emprego. Nessas instituições, coube ao Serviço Social "eleger" a pessoa beneficiada pelo recurso econômico da instituição, caso o "cliente" correspondesse aos critérios exigidos pelo programa. No entanto, esses critérios de elegibilidade da clientela não correspondia a uma análise diagnóstica profissional, mas, a uma "rela-

ção nítida entre o envolvimento emocional do idealizador da obra ou do programa e a percepção do objeto-problema social-limitado aos fatos das suas experiências subjetivas."<sup>21</sup>

Dessa forma, os conhecimentos gerados na realidade norte-americana foram importantes para o Serviço Social brasileiro. Vejamos alguns aspectos significativos das três abordagens (caso, grupo, comunidade).

### 1.2.1 O Serviços Social de Casos

O Serviço Social de Casos tem origem nos estudo desenvolvidos por Mary Ellen Richmond que foi pioneira na sistematização teórica do Serviço Social. Sua primeira obra foi "Diagnóstico Social", publicada em 1917. A autora apresenta, nesta obra, princípios metodológicos que servem de base à prática do Serviço Social de casos individualizados.

A metodologia, proposta por Richmond, é composta de estudo, diagnóstico e tratamento para o entendimento de casos sociais individualizados. A autora imbuída de espírito científico aponta que sem investigação social não é possível realizar Serviço Social. O Assistente Social não deve interromper um processo de atendimento, pois corre o risco de invalidar os demais procedimentos necessários.

A autora define Caso Social Individual como "o conjunto de métodos que desenvolvem a personalidade, reajustando consciente e individualmente, o homem ao seu meio social."<sup>22</sup>

Percebe-se que Mary Ellen Richmond, ao caracterizar um "problema", preocupa-se com o ambiente social onde vive o cliente. Essa concepção revela a composição sociológica presente no serviço Social. A autora sempre tratou o caso como social. Embora as idéias continuassem limitadas ao cientificismo que predominava em sua época, o mérito de sua obra está em definir e sistematizar, o mais claro possível, o Serviço Social. Dizer o que era o Serviço Social, não somente para os Assistentes Sociais, mas também para a comunidade científica e leigos.

A proposta metodológica de tratamento aparece no livro "Caso Social Individual" (publicado em 1922). Para Richmond, constitui-se nos seguintes movimentos:

- "-la comprensión de la individualidad y de las características personales;
- la comprensión de los recursos y de las influencias del medio social;
- la acción directa de mente a mente;
- la acción indirecta en el medio social."<sup>23</sup>

O Assistente Social deverá possuir habilidade profissional para combinar tais movimentos. Dessa forma, o profissional deverá, seguindo a metodologia, com ou sem a contribuição da pessoa envolvida, ajudá-la, orientá-la, adaptá-la, visando elucidar, clarificar ou solucionar o problema, a confusão ou o dilema vivido pelo cliente.

Na obra de Richmond apareciam conceitos de bem-estar social e de adaptação. Concebia-se que era necessário adaptar o indi-

víduo-cliente ao ambiente social onde vivia. Pois, ao apresentar problemas demonstrava ser um desajustado ao sistema, logo, o bem-estar viria com a adaptação individual.

O Serviço Social de Casos, até 1930, recebeu influência da escola psicanalística freudiana, denominada no Serviço Social, de Escola Diagnóstica, devido à ênfase dada no diagnóstico, estilo de Mary Ellen Richmond.

A obra de Richmond ganha extensão histórica na medida que possibilita a formação de outras metodologias que surgem no decorrer da estruturação da profissão.<sup>24</sup>

No entanto, não podemos deixar de considerar que Mary E. Richmond, com o objetivo de instrumentalizar a profissão, de um lado apoia-se no conjunto de "conhecimentos científicos" da sociologia e da psicologia e, de outro lado contribuirá para consolidar a sociedade industrial, através de seus serviços assistenciais.

Assim, constata-se que o Serviço Social é uma profissão que surge para atender aquela população explorada e marginalizada pelo "sistema" industrial.

Os "modelos" de intervenção para o Serviço Social de casos individualizados são prioritariamente os seguintes: Psico-Social, Funcional, Solução de Problema, Modificação de Comportamento e Serviço Social de Casos, Intervenção na Crise e Terapia Familiar.<sup>25</sup>

Na origem o Serviço Social centrava sua preocupação no indi-



víduo, enquanto ser psíquico. Essa forma de intervenção foi denominada de Escola Psicológica. A Escola Psicológica subdividiu-se em Escola Diagnóstica e Escola Funcional.<sup>26</sup> A Escola Diagnóstica, por sua vez, aprofundou e desenvolveu a relação psíquica-social no tratamento com o indivíduo. Este enfoque passou a ser denominado Modelo Psico-Social. Mais tarde surge o Modelo Solução de Problemas. Dessa forma, apresentam-se três Modelos prioritários na prática do Assistente Social brasileiro, o Modelo Psico-Social, o Modelo Funcional e o Modelo Solução de Problema.

No Modelo Psico-Social, o Assistente Social se dedica a uma pesquisa profunda com o cliente. O Assistente Social preocupa-se não somente com os "problemas" manifestos (o pedido de ajuda), mas principalmente com os "problemas latentes", isto é, procura informar-se a respeito das condições psicológicas internas do cliente, bem como as condições sociais onde vive. Em outras palavras, procura descobrir os sentimentos da pessoa em relação à sua vivência social.

O Modelo Psico-Social foi sistematizado primeiramente por Gordon Hamilton, em 1937, a qual usou o termo psico-social somente em 1941.

Gordon Hamilton, em 1940, publica o livro "Teoria e Prática do Serviço Social de Casos", no qual a autora aprofunda as idéias de Mary Elen Richmond, acrescenta os progressos da psiquiatria e das ciências sociais. Gordon aprimora os conceitos de caso psicossocial, interação com o meio social, os

fatores e motivos da pessoa e o conflito para o Serviço Social. E ainda, reforça uma necessidade muito importante para o Serviço Social da época, relacionar conhecimentos científicos e valores humanos.

Assim, no tratamento do caso individual Gordon combina conhecimentos sociais e psíquicos. Nessa abordagem psicossocial é fundamental considerar a pessoa em situação.

É com Florence Hollis, em 1964, que a visão psicossocial é ampliada e conhecida no Serviço Social como Teoria Psicossocial.

Florence retoma e revisa os conhecimentos, produzidos por Gordon Hamilton e Mary Richmond. Também embasa-se na teoria freudiana do ego, na teoria da personalidade, na Gestalt e também em alguns conceitos da Teoria Geral dos Sistemas.

A preocupação básica desse modelo é o bem-estar do cliente. Também é conhecida como centrada no cliente. Ele possui os seguintes objetivos:

"satisfazer a necessidade do cliente, ajudá-lo a lidar com a situação ou problema com que se defronta, reforçar sua capacidade de funcionar confortável e produtivamente, diminuir seu sofrimento e infortúnio e aumentar suas oportunidades de realizar seus próprios objetivos e aspirações."<sup>27</sup>

Assim, "o indivíduo é ajudado a ser ele próprio, responsável

pela modificação de seu meio; reconhece-se, porém, que às vezes isto não é impossível, ou seria um processo lento e desaconselhável. Nesse caso, o Assistente Social atua na situação em benefício do cliente."<sup>28</sup>

Nesse modelo, o Assistente Social dedica a compreender a "pessoa em situação" (toda a rede de convívio social da pessoa-família, amigos, vizinhança, professores, local de trabalho, etc.), com ênfase na família. Para tratar a "pessoa em situação" o Assistente Social usa conhecimentos advindos da psicanálise freudiana, objetivando compreender a personalidade nos problemas de ajustamento social. A teoria da personalidade foi gradativamente substituída pela teoria do ego, pois, "podia ser utilizada no sentido de reforçar seu funcionamento, fortalecer a vontade e permitir uma opção."<sup>29</sup>

O tratamento, ou processo de mudança dava ênfase na terapia social e na psicoterapia, incluía a terapia de apoio, a experimental e a de **insight**.<sup>30</sup>

Uma das grandes contribuições do Modelo Psico-Social para o Serviço Social, foi a introdução e ampliação da idéia de relacionamento em Assistente Social e Cliente. O relacionamento era considerado como a base da compreensão e do entendimento entre Assistente Social e Cliente. Pois, dependendo do tratamento dado pelo profissional ao cliente (revelando interesse e calor humano) poderia ser gerado condições de crescimento e mudança.

O segundo modelo mais expressivo no Brasil é o Modelo Funcio-

nal. Esse modelo tem suas origens na "School of Social Work" da Universidade da Pensilvânia e na comunidade da Filadélfia desde 1930. Julia Jessie Taft e Verginia Robinson, respectivamente diretora e diretora adjunta da Escola de Serviço Social da Pensilvânia, trouxeram para o Serviço Social as idéias de Otto Rank, discípulo de Freud, enfatizando a psicologia do ego e a psicologia da aprendizagem<sup>31</sup>. O Modelo Funcional também recebeu influência das ciências sociais, mais precisamente de John Dewey e William James.

A denominação funcional advém da idéia de função da obra social em prestar serviços à comunidade, assim, a instituição é o espaço de ajuda oferecida pelo Serviço Social.

De acordo com Lourdes Maria Moraes Oliveira, as idéias de Otto Rank incorporadas ao Serviço Social, assumiram a seguinte conotação:

"-maior configuração social à significação de transferência, onde o mais importante do tratamento é a espécie de relação desenvolvida nessa ocasião"(...)

"-Centralização na capacidade e/ou potencialidade do cliente de se autodesenvolver, sendo ele autor de seu destino, mas sem desprezar a influência de fatores externos."(...)

"-Utilização consciente pelo Assistente Social/Cliente da previsão de tempo na ajuda prestada (...) para desencadear o crescimento potencial do cliente."<sup>32</sup>

Nestas considerações está explícito que a vontade do cliente

se constitui em princípio a ser respeitado, pois se caracteriza como elemento de escolha e criatividade do cliente. Cabe ao Assistente Social contribuir na liberação dessa capacidade, pois sua habilidade deverá convergir para ajudar o cliente a determinar sua escolha, a qual implicará nas possíveis mudanças que poderão ocorrer.

A metodologia segue um processo compreendendo início, meio e fim, os quais não são diferentes do processo usual: estudo, diagnóstico e tratamento. O termo tratamento não foi usado por esse modelo, e sim substituído por "processo de ajuda."<sup>33</sup>

O modelo funcional no Serviço Social está presente nos "métodos" de Serviço Social de Casos, de Serviço Social de Grupos e Serviço Social de Comunidade.

O terceiro modelo, mais conhecido e praticado pelos Assistentes Sociais brasileiros, denomina-se Solução de Problema. A autora dessa proposta é Helen Harris Perlmann, surge na década de 1950.

Este modelo também recebeu influência da psicologia de Otto Ranck e do positivismo das ciências sociais. Ele foi fruto de descontentamento com o modelo advindo da teoria psicodinâmica e da necessidade de abrir possibilidade para novas descobertas, através da pesquisa.

A obra "El Trabajo Social Individualizado" de Perlmann inaugura um novo enfoque em Serviço Social de Casos. Considera que a vida do homem é permeada por processos de "solução de problema". O objetivo é oferecer ajuda à pessoa para que pos-

sa lidar com seus problemas. Este modelo também trabalha elementos psíquicos do cliente no sentido de diminuir a ansiedade.

O modelo Solução de Problema compreende que o cliente para tomar decisões exercita as **funções do ego**. Pressupõe-se que ele possui poucas condições de lidar e solucionar seu problema, por isso necessita ser motivado e orientado por um profissional. A imobilidade de lidar com um problema "é considerada como insatisfatória para o funcionamento da personalidade. Situa o processo de ajuda do Serviço Social entre a "educação e a terapia" que tanto inclui as capacidades mentais, como os impulsos e motivações."<sup>34</sup>

No modelo Solução de Problema, o Serviço Social de Casos compõe-se dos seguintes elementos: pessoa, problema, lugar e na dinâmica do processo de ajuda.<sup>35</sup>

Os conhecimentos, adotados no Brasil, sobre Serviço Social de Casos foram divulgados e aprofundados a partir das produções da Assistente Social Nadir Gouveia Kfourri que contribuiu para a incorporação dessa abordagem pelo Serviço Social no Brasil e na América Latina.<sup>36</sup> As Assistentes Sociais Balbina Ottoni Vieira, Anna Augusta de Almeida (aprofundada aqui posteriormente) possuem expressivas produções na abordagem individual no Brasil.

Com a reconceituação, todos os conhecimentos sobre Serviço Social de Casos foram retomados e desenvolvidos com o objeti-

vo de adequação à realidade brasileira. Essa abordagem, no Brasil, acumulou muitas informações e conhecimentos, pois foi o "método" mais vivenciado pelos Assistentes Sociais, devido aos pressupostos teóricos da profissão e às exigências institucionais/sistema político paternalista e assistencialista.

### 1.2.2 O Serviço Social de Grupo

A história do Serviço Social com grupos pode ser retomada a partir da "história das agências sociais que se criaram e se desenvolveram para dar conta da problemática gerada pela sociedade capitalista."<sup>39</sup>

As atividades com grupo inicia "como um objetivo, uma filosofia, um movimento, uma psicologia e uma profissão"<sup>40</sup> e, não como um método específico.

O Serviço Social de Grupo:

"integra teoria da personalidade com a teoria dos pequenos grupos, focalizando a socialização e prevenção através da adaptação mútua e ações recreativas, nas quais o grupo se centraliza nos indivíduos que o integram ou melhor, focaliza num intercâmbio emocional e intelectual através do qual os indivíduos se aperfeiçoam (terapia)."<sup>41</sup>

Nesta citação Kisnerman dá-nos a idéia do conteúdo operacional de Serviço Social de Grupo.

O Serviço Social de Grupo ainda buscou suporte teórico na

psicologia dinâmica, na psicologia social, na psicanálise e também na Sociologia. O Serviço Social de Grupo, no decorrer do tempo, assumiu caráter terapêutico, educativo, recreativo, capacitador de mudanças individual, grupal e comunitária.

Além desses fundamentos, o Serviço Social de Grupo incorpora valores doutrinários da democracia. Como diz Maria Raquel:

"os objetivos que vão sendo marcados visam a sociedade democrática como a que pode proporcionar a mais alta realização do indivíduo e permitir-lhe assumir o seu lugar como membro responsável da sociedade."<sup>42</sup>

Esses princípios democráticos foram incorporados ao trabalho com grupos um pouco antes da Segunda Guerra. Os grupos eram considerados como "meio para mudanças sociais". Para promover essas mudanças era necessário integrar as massas ao desenvolvimento. Essa tarefa é dada ao Serviço Social de Grupo,

"como método de educação psicossocial informal. Através dele é que se está ensinando a massa a viver em democracia, a conquistar um sentimento de comunidade e a ter uma atitude ativa para poder participar."<sup>43</sup>

Dessa forma, o Serviço Social de Grupo assume caráter terapêutico, educativo, recreativo, capacitador de mudanças individuais, grupais e comunitárias.

O grupo foi incorporado como método de Serviço Social em



1946<sup>44</sup>, na "Conferência Nacional de Serviço Social dos Estados Unidos". Somente em 1949<sup>45</sup>, por Gertrudes Wilson e Gladys Ryland (ambas Assistentes Sociais), é publicada a primeira obra sobre Serviço Social de Grupo, intitulada "The Practice of Social Group Work". O "método" de Serviço Social de Grupo foi incorporado no Brasil a partir de 1954<sup>46</sup> com inspiração nessa obra. Embora, desde 1945 e 1947<sup>47</sup> já houvessem estudos sobre grupos nas Escolas de Serviço Social do Brasil.

A necessidade de sistematizar conhecimentos também, aparece no Serviço Social de Grupo. O qual, no Brasil, recebe forte influência norte-americana, das décadas de 40 a 60<sup>48</sup>, não somente das idéias sobre Serviço Social de Grupos, mas, também, das correntes de pensamento da nação americana.

É importante destacar que, no Brasil, "a expressão Serviço Social de Grupo aconteceu historicamente nos momentos vinculados à formação de entidades sociais cujo objetivo se voltava à organização da assistência, à educação popular e à pesquisa social."<sup>49</sup>

A obra de Gisela Konopka intitulada "Serviço Social de Grupo: um processo de ajuda", exerceu significativa influência sobre os Assistentes Sociais que trabalhavam com grupos no Brasil a partir de 1955<sup>50</sup>.

O pensamento de Konopka situa-se no quadro da Escola Funcional do Serviço Social, enfoque equivalente ao usado no Serviço Social de Casos. Destacaremos alguns aspectos de sua obra.

Para a autora, o objetivo do Serviço Social de Grupo é "ajudar os indivíduos nas suas necessidades básicas para que se tornem importantes e para que participem e ajudem a necessidade básica da sociedade humana total."<sup>51</sup>

A prática de Serviço Social de Grupo se baseia, para Konopka, "no conceito do homem como um ser humano que se desenvolve constantemente por meio de uma necessária e significativa interação com outros homens e (...) apresenta uma unidade inseparável de forças físicas, mentais e emocionais."<sup>52</sup>

O Assistente Social lança mão dos seguintes "meios de ajuda": do relacionamento entre o Assistente Social e os membros do grupo deverá ser objetivo, compreensivo, profissional; do relacionamento entre os membros do grupo; comunicação verbal e não verbal; escolha objetiva e criação de ambientes.<sup>53</sup>

Assim, a autora define Serviço Social de Grupo como um "método de Serviço Social que ajuda as pessoas a aumentarem o seu funcionamento social através de objetivas experiências de grupo e a enfrentarem de modo mais eficaz os seus problemas pessoais, de grupo e de comunidade."<sup>54</sup>

A partir da influência expressiva de Konopka e de outros autores norte-americanos é que o Serviço Social de Grupo brasileiro vai construindo seus próprios conhecimentos. Não podemos negar que o método científico é a base de referência para a elaboração desses conhecimentos.

Em geral, a metodologia de Serviço Social de Grupo compreende

os passos: estudo, diagnóstico e tratamento. Fundamenta-se, também, em conceitos básicos como: liderança, conflito, tomada de decisões, papéis, tipologia de grupo, técnicas para trabalho com grupo (dinâmica de grupo, atividades e projetos grupais e técnicas psicodramáticas).

A notável obra de Natálio Kisnermann (Assistente Social, sociólogo), "Serviço Social de Grupo", é uma contribuição significativa para o Serviço Social na América Latina. Nesta obra o autor revela originalidade na abordagem metodológica do Serviço Social de Grupo.

O mérito de sua obra está em procurar construir um conteúdo novo ao Serviço Social de Grupo, um redimensionamento do método. Podemos dizer que a obra foi elaborada sob a luz das primeiras idéias do Movimento de Reconceituação do Serviço Social na América Latina.

No Brasil, merecem destaque as produções sobre Serviço Social de Grupo de Edith Motta, Balbina Otoni Vieira, Zélia Torres, no Documento de Araxá e Teresópolis e Maria Alice Correia, Gelta Cavalcante, as publicações do CBISS (Centro de Intercâmbio de Serviço Social) e Maria Lucia Rodrigues.

### 1.2.3 O Serviço Social de Comunidade

Da noção de grupo, passou-se à noção de intergrupos e assim, à noção de comunidade. O Serviço Social desde a origem, com Mary Ellen Richmond, sempre se preocupou com o meio ambiente

(social) onde vive o homem. O Assistente Social, com a possibilidade de atuar em comunidade, logo procurou conquistar este campo.

O Serviço social de Comunidade, antes de receber essa denominação, foi conhecido por diversas denominações: Organização de Comunidade, Ação Comunitária, Desenvolvimento de Comunidade, Desenvolvimento e Organização de Comunidade, e por último, Serviço Social de Comunidade.<sup>55</sup>

É interessante ressaltar as noções de Desenvolvimento de Comunidade e Serviço Social de Comunidade, pois é a partir de Desenvolvimento de Comunidade que o Serviço Social assume a ideologia desenvolvimentista. A qual marca não somente a história brasileira, mas a história do Serviço Social.

Desenvolvimento de Comunidade foi concebido na realidade norte-americana e transplantado à realidade latino-americana sem uma revisão crítica adequada.

Antonio Geraldo de Aguiar destaca quatro fases do serviço Social da Comunidade no Brasil.

"As duas primeiras fases, no período de 1945 e 1955. Em 1945, ainda na implantação do processo de "Serviço Social de Casos" começam já pequenas experiências em comunidade, e o mais importante é que o governo toma certas medidas que levarão mais tarde à implantação do Desenvolvimento de Comunidade. A terceira fase aconteceu entre 1956 e 1964, para sermos mais precisos, no final da década-

da de 1950 até 1964. 1956 é o início do governo de Juscelino Kubitscheck, que vai deliberadamente assumir a postura desenvolvimentista e, em 1964, há ruptura da mobilização popular, com o golpe militar. A quarta fase vai acontecer após 1964 e, com mais ênfase, a partir de 1968."<sup>56</sup>

Na fase de 56 a 64, o Desenvolvimento da Comunidade foi incorporado no Brasil, com interesses políticos e econômicos internacionais (Estados Unidos da América) e também com interesses desenvolvimentistas nacionais (o governo Juscelino Kubitscheck). Portanto, havia interesses mútuos (Estados Unidos e Brasil) na expansão do sistema industrial capitalista. Os Estados Unidos da América se preocupava com os países pobres, pois via-os como susceptíveis de serem facilmente cooptados pelo comunismo, devido às suas condições de subdesenvolvimento. Assim, decidiu "contribuir" no processo de desenvolvimento das potencialidades capitalistas desses países, diminuindo a possibilidade de penetração comunista. Uma das vias dessa "ajuda" foram os programas de Desenvolvimento de Comunidade.<sup>57</sup>

A Organização das Nações Unidas definiu e organizou o "método" de Desenvolvimento da Comunidade a partir das noções de Organização de Comunidade, baseou-se em teorias econômicas e técnicas de planificação.<sup>58</sup>

Assim, Desenvolvimento de Comunidade significava aliar os esforços da população e do governo para "melhorar" a situação

econômica, social e cultural de suas comunidades, integrando-as na vida nação, para contribuir no progresso nacional. Para chegar a essa condição é necessário dois elementos:

"a participação do povo nos esforços para elevação do seu nível de vida, baseada na sua própria iniciativa, e fornecimento de assistência técnica e de outros serviços para desenvolver esta iniciativa; a ajuda mútua e a assistência técnica e de outros serviços para desenvolver esta iniciativa; a ajuda mútua e a assistência podem ser expressas em programas visando a uma grande variedade de campo de melhoramentos."<sup>59</sup>

Esta definição deixa claro que o Desenvolvimento de Comunidade não é campo exclusivo do Serviço Social. Mas a própria Organização das Nações Unidas afirmou a importância da profissão no processo Desenvolvimento de Comunidade, assim exerceu influência no caráter internacional da profissão.

Em 1954, o Desenvolvimento de Comunidade assume caráter de método no Serviço Social brasileiro, passando a ser denominado por Helena Tracy Junqueira de "Serviço Social de Comunidade", durante a Convenção da Associação Brasileira de Escola de Serviço Social (ABESS).<sup>60</sup>

Durante o período de 1956 a 64, o Serviço Social é fruto da ideologia desenvolvimentista. O desenvolvimento econômico nacional foi meta prioritária do governo Kubitscheck e os Assistentes Sociais não deixaram o Serviço Social fora desse

processo vivenciado pela realidade brasileira. O Serviço Social então, penetra no processo de desenvolvimento nacional, pois assim, sua prática corresponderia à realidade vivida pelo Estado e pelo povo brasileiro. Além da prática, o Serviço Social também procura construir teoria adequada à realidade. As teorias importadas não davam conta de todo um contexto sul americano "subdesenvolvido". Dessa forma, o primeiro passo do Serviço Social para a reconceituação foi movido pela teoria e prática desenvolvimentista.

Antonio Geraldo de Aguiar mostra que:

"... a partir do governo de Juscelino Kubitschek, principalmente no seu final, que o Serviço Social entre incisivamente no trabalho e na comunidade, e assume a postura desenvolvimentista."<sup>61</sup>

Comentando a respeito de uma nova consciência teórica impulsionada pelas idéias desenvolvimentistas, Balbina Ottoni Vieira diz:

"a consciência crítica do Serviço Social surgiu aos poucos e à medida que a idéia de desenvolvimento, sua natureza, seus aspectos e processos levaram a estudos mais aprofundados. Apoiados sobre valores, os Assistentes Sociais perceberam o que podia haver de destruidor numa ideologia desenvolvimentista exclusivamente econômica e tecnológica."<sup>62</sup>

Assim, os Assistentes Sociais criticam a concepção estritamente economicista do desenvolvimento,

"reclamando uma visão global de homem, que o colocasse como meta prioritária e não apenas, ou principalmente, como recurso humano para a produção. Defendia, inclusive, o seu direito a um processo de desenvolvimento de caráter participativo."<sup>63</sup>

Evidentemente, que essa "visão global do homem" restringia-se aos aspectos políticos, sociais e econômicos. Não significava uma visão integral do homem, como se compreende sob a ótica ecologista.

Por outro lado, essa "visão global" tem o mérito de reclamar melhor qualidade de vida à população que vive na realidade subdesenvolvida, bem como retomar a necessidade humana de participar. Ainda que essa visão de participação seja limitada, possibilitou pensar melhor o conceito de participação, sobre o qual não falaremos aqui.

De um lado, a nível heurístico, havia críticas ao processo de desenvolvimento econômico. Por outro lado, a nível de prática, o Serviço Social,

"colaborou, não raro com planos e projetos resultantes de outras filosofias (as contradições estão sempre presentes), algumas vezes talvez apoiando inteiramente a iniciativa, por convicção ou por falta de senso crítico, outras



vezes, consciente de que o Serviço Social é parte de um todo conjuntural e que a opção de isolar-se preferiu a de participar, embora com ressalvas."<sup>64</sup>

O Serviço Social, ao penetrar na dinâmica desenvolvimentista, pensa avançar em termos de conhecimentos para a profissão e "caso não se engaje no discurso e nas práticas mantidas pelos demais técnicos em termos de desenvolvimento nacional será inevitavelmente postergado."<sup>65</sup> Somente mais tarde, com a reconceituação do Serviço Social percebe os limites das idéias desenvolvimentistas.

Em termos metodológicos, a ênfase foi dada na abordagem de Serviço Social de Comunidade. O Serviço Social de Casos foi sendo deixado de lado (pelo menos no discurso), devido à necessidade de uma "atuação mais ampla" a nível estrutural. Esse pensamento revela idéia disjuntiva em que envia o indivíduo à psicologia ou submete-o à "realidade mais ampla". Para o pensamento da época aquela concepção representou um grande avanço, na compreensão do homem e da sociedade.

Neste momento da história do Serviço Social e de seu processo de formação teórica, combina-se implicitamente elementos da teoria funcionalista, da filosofia neotomista e da ideologia desenvolvimentista.

De qualquer forma, os primeiros passos do Serviço Social para reconceituação foi movido por um conjunto de avanços e retrocessos, submissões e autonomias, desvios, antagonismos e coerências. Isso significa dizer que, não foi apenas um fato ou

fenômeno que enviou o Serviço Social à reconceituação, foram vários aspectos diferentes.

É pois, necessário dizer que o Serviço Social passou por uma crise teórico-metodológica. Mas foi a crise que possibilitou a geração da mudança. Na realidade, não poderia sobreviver e evoluir sem passar por um processo de conflitos e desordens. O paradigma da complexidade tem mostrado que a evolução nasce de desordens que perturbam todo o **sistema** até então integrado. Pode-se dizer que isso ocorreu com o Serviço Social e, que a desordem geral do próprio Serviço Social, conviveu com a geração de pensamento e práticas novas, no processo de sua organização. Toda essa dinâmica diz respeito a "auto-eco-organização" da profissão. "A crise é um momento indeciso e ao mesmo tempo decisivo."<sup>66</sup> A crise vivida pelo Serviço Social movimentou forças que geraram a transformação, a qual foi manifestada pela reconceituação.

Desde as primeiras "integrações" teóricas (o modelo franco-belga), o Serviço Social brasileiro não se conformou com suas teorias e métodos. O Serviço Social passou por diferentes crises em sua história. Inicialmente usou os conhecimentos Franco-Belga. Esses conhecimentos se tornaram limitados face a certas exigências da prática profissional. A possibilidade mais evidente, naquele momento, de adquirir melhores métodos e técnicas, foi adotar os conhecimentos desenvolvidos pelo Assistente Social norte-americano. Então o Modelo Psico-Social, o Modelo Funcional e o Modelo Solução de Problemas foram instrumentos da prática de muitos Assistentes Sociais.

Depois, aos poucos, foi-se percebendo que esses conhecimentos importados, quer franco-belgas, quer norte-americanos, muito pouco tinham em comum com a prática e a realidade vivida pelos Assistentes Sociais brasileiros. Assim, na dinâmica interna do Serviço Social proclamou-se e desejou-se uma teoria de acordo com a realidade brasileira.

A via para a mudança e para que a profissão não degenerasse, foi integrar-se no processo de desenvolvimento. Pois, este era visto, na época, como um processo que geraria profundas transformações. O Serviço Social, além de estar passando por um momento crítico, não poderia ficar alheio ao pensamento desenvolvimentista. Assim, penetrou nesse processo construindo um "método" próprio (Serviço Social de Comunidade) e investindo na prática profissional. Depois, a ideologia desenvolvimentista foi desmistificada pela falácia dos planos executados. Outros fatores como: o impacto da ampliação das teorias nas ciências sociais; o êxito dos movimentos revolucionários Latino-Americanos (Cuba - 1959 e Chile - 1970); a divulgação no meio acadêmico da teoria marxista, coloca o Serviço Social em auto-crítica, revê posições e abandona a ideologia desenvolvimentista. Reinicia um processo de críticas profundas e radicais a todo o conjunto teórico-metodológico que eram dominantes no Serviço Social. Passou a chamá-los de "tradicionais". A busca de novos caminhos ideológicos passou a representar o horizonte do Serviço Social, característica do movimento de reconceituação.

Acredito que a história do Serviço Social é um constante devir. As idéias inovadoras da profissão, no princípio aparecem como "desvio". Um Serviço Social criativo sempre parecerá, às idéias dominantes, como "desvio".

Hoje, estou aqui, novamente propondo idéias, propondo novas concepções e consciente que poderão também serem criticadas, revistas e ultrapassadas. É fundamental nos autocriticar e permitir críticas de outras para ultrapassarmos limites, simplificações e construirmos possibilidades.

### 1.3 A RECONCEITUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL

A reconceituação como movimento surge na década de 60, constituiu-se um processo de crítica aos referenciais filosóficos, teóricos e metodológicos adotados pelo Serviço Social. Este movimento objetivava romper com os referenciais de origem norte-americana, cujos conteúdos foram considerados inoperantes na realidade brasileira e assim, manifestam-se novas orientações metodológicas.

Myrtes de Aguiar Macedo entende a Reconceituação como:

"um movimento de mudanças nos fundamentos filosóficos e científicos do Serviço Social, num esforço de busca de respostas adequadas à problemática social do contexto latino-americano, a partir das novas posições epistemológicas e contribuições das Ciências Sociais contemporâneas."<sup>67</sup>

O Movimento da Reconceituação realizou profundas rupturas a nível de objeto, objetivo, filosofia, teoria e método. Essas mudanças podem ser percebidas em três grandes seminários realizados no decorrer da década de 60 e 70: o Seminário de Araxá, o Seminário de Teresópolis e o Seminário de Sumaré.

### 1.3.1 Primeira Fase do Movimento de Reconceituação: década de 1960

Em 1967 realizou-se o "Seminário de Araxá" (MG), o qual teve como objetivo essencial construir a teoria básica do Serviço Social, respeitando a realidade brasileira. Nesta perspectiva este tem como meta contribuir no processo de desenvolvimento nacional. O Seminário de Araxá foi fundamental para a profissão pois procurou construir novos conhecimentos para o Serviço Social a partir da realidade brasileira. O Documento produzido neste Seminário, denominado "Documento de Araxá", foi analisado posteriormente por "Sete Encontros Regionais". Essas discussões trouxeram à tona a necessidade de desenvolver um estudo sobre a metodologia de Serviço Social.

A Metodologia do Serviço Social, em 1970, foi o tema do "Seminário de Teresópolis". Neste Seminário aprofundou-se ainda mais os conhecimentos de Serviço Social na realidade brasileira. Este encontro também foi considerado muito significativo para a profissão com repercussão internacional, tal documento possui versão em diversas línguas.

Os dois Encontros representam marcos históricos para o Serviço

Social brasileiro. Esses documentos foram revistos em seus conteúdos teórico-metodológicos pela 2ª fase do movimento de reconceituação. Hoje, podemos considerar o Documento de Araxá e o Documento de Teresópolis, como literatura clássica do Serviço Social brasileiro.

Os Documentos de Araxá e de Teresópolis se inserem em um movimento de renovação do Serviço Social no Brasil, na medida que questionam os pressupostos tradicionais da profissão.

Com esses documentos, percebe-se com clareza a presença da concepção científica (mecanicista-reducionista) no Serviço Social. Pois, concebem que a realidade é ordenada sob a constatação de variáveis constatáveis e verificáveis. A prática passa a ser empirista, pois, é assumida como intervenção na realidade. Esta objetiva a superação do subdesenvolvimento e se direciona para modernização do país.

Os pressupostos filosóficos possuem bases no idealismo humanista cristão (o neotomismo), na teoria estrutural-funcionalista e na ideologia liberal desenvolvimentista.

### **1.3.2 Segunda Fase do Movimento de Reconceituação: década de 1970**

Em 1978 foi realizado o "Seminário de Sumaré", o qual objetivava continuar os estudos teóricos sobre Serviço Social iniciados com o Seminário de Araxá. Também objetivava apresentar, à comunidade científica, as novas propostas emergidas no Ser-

viço Social, bem como desenvolver um esforço crítico da produção anterior visando avançar teoricamente. Neste Seminário surgem novas proposições teórico-metodológicas para o Serviço Social.

Destacam-se três grandes linhas de pesquisas no Serviço Social: positivismo/funcionalismo (já existente), dialética marxista e fenomenologia. Atualmente surge um sub-enfoque que pode ser denominado de marxismo renovador. O qual se tornou uma quarta linha de pesquisa em Serviço Social (tem como base as idéias Gramscianas e a "teoria da cotidianidade" de Agnes Heller), que poderá talvez ser considerada uma terceira fase do Movimento de Reconceituação.

Destacam-se, nessas linhas, vários autores, bem como algumas ramificações. Como não é o objetivo desta pesquisa estudar as diferentes ramificações e seus respectivos autores, limito-me a mencionar a fenomenologia existencialista e a dialética marxista. Assim, decidi destacar um autor por linha de pensamento. Convém dizer que a obra e autor escolhidos é a título de representatividade na respectiva tendência no contexto global do Serviço Social brasileiro.

#### 1.3.2.1 Fenomenologia

Nesta linha de pesquisa destaquei a obra "Possibilidades e Limites do Serviço Social" de Anna Augusta de Almeida. Comentarei as principais idéias da autora que venham a interessar a esta pesquisa.

Para a autora, a subjetividade humana deve ser alvo de atenção no Serviço Social, pois a subjetividade revela a singularidade "do ser". O Serviço Social deveria ser posicionado como auxiliar de abertura desse sujeito/existente, singular, em relação "aos outros, ao mundo de pessoas"<sup>68</sup>. Para a autora a ciência clássica exclui a subjetividade do homem, "exclui a vivência humana o irrefletido, como saber"<sup>69</sup>. É exatamente essa "subjetividade", isto é, o homem e suas experiências vividas que a autora aponta como o caminho para a construção do conhecimento, para a geração de um sentido de existência e para a busca de uma "Verdade".

Essa visão sobre ciência é peculiar à obra de Anna Augusta. A autora introduz um sentido singular e pessoal ao ser humano. Nessa perspectiva, o Serviço Social deve perceber o ser humano, suas relações com outros homens e com o mundo de forma dialetilizante, sem omitir a subjetividade.

Anna Augusta em sua metodologia, volta-se para a pessoa objetivando "pensar singular", cujo sentido é diferente do individualismo, este se preocupa com o indivíduo no sentido de satisfazer suas necessidades materiais. Pensar o singular significa ser capaz de ver um mundo de pessoas "onde cada um tem seu sentido de si, ao mesmo tempo que do todo, numa perspectiva diferente do conjunto orgânico."<sup>70</sup>

Para a autora o Serviço Social assume o compromisso de procurar fazer com que os homens sejam sujeitos na sociedade e que ao perseguir um projeto provoque transformação.



Anna Augusta propõe uma "Metodologia pensada a partir da descoberta, no processo de ajuda psicossocial, de um sentido novo"<sup>71</sup>. Também admite a possibilidade de um "modelo individual".

A autora propõe uma metodologia que tem como marco referencial três conceitos básicos: diálogo, pessoa e transformação social.

#### a) O Diálogo

O diálogo é um instrumento de ajuda profissional no processo gerador de transformação.

Para a autora o diálogo, "como ajuda psicossocial", constitui-se num processo onde Assistente Social e Cliente realizam uma experiência", na qual assume-se uma "posição de análise crítica frente à realidade", cujos elementos fundamentais a serem seguidos são: "a percepção e a forma de consciência... e a aplicação de ambos... a partir da SEP (situação existencial problematizada)"<sup>72</sup>.

O diálogo, para a autora, é um processo completamente diferente daquele vivido pelo Serviço Social funcional, neste o Assistente submete o cliente a decisões pré-determinadas objetivando adaptá-lo. No diálogo, há uma experiência compartilhada entre Assistente Social e Cliente, na qual emerge o espírito de colaboração na pesquisa e descoberta.

No processo dialógico a atuação do Assistente Social consiste em tornar o cliente sujeito de uma experiência. Não se trata de impor idéias sobre outro, mas de realizar uma

experiência criativa. O diálogo é um encontro entre Assistente Social e cliente em que se permite a dialetização crítica necessária ao processo de conhecimento.

Deste modo, no diálogo se estabelece a relação sujeito-sujeito, na qual o conhecimento de um não prevalece sobre o outro. Ocorre sim, uma troca de saberes.

#### b) A Pessoa

A pessoa como cliente "é reconhecido pela sua condição humana e não enquanto oprimido, alienado, desajustado. Pessoa para a proposta é o homem total que é sujeito, logo racional e livre. A ajuda psicossocial é oferecida à pessoa como tal"<sup>73</sup>.

A pessoa enquanto sujeito e singularidade, coloca-se como problemática no social. O Serviço Social, para a autora, irá trabalhar profundamente com personalidade a nível de compreensão. O Assistente Social se instrumentará no diálogo para concretizar a ajuda psicossocial.

A autora critica o sentido de pessoa de modelo franco-belga e do modelo funcional. Especificando que aceita a singularidade do sujeito como assistido não satisfaz sua proposta. Para a autora "admitir singularidade é admitir interrogações, as dúvidas, os desvios, assim como é admitir compreensão, participação, confiança"<sup>74</sup>.

#### c) A Transformação Social

A transformação social implica em uma capacitação provocada pelo diálogo, no qual o esforço intencional esteja vol-

tado para o conhecimento de si, do outro e do mundo, ou seja, a transformação "exige a saída de si para uma abertura de horizontes"<sup>75</sup>. Implica também, em níveis diferentes de crescimento pessoal, conforme a compreensão da realidade.

A transformação social passa pelo descobrimento de um sentido novo de uma análise crítica, na qual o mundo passa a ser visto de uma nova maneira, assim procura-se alternativas e opta-se por um projeto.

A transformação, na ótica de Anna Augusta de Almeida, é provocada por uma metodologia, que sua vez somente é possível de ser vivenciada pelo diálogo.

A "Metodologia Dialógica" é vivenciada em cinco movimentos.

#### 1. OBJETIVAÇÃO DA SEP (SITUAÇÃO EXISTENCIAL PROBLEMATIZADA)

Este primeiro movimento caracteriza-se pelo conhecimento da socialidade, a qual "é uma atividade no diálogo gerado pelo cliente ou pelo Assistente Social, a partir da colocação de uma Situação Existencial Problematizada como fenômeno social".

Neste movimento, realiza-se a primeira aproximação entre Assistente Social e Cliente. O diálogo é primordial que ocorra a manifestação da situação existencial.

"Na experiência, a objetivação é desenhada em nível empírico pelo cliente, como descrição do seu vivido, imposto pela sua percepção, preche de sentido e propósitos; pelo Assistente Social, como um objeto de estudo ou pólo de ve-

rificação"<sup>76</sup>.

Enfim, neste primeiro, o Assistente Social procura captar a situação existencial vivida pelo cliente através da comunicação dialogada, procurando sempre "assumir a posição de sujeito da experiência"<sup>77</sup>. Objetivando a Situação Existencial Problematizada, o diálogo direciona-se para a análise-crítica.

## 2. ANÁLISE-CRÍTICA DA SITUAÇÃO EXISTENCIAL PROBLEMATIZADA

Segue a comunicação entre Assistente Social e Cliente pelo diálogo, mas com características diferentes do movimento anterior. Neste momento, a discussão possui o conteúdo de análise-crítica da situação existencial, ou seja, é a própria problematização da situação existencial feita entre sujeitos (Assistente Social e Cliente). Procura-se interrogar e entender os diversos elementos e combinações da Situação Existencial Problematizada.

Neste movimento, exige-se o esforço de olhar para o objeto (Situação Existencial Problematizada), a pessoa e o social em que vive, procurando sempre descobrir, através de interrogações e análises, as diversas conexões e contradições presentes na percepção da Situação Existencial Problematizada. Inclusive, compreende a afetividade presente na realidade interna pessoal". Existe a exigência metodológica de "eleger uma base teórica com o cliente para situá-lo no mundo, compreender o tempo em que vive, interpretar e

questionar a própria cultura, redimensionar dialeticamente sua responsabilidade e formas de participação"<sup>78</sup>.

Acredito que este movimento da metodologia de Anna Augusta de Almeida é o mais difícil, tanto para o Assistente Social como para o cliente. Pois exige o esforço de inclinar-se para a Situação Existencial Problematizada no sentido cognitivo, afetivo e de percepção pela consciência, sobre a qual é muito arriscado tentar interpretar.

### 3. SÍNTESE-CRÍTICA DA SITUAÇÃO EXISTENCIAL PROBLEMATIZADA

A análise-crítica da Situação Existencial Problematizada direciona-se para uma síntese. A síntese é uma atividade de retotalização da Situação Existencial Problematizada, ou seja, é uma organização globalizada e sintética das três direções articuladas na análise-crítica.

A síntese possui o efeito de capacitar o cliente a: "perceber a situação global em que se encontra ao apreender as realidades sociais situadas num contexto maior, identificar o sentido de todo, o sentido de ontem e o seu próprio sentido e também, preparar-se para eleger uma alternativa e tomar uma decisão."<sup>79</sup>

### 4. CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO

Depois de realizar a síntese-crítica, metodologicamente ocorre a construção de um projeto.

A construção de um projeto é o movimento em que se realiza uma opção. Alternativas são levantadas objetivando inter-

vir ativamente na realidade. Toma-se uma decisão, procura-se transformar a situação existencial e também chega-se a um conhecimento. Como diz a autora, o projeto "é uma atividade de criatividade gerada na seqüência do diálogo. Distingue-se por privilegiar na temporalidade a relação presente-futuro de uma proposição de intervenção na realidade objetivada uma práxis humana (conhecer-saber-agir)."<sup>80</sup>

#### 5. RETORNO-REFLEXIVO

O retorno-reflexivo é uma atividade realizada pelo Assistente Social e Cliente objetivando analisar o significado da experiência vivida. É criticar todo o processo de ajuda e verificar as possibilidades de se continuar ou não.

Diz a autora:

"o quinto momento é uma atividade de comunicação na seqüência do diálogo que consiste em questionar os resultados, comparar o que foi alcançado com o que pretendia alcançar. Exige organização de critérios, indicadores ou evidências que são aceitas como garantia de que o alcançado atingiu, em parte ou totalmente, o possível ou um novo Explícita ou simplesmente deverão apresentar sinais de expressão (consciência de si) e intenção (consciência crítica)."<sup>81</sup>

### 1.3.2.2 Materialismo histórico e dialético

Na reconceituação o materialismo histórico e dialético exerceu forte influência no Serviço Social. Essa visão se fundamenta basicamente em dois pensadores marxistas contemporâneos Gramsci e Althusser.

Nessa tendência o Serviço Social é conhecido como "Trabalho Social Libertador". Ou seja, o Serviço Social se refere a uma práxis libertadora que implica no rompimento com o sistema de dominação capitalista através de um projeto de transformação da sociedade e realização do homem. O objeto do Serviço social são as relações sociais, onde ocorre a ação do homem oprimido e dominado. Os objetivos do Serviços Social são de conscientização, organização, participação e mobilização, na tentativa de superar as metas clássicas de assistência e promoção do homem.

Entre os principais representantes desta tendência, destacam-se: Vicente de Paula Faleiros, Safira Bezerra Amann, Marilda Ianamoto, Aldaiza de Oliveira Sposati, Maria Luiza de Souza, Grupo de Docentes de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais e Nobuco Kamayana, entre outros. Nem todos esses autores formularam uma metodologia sistematizada para o Serviço Social a partir do referencial teórico marxista, mas publicaram livros ou artigos significativos para a profissão a partir desse referencial.

A título de exemplificação, descreveremos a metodologia de

Nobuco Kamayana. A autora apresenta uma metodologia a partir do estudo da prática profissional transformadora do Serviço Social. Teoricamente a prática não transformadora é aquela usada antes da reconceituação, cujas metas profissionais são a assistência sem um compromisso político com a classe trabalhadora. Constata-se que essa concepção tradicional de praticar o Serviço Social, ainda está presente nos dias de hoje.

Nobuco afirma que a prática profissional pode ser entendida "como um conjunto de atividades peculiares de cada profissão, existem aspectos de suas práticas que estão relacionados com as dimensões estruturais e conjunturais da realidade. Dessa forma, a prática profissional torna-se subsidiária da prática política, quer seja na perspectiva de manter o "status quo", quer seja na perspectiva de transformação da realidade."<sup>82</sup>

No que diz respeito à prática do Serviço Social, a autora afirma que ela precisa ser "crítica, consciente e participadora, baseada no conhecimento da realidade."<sup>83</sup>

Descrevendo a respeito da dificuldade de realizar uma prática transformadora em instituições públicas ou privadas, a autora considera uma prática possível, nessas instituições, a ocupação de brechas e espaços deixados pelo sistema. Ainda que, essa linha seja limitada - não só pelo funcionamento de sua estrutura, mas também pelo tipo de clientela e pela predominância das funções vinculadas à prestação de serviços - é preciso ser analisada juntamente com a clientela a natureza desses serviços. Os quais constituem um direito da população



quer seja qualitativamente ou quantitativamente.

Dessa forma, o assistente social pode, individualmente ou em grupo, estimulá-los a reivindicar seus direitos e assim, obter algumas formas de organização autônoma e que possam vir a se incorporar aos movimentos sociais maiores.

Nobuco chama a atenção para que as elaborações teóricas do Serviço Social se realizem sobre as experiências concretas de organização e mobilização popular que se desenvolvem no contexto nacional, regional e local.

A postura teórica/metodológica exigida pela autora, "consiste em acreditar que é sobretudo na prática que residem as explicações teóricas das questões básicas do Serviço Social."<sup>84</sup>

Enfatiza que sua proposta metodológica é um projeto coletivo que emergiu de sua vivência prática.

A metodologia de ação, para a autora, compõe-se de três momentos, os quais não são estanques, eles se inter-relacionam.

#### 1º MOMENTO - CONTATO COM A CLIENTELA

Este primeiro contato tem como objetivo conhecer as especificações e características concretas de indivíduos, grupos ou populações.

#### 2º MOMENTO - NUCLEAÇÃO OU GRUPALIZAÇÃO

A autora define este segundo momento como "um processo de grupalização de tipo educativo que através do desenvolvimento

de uma atividade de interesse imediato e específico é capaz de desenvolver uma prática de qualidade superior superando o particular e abrindo-se para outros grupos."<sup>85</sup>

Na nucleação o assistente social poderá definir a Unidade de Ação em termos de categorias sociais, bairro e categoria profissional.

A categoria social é a classificação da clientela podendo ser por idade, sexo, raça ou situação comum (doente, gestante, idoso, deficiente físico, deficiente mental, etc.).

O Bairro é o espaço geográfico. A autora comenta a grande heterogeneidade das populações do bairro no que diz respeito à integração das pessoas no processo produtivo. Mas existe, uma certa homogeneidade em relação ao nível de vida. Diz a autora que isso ocorre "porque a maioria da população é gente pobre, o que quer dizer local de gente que tem baixa capacidade de consumo. Dessa forma o interesse comum gira em torno do consumo (...) alimentação, habitação, saneamento básico, equipamento coletivo, etc."<sup>86</sup>

A categoria profissional, para a autora, é quando os trabalhadores têm interesses coletivos a defender e só podem defendê-los eficazmente na medida que se associam. Geralmente começam com reivindicações de consumo ou para criarem associações. Para finalizar a autora diz: "sentir-se um todo é fundamental na formação da consciência social, que é a percepção realista dos problemas da comunidade ou da categoria e das estruturas sociais."<sup>87</sup>

### 3º MOMENTO - ARTICULAÇÕES COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS E PARTI- DOS POLÍTICOS

Para a autora é através da negação do sistema que é possível chegar a formas superiores de organização popular com o objetivo de transformar a sociedade. O importante é o "fator aprendizagem de novos processos de ação coletiva e manejo de novos instrumentos que levam as populações a criarem estruturas autonomamente geridas e que estabeleçam progressivamente sua próprias formas de representatividade."<sup>88</sup> Isso pode ser realizado através de programas a nível local, regional e nacional ou de incorporação nos movimentos sociais.

Além da influência do pensamento de Althusser e Gramsci, os teóricos contemporâneos Luckás e Agnes Heller também estão exercendo influência no Serviço Social. (não é nosso objetivo demonstrar como ocorre essa influência)

#### 1.4 OS LIMITES DO SERVIÇO SOCIAL

Procuraremos neste item apontar alguns limites do Serviço Social a partir da Ecologia Política.

A Metodologia Dialógica apesar de se esforçar em superar a concepção cientificista presente nos Documentos de Araxá e Teresópolis, recai na armadilha da cientificidade, devido à necessidade profissional de ser reconhecida pela comunidade científica como geradora de conhecimento. Pois, a produção teórica do Serviço Social muitas vezes foi vista como de

"baixo nível teórico", Anna Augusta aponta a necessidade emergente dos Assistentes Sociais analisarem teoricamente suas práticas. Não discordamos da autora neste aspecto, no entanto, Anna Augusta mostra sua preocupação em apresentar a seriedade do trabalho feito pelo Serviço Social, e o faz de acordo com o padrão usual de cientificidade quando diz o seguinte:

"Vamos tentar chegar às duas dificuldades consideradas como barreiras para o Serviço Social atingir o estatuto da cientificidade que lhe é negado: uma, o Assistente Social trabalha com instrumentos de empréstimo; e o pensar sobre o individual que lhe impede de fazer a teoria de sua prática, a outra."<sup>89</sup>

Por outro lado, deseja provar à comunidade a seriedade do trabalho desenvolvido pelo Serviço Social e para provar a esta comunidade é necessário recorrer a seus padrões de cientificidade.

Outro aspecto importante é a possibilidade de Metodologia Dialógica e da Metodologia de Nabuco se tornarem "receitas", isto é, fechar-se em si mesma. Embora as autoras digam existir e possibilitar a abertura, a metodologia é composta por movimentos, os quais contém exigências para serem concretizadas. As autoras não fazem referência à possibilidade dessas exigências serem flexíveis, somente fica claro a abertura para "vontade do cliente" e as autoras também não mencionam a possibilidade de ocorrer o inesperado e que este exige habi-

lidade, perspicácia e estratégia metodológica do Assistente Social, que varia conforme a situação, não podendo ser prevista o que muitas vezes, a metodologia programada é limitada. Chama-se a atenção para este fato, pois a metodologia deve ser vista na sua substância e não como receita.

Outra questão importante é em relação ao dualismo sujeito-objeto. Anna Augusta de Almeida diz que sua proposta metodológica:

"deve ser considerada como um exercício de busca dos passos metódicos do movimento que o pensamento realiza para suprimir a dualidade sujeito-objeto numa unidade dinâmica (Situação Existencial Problematizada), sem renunciar à exigência de controle crítico de seu modo de proceder e de seus resultados."<sup>90</sup>

Compreendo que a idéia da autora é ultrapassar a concepção tradicional de objeto no Serviço Social. Onde o homem era considerado o objeto da profissão. A autora argumenta que o homem deve ser visto como sujeito e não como objeto. Acredito que o homem (tanto o Assistente Social quanto o Cliente) devam ser considerados como sujeitos de suas experiências. No entanto, quero me referir aqui, ao sujeito/conceptor, ou seja, sobre o sujeito/assistente social. Como ele vem concebendo/interpretando sua prática? O sujeito/conceptor deve fazer o esforço para conhecer e analisar a si mesmo pois a natureza do objeto (problema social) está limitado pela percepção do sujeito/conceptor.

Para Anna Augusta a pessoa é entendida com "sujeito racional e livre" e não como desajustado, alienado ou oprimido. A pessoa deve ser vista em sua multidimensão, precisa ser concebido em sua complexidade. Sob o ponto de vista ecologista, não podemos privilegiar o racional pois, é uma forma de simplificar.

A metodologia de Anna Augusta e de Nabuco procuram ultrapassar o mecanismo da concepção adaptativa, mas, não ultrapassam a simplificação social. Ambas colocam o homem como o centro de suas práticas, não extrapolam o antropocentrismo. Dessa forma, não abordam a relação homem e natureza, e portanto não apontam a necessidade de ruptura com a racionalidade instrumental própria da sociedade industrial.

O crescimento das forças produtivas ocupa lugar privilegiado tanto entre os capitalistas como entre os revolucionários, estabelecendo apenas pontos diferenciados dos usos do crescimento. Este é um limite que o Serviço Social deve superar, uma vez que o ambiente degradado assume proporções perigosas para todos. Precisamos de um desenvolvimento equilibrado fundamentado em valores que empreenderá um novo crescimento onde não há destruição do ecossistema e da convivialidade humana.

As condições sociais que demonstram a degradação da vida (a miséria do homem) e da qualidade de vida clamam por um pensamento capaz de compreendê-la em sua multidimensionalidade.

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

<sup>1</sup>Esta delimitação de tempo foi feita por Anna Augusta de Almeida e adotada aqui a título de referência temporal.

<sup>2</sup>AGUIAR, Antonio Geraldo. Serviços Social e Filosofia. 3.ª ed. São Paulo, Cortez, 1985. p. 20.

<sup>3</sup>IAMAMOTO, Marilda. CARVALHO, Raul de. Relação sociais e serviço social no Brasil. 7.ª ed. São Paulo, Cortez, 1990. p. 171.

<sup>4</sup>CASTRO, Manuel Maurique. História do Serviço Social na América Latina. 2.ª ed. São Paulo, Cortez, 1987. p. 42.

<sup>5</sup>VIEIRA, Balbina Ottoni. História do Serviço Social. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Agir, 1978. p. 51.

<sup>6</sup>AGUIAR, Antonio. Geraldo. Op.cit., p. 39.

<sup>7</sup>FAUSTO, Bonis. A Revolução de 1930. In: MOTTA, Carlos Guilherme, org. Brasil em Perspectiva. 14.ª ed. São Paulo, Difel, 1984. p. 253.

<sup>8</sup>Política Cognitiva é a denominação dada por Guerreiro Ramos para designar "a corrente psicológica da sociedade centrada no mercado". É a política que difunde a mentalidade do mercado, fazendo com que o indivíduo aceite as regras predominantes sem nenhuma crítica. (Alberto Guerreiro Ramos, A nova ciência das organizações, Rio de Janeiro, FGV, 1981. p. 86-117).

- <sup>9</sup>CARVALHO, Raul. Modernos Agentes da justiça e da caridade. In: Serviço Social e Sociedade. São Paulo, Cortez, (4): 48, mar. 1980.
- <sup>10</sup>IAMAMOTO, Marilda. CARVALHO, Raul de. Op.cit. p. 172.
- <sup>11</sup>CASTRO, Manuel Maurique. Op.cit., p.98.
- <sup>12</sup>1º Relatório do CEAS. São Paulo, Arquivo de Escola de Serviço Social da PUC. Apud IAMAMOTO, Marilda & CARVALHO, Raul de. Op.cit. p. 172.
- <sup>13</sup>CASTRO, Manuel Maurique. Op.cit., p.98.
- <sup>14</sup>CARVALHO, Raul. Op.cit., p.48.
- <sup>15</sup>Para maior aprofundamento ver: IAMAMOTO, Marilda & CARVALHO, Raul. Relações Sociais e Serviço Social no Brasil. São Paulo, Cortez, 1985. p. 241-312.
- <sup>16</sup>Ibid, p. 315.
- <sup>17</sup>ALMEIDA, Anna Augusta. Possibilidades e limites do Serviço Social. 2ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980. p.67.
- <sup>18</sup>Ibid, p. 77.
- <sup>19</sup>Ibid, p. 92.
- <sup>20</sup>Ibid, p. 89.
- <sup>21</sup>Ibid, p. 83.



- <sup>22</sup>JORGE, Maria Raquel Tolosa. Metodologia do Serviço Social. In: TOFIK, Denise Sawaia & LEITE, Rosalina Santa Cruz. Questões políticas, sociais e metodológicas. São Paulo. PUC, s.d. p.3-III.
- <sup>23</sup>RICHMOND, Mary E. Caso social individual. Buenos Aires. Humanitas, 1962. p. 09.
- <sup>24</sup>JORGE, Maria Raquel Tolosa. Op.cit., p.3-III.
- <sup>25</sup>Ibid, p. 3-III.
- <sup>26</sup>OLIVEIRA, Lourdes Maria Moraes. O modelo funcional em serviço social de caso. In: Serviço Social e Sociedade. São Paulo, Cortez, (9): 102, ago. 1982.
- <sup>27</sup>JORGE, Maria Raquel Tolosa. Op.cit., p. 3-III.
- <sup>28</sup>OLIVEIRA, Lourdes Maria Moraes. Op.cit., p. 102.
- <sup>29</sup>DEBATES SOCIAIS. Rio de Janeiro, CBCISS, (109):63, s.d.
- <sup>30</sup>Ibid, p. 63.
- <sup>31</sup>ALMEIDA, Anna Augusta. Op.cit., p. 93.
- <sup>32</sup>DEBATES SOCIAIS. Op.cit., p. 70.
- <sup>33</sup>OLIVEIRA, Lourdes Maria de Moraes. Op. cit., p. 103.
- <sup>34</sup>Ibid, p. 104.

- <sup>35</sup> Ibid, p. 105.
- <sup>36</sup> JORGE, Maria Raquel Tolosa. Op.cit., p. 5-III.
- <sup>37</sup> Ibid, p. 5-III (a autora aprofunda o significado de tais elementos básicos que compõe o modelo solução de problema).
- <sup>38</sup> Maria Raquel Tolosa Jorge (op.cit.) apresenta uma síntese das idéias de Nadir Gouveia Kfourri contendo histórico, pressupostos teóricos e procedimento.
- <sup>39</sup> JORGE, Maria Raquel Tolosa. Op.cit., p. 6-III.
- <sup>40</sup> KONOPKA, Gisela. Serviço Social de Grupo. Zahar, São Paulo, 1963. p. 16.
- <sup>41</sup> KISNEMANN, Natálio. Sete estudos sobre serviço social. São Paulo, Cortez e Moraes, 1980. p. 20-21.
- <sup>42</sup> JORGE, Maria Raquel Tolosa. Op.cit., p. 6-III.
- <sup>43</sup> KISNEMANN, Natálio. Serviço Social de Grupo. Petrópolis, Vozes, 1980. p. 13.
- <sup>44</sup> LIMA, Boris Alexis. Contribuição à metodologia do serviço social. 3. ed. Minas Gerais, Interlivros, 1978, p.68-69.
- <sup>45</sup> VIEIRA, Balbina Ottoni. Serviço Social - processos e técnicas. Op. cit., p. 159.
- <sup>46</sup> ALMEIDA, Anna Augusta. Op.cit., p. 79.

- <sup>47</sup>VIEIRA, Balbina Ottoni. Serviço Social - processos e técnicas. Op.cit., p. 160.
- <sup>48</sup>Para aprofundamento ver: Maria Raquel Tolosa Jorge. Op.cit. A autora elabora uma síntese do pensamento sobre Serviço Social de Grupo nos EUA das décadas de 40 e 60. Inclusive sobre Serviço Social de Grupo na América Latina e no Brasil.
- <sup>49</sup>Ibid, p.12-III.
- <sup>50</sup>ALMEIDA, Anna Augusta. Op.cit., p. 79.
- <sup>51</sup>KONOPKA, Gisela. Op.cit., p. 127.
- <sup>52</sup>Ibid, p. 64.
- <sup>53</sup>Ibid, p. 36.
- <sup>54</sup>Ibid, p. 33.
- <sup>55</sup>Ver o significado de cada denominação em: Documento de Araxá e NEVES, Antonieta de Aguiar. A nomenclatura diferenciada em comunidade. In: Serviço Social e Sociedade. São Paulo, Cortez, (4):101-117, dez. 1980.
- <sup>56</sup>AGUIAR, Antonio Geraldo. Op.cit., p. 68.
- <sup>57</sup>Sobre o processo de penetração internacional, no Brasil, do Desenvolvimento de Comunidade e a relação com o Serviço Social ver: AMANN, Safira Bezerra. Ideologia do Desenvolvimento de Comunidade no Brasil. São Paulo, Cortez, 1981. 176p.
- <sup>58</sup>LIMA, Boris Alexis. Op.cit., p. 70.

- <sup>59</sup> Apud, Balbina Ottoni Vieira. Serviço Social - processos e técnicas. Op.cit., p. 249.
- <sup>60</sup> Ver Antonio Geraldo de Aguiar. Op.cit., p. 88.
- <sup>61</sup> AGUIAR, Antonio Geraldo. Op.cit., p. 90.
- <sup>62</sup> VIEIRA, Balbina Ottoni. Historia do Serviço Social. Op.cit., p. 156.
- <sup>63</sup> JUNQUEIRA, Helena Iracy. Quase duas décadas de reconceituação do Serviço Social: uma abordagem crítica. In: Serviço Social e Sociedade. São Paulo, Cortez, (4):06, dez. 1980.
- <sup>64</sup> JUNQUEIRA, Helena Iracy. Op.cit., p. 06.
- <sup>65</sup> AMANN, Safira Bezerra. Op.cit., p. 78.
- <sup>66</sup> MORIN, Edgar. Sociologia. Lisboa, Europa-América, s.d., p. 115.
- <sup>67</sup> MACEDO, Myrtes de Aguiar. Reconceituação do Serviço Social. São Paulo, Cortez, 1981. p. 13.
- <sup>68</sup> ALMEIDA, Anna Augusta. Op.cit., p. 144.
- <sup>69</sup> Ibid., p. 113.
- <sup>70</sup> Ibid., p. 115.
- <sup>71</sup> Ibid., p. 116.

<sup>72</sup>Ibid., p. 117.

<sup>73</sup>Ibid., p. 119.

<sup>74</sup>Ibid., p. 120.

<sup>75</sup>Ibid., p. 121.

<sup>76</sup>Ibid., p. 123.

<sup>77</sup>Ibid., p. 124.

<sup>78</sup>Ibid., p. 127.

<sup>79</sup>Ibid., p. 129.

<sup>80</sup>Ibid., p. 129.

<sup>81</sup>Ibid., p. 130.

<sup>82</sup>KAMAYANA, Nobuco. A prática profissional do Serviços Social. Serviço Social e Sociedade. São Paulo, Cortez, nº 6, set. 1981.

<sup>83</sup>Ibid., p. 147.

<sup>84</sup>Ibid., p. 151.

<sup>85</sup>Ibid., p. 152.

<sup>86</sup>Ibid., p. 153.

<sup>87</sup>Ibid., p. 154.

<sup>88</sup>Ibid., p. 155.

<sup>89</sup>ALMEIDA, Anna Augusta. Op.cit., p. 21.

<sup>90</sup>Ibid., p. 116.

## 2. O IMPACTO DA CRISE SÓCIO-ECOLÓGICA SOBRE O PENSAMENTO SOCIAL: NOVOS HORIZONTES

Este capítulo está dividido em duas partes. Na primeira descreverei o que vem a ser Ecologia Política. Entende-se que a questão da preservação da vida é uma opção política-ideológica. Ela questiona os valores da sociedade industrial consumista e procura demonstrar que a resposta para muitos problemas pode estar dentro de nós mesmos. Pois, o posicionamento eco-político supõe uma revisão de atitudes, valores e teorias.

Em um segundo momento especificarei o que consiste o Pensamento Complexo. Abordando a idéia de pessoa, de consciência e transformação, de sistema e de método. A idéia de complexidade está diretamente ligada à rejeição do pensamento reducionista. Para interpretá-la podemos estar correndo o risco de simplificá-la. Com efeito a pluralidade da vida social se fundamenta numa antropologia da complexidade (Morin).

É importante lembrar que não pretendo propor "modelos" para serem seguidos pelo Serviço Social, mas simplesmente

sugerir pistas de análise da realidade onde a prática do Serviço Social é desenvolvida.

## 2.1 ECOLOGIA POLÍTICA NOS SEUS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Existem diferentes concepções de Ecologia que, ao longo do tempo foram se construindo e se complexificando. Para entender a evolução do pensamento ecológico e a abrangência que adquiriu hoje, torna-se necessário expor essas diferentes concepções. Isso não implica necessariamente que uma é independente da outra.

No quadro atual do pensamento ecológico constata-se: Ecologia Natural, Ecologia Humana e Ecologia Social ou Política.

A Ecologia Natural como disciplina científica, surge em meados do século XIX, no seio da biologia. O biólogo alemão Ernest Haeckel conceitua a ecologia, pela primeira vez como disciplina que objetiva estudar as relações dos organismos vivos e o meio ambiente.

Os seres vivos não vivem isolados, pelo contrário vivem em conjunto e se relacionam de forma complexa. A população é o conjunto de seres da mesma espécie que vivem numa mesma área. Por sua vez, o conjunto de populações que vivem numa certa área (por exemplo os diversos seres que habitam um lago ou uma floresta), chama-se biocenose. A biocenose sofre influência das diversas mudanças do ambiente físico, como



a luz, a temperatura, a variação da umidade, o solo, etc. Esse ambiente físico onde habitam os seres vivos se chama biótopo. A biocenose e o biótopo formam o que conhecemos por ecossistema.

Assim, a Ecologia Natural fundamentalmente "é a ciência das interações combinatórias/organizadoras entre cada um e todos os constituintes físicos e vivos do ecossistema."<sup>1</sup>

Ultrapassando as fronteiras biológicas e considerando variáveis que vêm de outras disciplinas (como geografia e ciência social), temos a Ecologia Humana.

A Ecologia Humana estuda as relações entre grupos humanos e o meio ambiente natural. Esta se diferencia da Ecologia Natural por ter como foco privilegiado o homem. A Ecologia Humana analisa como o ecossistema exerce influência sobre o ser humano, mais especificamente no que diz respeito à relação social e à formação da cultura, característica que outras espécies não possuem, somente o homem.

O homem é uma das inúmeras espécies que habitam o planeta Terra. Ele é o resultado de uma magnífica e espontânea geração da vida através de uma grande evolução ecossistêmica. Os ciclos geofísicos complexamente organizados possibilitaram a organização biológica. A influência dos ciclos geofísicos nos seres vivos é tão profunda que não podemos compreendê-los separadamente. A radiação solar, a gravitação e rotação da terra, variação da luz, da temperatura e da água criam uma ordem cíclica que os seres vivos assimilam como ordem

organizacional, base essencial da vida.

Os ciclos geofísicos e a organização estão sob a orientação conjugada da ordem cósmica. Isto é,

"a ordem relojoeira que faz rodopiar o nosso planeta constitui o fundamento de toda a organização viva, incluindo a antropossocial. Esta ordem determina o caráter cíclico das operações, ações, fecundações, nascimentos, crescimentos, desenvolvimentos, morfogênese, metamorfose. A vida transforma esta ordem cosmo-física numa ordem eco-auto-organizacional."<sup>2</sup>

Compreender a natureza como eco-auto-organizadora é admitir a indissolubilidade de duas concepções que por três séculos estiveram separadas. De um lado a idéia romântica de mãe-terra, cheia de bondade, beleza e por outro lado, a idéia de selva, cruel e cheia de armadilhas. Como diz Edgar Morin, "não é somente a desordem que é bárbara, a solidariedade também é cheia de servidão, alienação e exploração."<sup>3</sup>

A natureza organiza a vida com e contra bondade e barbarie, nesta sincronia é que se torna complexa.

O próprio homem necessita, para seu desenvolvimento, um meio de agressão e afeição. Os seres humanos padecem de perturbações para que a vida tenha a marca das constantes superações. Paralelamente, o ser humano revela uma necessidade afetiva (amor, carinho, amizade, ternura) inata. Não é fácil contrabalancear esses dois extremos, por isso ocorrem as desmedidas,

os erros e as ilusões.

A associação da agressão ao mau e do amor ao bem, próprio da civilização ocidental, conduziu ao desenvolvimento de um homem partido e dilacerado, cujos desejos ilimitados inscrevem-se na lógica de um desenvolvimento conquistador, egoísta e individual.

Na busca da realização o homem dominou e explorou a natureza e seu semelhante. Devido a essa dominação, a biosfera corre o risco de ser extinta e com ela a humanidade. Como diz Morin,

"o homem tornou-se o subjugador global da biosfera, mas por isso mesmo subjuguou-se a ela. Tornou-se o hiperparasita do mundo vivo mas, por ser parasita, ameaça sua sobrevivência ameaçando a eco-organização de que vive."<sup>4</sup>

Isso significa dizer que a exploração da natureza chegou no limite. O consumismo e a racionalidade limitada caracterizam a nossa sociedade e dessa forma poderão gerar uma catastrófica destruição do planeta caso não se repense o paradigma adotado.

No entanto, o homem é capaz de fazer a autocrítica, analisar seus atos e mudar. Neste sentido está surgindo um movimento de longo alcance. Este movimento busca repensar os valores e atitudes do modo de viver presentes na sociedade centrada no mercado. Propõe um novo paradigma para a humanidade, a visão de mundo ecológica.

É na perspectiva de movimento que emerge a Ecologia Política.

Um movimento que surge a partir da tomada de consciência da necessidade de cuidar da natureza para assim também, garantir a continuidade de toda a forma de vida existente no planeta.

Convencionalmente se compreende ecologia como o meio ambiente natural. Nesta idéia, o homem é observador e vê a natureza fora e distante de si mesmo e por isso, dá-se o direito de dominá-la, explorá-la sem limites. Este modelo de idéias e de conduta provocou conseqüências sérias na ecosfera.

A ameaça a todas as formas de vida, inclusive a extinção da humanidade, provocou um sobressalto da consciência gerando princípios diferentes dos concebidos até então. Princípios que rompem com visões simplificadoras, com conceitos fechados e auto-suficientes e também, com causalidades universais.

Instala-se, então, um paradigma que concebe o homem como parte constituinte das diferentes formas de vida existentes no planeta. Essa tomada de consciência é, não só, da degradação da natureza mas, principalmente de **como se dá a nossa relação com o meio ambiente natural**. Dessa forma, passamos a perceber que a degradação da natureza suscita e reflete o modo como estamos organizados em sociedade. Essa percepção faz emergir a consciência política portadora de uma práxis que se contrapõe à técnica manipuladora e depredadora. Isso implica em reconhecer que a natureza é inseparável do homem e da cultura, por quê, como diz Morin:

"as sociedades, inclusive as nossas, são entidades geo-eco-bioantropológicas, e que os ecossistemas, inclusive e sobretudo na nossa época, são também antro-sócio-ecológicos. Já não há natureza pura, e nunca houve sociedade pura."<sup>5</sup>

A década de 70 representa o emergir da consciência ecológica com a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente em Estocolmo (1972); depois surge o relatório Meadows (1972) sobre os limites do crescimento, posteriormente os relatórios Bariloche (1979) e Laszlo (1979).

E assim,

"pela primeira vez os problemas de degradação do meio ambiente provocados pelo crescimento econômico são percebidos como um problema global que supera amplamente diversas questões pontuais que eram arroladas nas décadas de 50 e 60 pelas agências do meio ambiente dos países do primeiro mundo."<sup>6</sup>

A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente em Estocolmo, é um marco muito importante para o pensamento ecológico. Esta conferência discutiu questões presentes no relatório Meadows, o qual foi encomendado pelo Clube de Roma.

O Clube de Roma agrupa cientistas, educadores, economistas, intelectuais, industriais. Todas essas pessoas:

"estão unidas pela profunda convicção de que os grandes problemas que desafiam a humanidade são de tanta complexidade, e são tão inter-relacionados, que as instituições e os planos de ação tradicionais já não são capazes de superá-los, nem mesmo de enfrentá-los em seu conjunto."<sup>7</sup>

Os principais assuntos tratados no relatório são: deterioração do meio ambiente (poluição), escassez de matéria prima, crescimento demográfico, agricultura, resíduos radioativos, energia, tecnologia, etc. Tal relatório nos mostra que esses elementos não são divergentes, pelo contrário, atuam uns sobre os outros.

Este relatório diz, ainda, que não é possível continuar crescendo indefinidamente, é necessário por limites no crescimento. Através de estudos estatísticos abundantes, tenta provar que é necessário congelar o crescimento da economia mundial. O relatório faz crer que a taxa de "crescimento zero traria a estabilização do desenvolvimento econômico".<sup>8</sup> Aponta, a necessidade de mudar globalmente, no entanto, não demonstra preocupação com a injustiça social e a miséria presente no terceiro mundo.

Ignacy Sachs assim o critica:

"não é propriamente o crescimento que se deve questionar, mas o seu caráter selvagem. À palavra ordem dos "zeristas", opomos a que fala de outro desenvolvimento..., fundamentado na lógica

das necessidades sociais e não na da população... Explicitar os estilos de desenvolvimento ecologicamente prudentes e socialmente justos é, portanto, uma tarefa de primeiríssima importância para a economia política ampla e consciente de sua dupla dimensão ética: as finalidades sociais do desenvolvimento e o cuidado com o futuro, em nome da solidariedade com as gerações vindouras, é por este último viés que entra a ecologia."<sup>9</sup>

A Conferência de Estocolmo criou o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), o Centro Internacional de Formação Ambiental para Países de Língua Espanhola (CIFLA) e declara o dia 5 de junho como o Dia Mundial do Meio Ambiente.

A livre empresa, com o objetivo de obter lucros a partir da exploração dos recursos naturais, é responsabilizada pela destruição da natureza, poluição da água, do solo e do ar. Assim, a partir da Conferência de Estocolmo se:

"inicia uma enérgica campanha de conscientização sobre a necessidade de defender os recursos naturais da voracidade insaciável das empresas multinacionais; de melhorar a qualidade de vida do homem e de evitar a contaminação que se transformou em um problema global."<sup>10</sup>

Em 1979 é publicado o relatório Bariloche (Modelo Alternativo

Mundial). Este modelo vem chamar atenção para a questão da injustiça, provocada pelo mundo industrial. Entre outros, chama a atenção do seguinte: a biosfera é finita e existem necessidades básicas, do homem, a serem satisfeitas (alimentação, vestuário, moradia, educação, saúde) e necessidades de liberdade e expressividade.

Este é um modelo que deseja preservar o meio ambiente e atender às necessidades básicas do homem. A idéia não é congelar o crescimento, mas redirecioná-lo para o ecodesenvolvimento.

Em 1977 surge o relatório Lazlo, no qual discute-se a ética do crescimento. É a partir desse momento que a ecologia adquire maior sentido político. Este relatório elabora um modelo mundial com os seguintes aspectos: preservar e recuperar o meio ambiente degradado; crescimento econômico e social que leva em consideração a preservação e recuperação do meio; justiça social (como se produz a riqueza); paz e desarmamento (fins pacíficos para a humanidade); democracia política.

Em suma, percebe-se que a Ecologia Política ultrapassa os marcos puramente naturalistas ou preservacionistas. Sua preocupação crucial são os excessos e lesões provocados pela propagação tecnológica, da sociedade urbano-industrial na natureza, na sociedade e na vida cotidiano dos indivíduos. A crença no desenvolvimento econômico ilimitado provocou sérias conseqüências para o planeta e para o homem. A consciência desse fato desencadeou um posicionamento ativo de pessoas preocupadas com o futuro do planeta e da humanida-



de.

A esse respeito, assim se refere Morin:

"A tomada de consciência da relação ecológica conduz a uma tomada de consciência antropossociológica e sugere duas questões ligadas. A primeira concerne à situação da esfera antropossocial na biosfera, isto é, do homem na natureza. O homem pode, deve, ocupar outro lugar na natureza? Qual? Como?... A segunda questão concerne àquilo que liga a subjugação/exploração da natureza pelo homem e a subjugação do homem pelo homem."<sup>11</sup>

Entende-se então, que a pobreza da natureza e a pobreza do homem estão profundamente ligadas. Theodore Roszak sustenta,

"las necesidades del planeta son las necesidades de la persona. Y, en consecuencia, los derechos de la persona son los derechos del planeta."<sup>12</sup>

A Ecologia é um campo interdisciplinar com dois eixos, a ecologia e o político, que trata dos problemas gerados pelo paradigma mecanicista-reducionista surgido depois da Revolução Industrial e do Iluminismo; o qual introduziu um conjunto de valores materialistas e consumistas, intoleráveis para uma biosfera limitada. Pensou-se que a felicidade estava na riqueza material e esta, por sua vez, traria o bem estar. A satisfação material gerou uma enorme e profunda crise, simplesmente porque o homem é um ser multidimensional, isto

é, não possui somente necessidades econômicas mas também, necessidades sociais, políticas, culturais, afetivas.

Por esse motivo os valores materialistas começam a serem questionados. Pois, a crença que a modernidade traria o bem-estar foi, cada vez mais, acentuando as diferenças sociais e impulsionando um sistema de vida que retroalimenta um estar cada vez pior. Assim,

"os mitos da felicidade corroem-se, problematizam-se. É à essa crise cultural que se prende o problema ecológico, que mostra que, além de certos níveis, os crescimentos industriais criam mais prejuízos que benefícios; que, em suma, seus subprodutos poluidores tendem a se tornar produtos principais ao passo que os produtos principais - as satisfações - tendem a se tornar subprodutos."<sup>13</sup>

A Ecologia Política procura mostrar que os conhecimentos devem se unir para melhor compreender a crise em que vivemos. A crise generalizada de hoje possui uma base única, esta base é de compreensão, de visão e de valores, ou seja, é paradigmática.

Precisamos superar o modo de viver e pensar da sociedade tecno-industrial. Para ultrapassar essa situação necessitamos ultrapassar limites e mudar, isso implica em revisar a ciência, a consciência e a prática dominante.

"... A nova ecologia apela para práxis que se opõe à propagação tecnomanipuladora. Apela para um novo tipo de tecnologia. Tende por si mesma a proteger a vida e a qualidade de vida. Tende mesmo a suscitar, em cada um, através da consciência ecológica, um exame de si e uma ação sobre si. Não foi por acaso que a consciência ecológica pode adquirir muitas vezes um caráter existencial, incitando a comer, beber, deslocar-se, habitar, trabalhar de modo diferente. É que ela suscita por si mesma a aspiração a mudar de via, mudar de vida..."<sup>14</sup>

Sente-se que a idéia ecológica não é somente importante para a sobrevivência da natureza, mas é importante cientificamente, economicamente, socialmente, politicamente, filosoficamente e também, para a civilização.

As questões tratadas pela Ecologia Política são várias. Entre elas estão: a questão da qualidade de vida, a questão dos limites do crescimento, a revisão da concepção de desenvolvimento, a questão da supercentralização sendo todas essas questões permeadas pela questão tecnológica.

Assim, o pensamento ecológico provoca mudanças profundas no papel dos seres na biosfera. Essa mudança já está sendo encaminhada, embora seja de forma limitada e pontuada. Isso significa que a alternativa de vida ecológica não está apenas a nível de idéias, está também a nível de ação. O crescimento do movimento ecológico no mundo inteiro é um exemplo claro que não fica apenas a nível de críticas, acredita-se na

possibilidade de mudança.

Em suma, a Ecologia Política é uma ciência que faz um chamado à consciência dos homens. Consciência de que o homem é parte da natureza e, sem dúvida, somente pode se desenvolver conjuntamente à ela e não contra ela. Essa nova ligação homem/natureza representa uma renúncia ao modo de vida da sociedade industrial-consumista. Isso implica em uma superação gradual da técnica atual, que por sua vez representa uma ruptura com o pensar convencional, não somente do homem comum, mas também da ciência.

Sinto que a pessoa, enquanto sujeito, é a esperança para a humanidade. As transformações do cotidiano (por exemplo, menos consumo voluntário) da pessoa, com sabedoria e criatividade, representa a transformação gradual do sistema dominante. Pois, dessa forma, poderá gerar um exame e uma ação no âmbito individual e comunitário possibilitando a organização de movimentos eco-políticos diversos.

## 2.2 O PENSAMENTO COMPLEXO

Hoje, em fins do século XX, defrontamos-nos com problemas sistêmicos que poderão levar-nos a um estado de cessação completa e definitiva das atividades características da matéria viva. Estamos diante de uma ameaça fatal, ameaça que provavelmente tem suas origens no emprego insensato da tecnologia industrial e da tecnologia de guerra. Nesse processo, o homem que pensou estar procurando a vida acabou encontrando

a morte.

Vivemos em uma época em que o homem está profundamente marcado pela conquista nos mais diversos campos e áreas.

A história humana também está marcada pela guerra. Em épocas passadas ela era feita com armas simples. Hoje, com o avanço da tecnologia, existem armas com poder absoluto de destruição. Essas armas são tão sofisticadas que desconhecemos suas conseqüências. Mas sabemos que poderão exterminar a raça humana caso não se pense em um novo tipo de ética, capaz de respeitar a vida. Diante de um poder mortífero contra a vida, a nossa responsabilidade é procurar defendê-la e salvá-la.

A ameaça nuclear é um perigo para toda a vida do planeta, mas não é o único. Com o emergir da sociedade industrial a ordem é "crescer", "desenvolver", atingir o "progresso". Em nome do progresso se explorou a terra e seus recursos. Através desse processo contínuo de retirar da terra sem repor, colocou-se em risco a vida no planeta. Assim poluiu-se o ar, a água, os alimentos. Destruiu-se as matas e a própria "terra-mãe". Não se imaginava que seus recursos naturais fossem esgotar, pensava-se que eram ilimitados.

Para sobreviver a esta possível catástrofe de nosso tempo é necessário que o homem supere hábitos de uma sociedade decadente, fundamentada em valores materialistas, os quais o conduzem a uma degradação intelectual, moral e espiritual.

Essa lógica do crescimento, própria da cultura ocidental, foi

desastrosa para o ecossistema e nos levou a uma crise generalizada.

Essa crise foi gerada por uma concepção de mundo baseada em um paradigma mecanicista reducionista, no entanto poderá ser abordada de uma forma reveladora a partir de um novo paradigma, sob uma visão complexa. A possibilidade de sobrevivência é a possibilidade de mudança.

Roszak afirma, em sua obra *Persona/Planeta*, que um descontentamento está presente em toda a sociedade, pois a crise existente tem demonstrado que não se pode confiar na política e no poder existente. No entanto, as vezes:

"as sociedades se desmoronam de tal maneira que liberam energias afirmadoras da vida, e o que pode parecer anarquia, do ponto de vista do centro cultural estabelecido, pode ser um conflitivo nascimento de uma nova e apropriada ordem mais humanamente social. Não só há formas de desintegração destrutiva, se não também criativas."<sup>15</sup>

A visão reducionista acredita que os fenômenos complexos podem ser entendidos desde que se reduza os seus componentes básicos e se investigue os mecanismos através dos quais esses componentes interagem. A visão mecanicista acredita que a matéria é a base de toda a existência e o mundo material é visto como uma profusão de objetos separados, montados numa gigantesca máquina. Essas duas visões comportam o paradigma mecanicista reducionista ou como diz Edgar Morin, o "paradig-

ma simplificador".

O paradigma mecanicista reducionista está assentado em uma concepção fragmentada do mundo. Acredita-se que:

"o método científico é a única abordagem válida, vê o universo como um sistema mecânico, crê no progresso material ilimitado (crescimento econômico, tecnológico) e concebe a vida como uma luta competitiva pela existência."<sup>16</sup>

Essa visão influenciou todo o desenvolvimento da ciência ocidental, pois o seu modo de abordar o conjunto de problemas de nosso século está se revelando inadequado. A abordagem simplificadora limita a visão no próprio "objeto", não inclui o sujeito como parte da visão, é estática, não percebe a dinâmica que envolve esses problemas, enfim está fechada e inflexível.

Desta maneira, a visão mecanicista reducionista contribuiu para a racionalização da existência como um todo, desde o comportamento individual até a gestão política e econômica. Esta visão impregnou a civilização ocidental e afetou o mais íntimo do ser humano, sua espiritualidade. Entende-se espiritualidade como uma filosofia que percebe a realidade muito além da percepção científica. É um novo sentido do caráter vivo da terra, o qual ultrapassa concepções mecanicistas/simplistas que pretendem conhecê-la totalmente. Isso significa dizer que, a realidade possui um caráter enigmático e somente é possível conhecê-la parcialmente.

Essa degradação cognitiva ocorreu a partir do século XVI e XVII quando a noção de universo foi substituída pela noção do mundo como se ele fosse uma máquina. A verdade passou a ser absoluta, pode-se distinguir o certo e o errado, as leis matemáticas tomaram conta da ciência, pois ofereceram o conhecimento exato, quantificável e imutável, todo o conhecimento provável foi deixado de lado. Os problemas eram resolvidos pelo método analítico, este entende que:

"os aspectos dos fenômenos complexos podem ser compreendidos se reduzidos as suas partes constituintes."<sup>17</sup>

Acreditava-se, portanto, que o mundo podia ser descrito com objetividade absoluta, assim, a dimensão subjetiva, presente na ciência e no próprio universo, foi camuflada, ignorada e deixada de lado. Hoje, sabemos que ela existe e por mais enigmática que possa ser, não podemos mantê-la na ignorância.

Com o passar do tempo ocorreu um privilegiamento do pensamento mecanicista entre os cientistas. Os resultados precisos do método analítico entusiasmou-os e também ao público em geral.

Foi comprovado empiricamente que "o universo é um gigantesco sistema mecânico."<sup>18</sup>

Brilhantes descobertas foram feitas. No entanto, essas descobertas trouxeram sérias consequências, tanto para o homem como para o meio ambiente em que vive.

Através dessa visão mecanicista se chegou a conclusão que



corpo e mente são dimensões separadas e diferentes. Corpo e mente já não interagem conjuntamente, estão divididos, são partes distintas do homem. Quando o corpo passou a ser visto como máquina funcional não tem sentido considerar a subjetividade. Deste modo, a dimensão subjetiva desapareceu completamente do mundo científico e inúmeras atrocidades foram cometidas contra o corpo.

Esta drástica mudança na imagem da ciência, de organismo para máquina, realmente foi suicida. Na opinião de Bacon a natureza tinha que ser:

"acossada em seus descaminhos, obrigada a servir e escravizada. Devia ser reduzida à obediência", o objetivo era "extrair da natureza, sob tortura, todos os seus segredos", com a "ajuda de instrumentos mecânicos."<sup>19</sup>

Todas as ciências: política, econômica, médica, biológica, psicológica, social, etc., foram influenciadas pela maneira de produzir conhecimentos das ciências naturais, mais especificamente das ciências físicas.

Descartes ao privilegiar a mente em relação ao corpo afetou toda a cultura ocidental. O trabalho intelectual se sobrepôs ao manual, o homem sobre a mulher, a doença física não tem relação com o psíquico, a aparência mais importante que a essência, o ter mais que o ser, a razão mais que a intuição.

A visão mecanicista por outro lado, muito contribuiu para

todas as ciências. Não podemos incorrer no erro de dizer que ela está errada e que a nova está correta. A visão tecnicista reducionista fez muitas descobertas úteis para toda a humanidade. O que criticamos nesta visão é a maneira fragmentada com que trata seus conhecimentos. A abordagem reducionista não deve ser negada, ela é útil e necessária, para a construção de um novo paradigma. Este deve ser desenvolvido para ampliar e aperfeiçoar o antigo.

Marylin Ferguson afirma que:

"o surgimento de um novo paradigma é ao mesmo tempo humilhante e estimulante; não estávamos errados, e sim sendo parciais, como se estivéssemos vendo apenas com um olho. Não se trata de mais conhecimentos, mas de um novo conhecimento."<sup>20</sup>

Assim, investigando a nós mesmos, nosso interior, podemos chegar a outra dimensão de mentalidade e enxergar um pouco mais do que enxergamos hoje. É um caminho longo que exige muita inteligência, esforço e criatividade.

O modo de produzir conhecimentos do antigo paradigma chegou em seu auge apresentando sérias limitações, as quais necessitam ser superadas para que se ultrapasse esse momento histórico marcado por concepções e ações mutiladoras. A escolha não está entre um pensamento reducionistas e um globalizante. Situa-se muito mais na busca de um método capaz o suficiente de juntar organicamente aquilo que está desagregado. Desejo

seguir o caminho da complexidade apontado por Edgar Morin.

Aqui, entra uma questão essencial para nossa época, em que devemos duvidar e criticar nossas certezas absolutas e construir com e contra as incertezas presentes em nosso cotidiano.

Por um lado, não podemos nos submeter acriticamente às imposições simplificadoras e, por outro lado, torna-se uma virtude aceitar as diferenças e oposições. Assim, impõe-se como necessidade transformar o nosso modo de ver e pensar as coisas, o homem e o mundo. Como diz Edgar Morin, significa aceitar "a complexidade como base, a complexidade como guia."<sup>21</sup>

Para compreendermos essa afirmação é necessário aprofundar o significado e o sentido de pessoa, consciência, transformação, sistema e método.

### 2.2.1 A Pessoa: Uma Esperança

A noção de indivíduo aparece e desaparece em diversos paradigmas de conhecimento. O significado dado depende muito do eixo adotado para interpretá-lo. Mas, todos de alguma forma, procuram dizer o que é esse ser em sociedade.

Estou aqui, querendo saber um pouco mais do que já entendo, procurando evitar simplificações e verdades absolutas.

Não raras vezes o homem tão perto de nós, tão íntimo e tão conhecido, torna-se de repente um poço de desconhecido. Perde-se entre holismos e individualismos.

As primeiras noções de indivíduo denotaram a idéia de algo fechado, concreto, auto-suficiente, com características próprias que só a ele se aplicam.<sup>22</sup> Estas são concepções que se referem ao puramente singular e particular do ser humano, não mencionam a complexidade e a multidimensionalidade que envolve a concepção de homem.

Na teoria sociológica clássica, tanto Comte como Durkheim sustentam um princípio de prioridade da sociedade em relação ao indivíduo. Neste sentido, a sociedade é entendida como uma entidade superior ao indivíduo e este é reduzido a um exemplar com importância subalterna. A autonomia do homem é de aparência, pois está reduzida a uma identificação social. Este paradigma, animado pelo espírito redutor, dirige suas atenções para a totalidade social, desta maneira, o indivíduo é suprimido. Pois, sua conduta deve ser dirigida por regras estabelecidas pela convivência social.

Marx vê o homem em relação com outro homem inserido numa classe social. Há uma redução do indivíduo ao ser social. Acrescenta-se nessa visão a crítica ao sistema capitalista, mas, a emancipação é vista como um evento social, bem como o processo de esclarecimento do comportamento das massas.

Enquanto sociologicamente o indivíduo é omitido, desenvolve-se, a partir da Revolução Industrial, um individualismo selvagem, fruto de uma sociedade também selvagem (tanto em princípios como em ação).

Com o advento da Revolução Industrial e o Iluminismo, no sécu-

lo XVIII, uma nova filosofia possibilita a crítica racional ao antigo regime. A Era das Luzes coloca a Razão como uma Deusa e surge junto a ela uma nova religião, a do progresso, forma-se uma nova sociedade, a centrada no mercado e doutrina-se o indivíduo para atuar na maximização da produção.

Institui-se o que chamamos de sociedade moderna, exclusivamente assentada, no que Guerreiro Ramos denomina de "racionalidade funcional", a qual possui os seguintes pressupostos básicos:

"o ser humano não é senão uma criatura capaz do cálculo utilitário de conseqüências e o mercado de acordo com o qual sua vida associada deveria organizar-se."<sup>23</sup>

Com a sociedade moderna surge um novo modelo de homem, cujo esclarecimento é fundamental para superar o estado crítico em que se encontra a sociedade atual. A Era das Luzes trouxe trevas, pois, o crescimento econômico exagerado provocou paralelamente uma degradação valorativa a respeito do sentido da felicidade humana. E sob a influência do liberalismo, a teoria da livre concorrência, o homem passa a ser concebido economicamente.

Assim, há uma maior preocupação com a aparência do como são produzidas as coisas, suas qualidades deixam de ser interessantes e têm-se preferência por seus fins peculiares. No mercado, tanto o homem como as coisas são transformadas em fatores de produção. Nessa perspectiva, os valores humanos

não passam de simples subjetividade, qualidades secundárias, sem possibilidade de avaliação analítica racional.

Paralelo a isso há um desenvolvimento do individualismo, no qual a conduta humana também obedece a critérios utilitários de mercado. Reduz-se o indivíduo a um agente do comércio e de produção, compreendem-o como calculista, motivado por interesses materiais econômicos. Esta teoria é:

"pregada em termos de modelo humano unidimensional, que visualiza o espaço social como horizontal e plano; nele, onde quer que o homem vá, nunca sai do mercado."<sup>24</sup>

O modelo de homem equivale ao "Homo Economicus" da teoria econômica clássica. O sujeito econômico é aquele que abafou todo o seu sentido multidimensional e colocou como centro de seus interesses "ganhar" o máximo possível e fazer sua vida material e econômica crescer sem limites, obtendo o máximo de lucro e prosperidade comercial.

Para o homem econômico o sucesso material é um valor a ser alcançado acima de tudo e a todo custo. Assim, desenvolveu a noção de que não é valioso senão aquilo que custa muito dinheiro; somente tem valor aquilo que é ganho pela concorrência (o record vencido); adota um sistema de vida equivalente ao, como diz John Galtung "modo de vida químico-circence". Esse modelo desenvolve paralelamente a dominação do homem sobre o homem e do homem sobre a natureza.

Esse homem estritamente econômico destruiu o verdadeiro sentimento de ser pessoa. Formou um ser individualista burguês, centrado excessivamente no egoísmo. Não que o egoísmo não faça parte, como diz Morin, o sujeito é um conceito que refere-se à auto-egotranscendência.<sup>25</sup> Mas, o egoísmo a que me refiro é aquele que vive no isolamento, pois vê em tudo o sentido da competição, em que o estar só é um terreno seguro para o combate. A constante vigilância é um critério estabelecido para evitar os ataques surpresos e o uso, no momento certo, de todas as oportunidades faz avançar à vitória. Nesta perspectiva, o viver é entendido como um campo de batalha cotidiana, onde há os que vencem porque foram inteligentes e espertos e há os que perdem porque não foram sagazes o suficiente.

Roszak, não usando os mesmos termos de Guerreiro Ramos, mas criticando também o indivíduo que se submete às exigências de mercado e ao jogo da competência que requer recompensa material, diz que esse indivíduo (chamamos aqui de indivíduo econômico) não se permite a profundidade de buscar o seu eu interior e:

"nos miden - y nos medimos - sólo por cosas externas: por la adquisición y conquista, por tener, nunca por ser. Y esto es precisamente lo contrario del descubrimiento de uno mesmo, pues conlleva subordinación a lo exterior, criterio competitivo. Ahí reside el quid de la cuestión. El descubrimiento de uno mesmo hace a la persona, pero la competencia hace al individuo. Por

esta razón el individualismo es tan impersonal como antisocial, uma alienación tanto de nuestra propia subjetividad como de nuestros iguales."<sup>26</sup>

O individualismo implica também em bases psicológicas de comportamento. O que o indivíduo ganha em material perde no senso pessoal de autonomia, torna-se um ser "bem comportado". Seria a idéia denominada por Guerreiro Ramos de "síndrome comportamentalista".

Síndrome comportamentalista é:

"uma disposição socialmente condicionada, que afeta a vida das pessoas quando estas confundem as regras e normas de operação peculiares a sistemas sociais episódicos com regras e normas de conduta como um todo."<sup>27</sup>

Na síndrome comportamentalista o indivíduo perde a noção de critério pessoal de conduta, confunde-o com critérios valorativos estabelecidos pela vida associada. O indivíduo desenvolve traços específicos da "individualidade fluída" adquirida de alicerces provenientes do "perspectivismo", do "formalismo" e do "operacionalismo". <sup>28</sup>

Sem dúvida, o individualismo é um modo de vida peculiar ao homem da sociedade industrializada que assumiu caráter de paradigma para a orientação da convivência humana.

É deprimente saber que a sociedade centrada no mercado, além



de modelar a mente e a vida humana, também modelou a ciência social. Desenvolveu uma teoria individualista (tese do liberalismo), a qual explicita que o indivíduo ao lutar por interesses particulares (obviamente econômicos), estaria trabalhando para a edificação do Estado e da sociedade civil. As forças empregadas para o "bem pessoal" estariam promovendo o "bem estar" social. Essas idéias procuravam explicar ao homem que a economia de concorrência é construtiva.

Mas, as concepções de indivíduo de Comte, Durkheim, Marx e do liberalismo não contentam, porque são simplificadoras, não mostram a complexidade que envolve o ser humano e o meio onde vive. É igualmente inadequada a perspectiva do humanismo, porque adota um discurso de valorização humana falsa, nada mais fazem que cooptar o indivíduo a adotar a forma de vida estabelecida pelas regras de economia de mercado.<sup>29</sup>

Diante do exposto, percebe-se que convivemos com visões de indivíduos que o isolam de seu meio ambiente ou reduzem ao meio ambiente. Nenhuma dessas duas visões, de forma isolada, satisfazem-nos. Acreditamos que devemos procurar uma descrição complexa do ser individual, que o exprima como autônomo e dependente do social. Como diz Edgar Morin,

"a relação indivíduo/sociedade é sempre dissociada pelo efeito do pensamento disjuntivo que remete o indivíduo à psicologia. Ou o indivíduo torna-se apenas uma partícula elementar no seio do sistema social ou então a sociedade perde toda realidade e passa a ser

apenas uma espécie de ectoplasma placentário. Ou o único ser é a sociedade, ou então o único ser é o indivíduo. Aqui, ainda, a noção de circuito recursivo é indispensável: ela nos permite compreender a realidade e a interdependência, isto é, a realidade recíproca das noções de sociedade e indivíduo... Assim, os indivíduos fazem a sociedade que faz os indivíduos. Os indivíduos dependem da sociedade que depende deles. Indivíduos e sociedade se co-produzem num circuito recursivo permanente em que cada termo é produtor/produto, causa/efeito, fim/meio do outro."<sup>30</sup>

Acreditamos que o paradigma da complexidade permite compreender o indivíduo e a sociedade nas suas multirelações e nos faz mergulhar em profundezas que não conduzem a uma estrutura elementar simples, mas sim à complexidade da organização social. Embora o paradigma da complexidade, de início, coloque o indivíduo no centro, este "continua excluído da sociologia, ao passo que o individualismo nunca se desenvolveu tanto como nas sociedades modernas."<sup>31</sup>

Também podemos dizer que na perspectiva da complexidade o homem é entendido como "homem ecológico". O homem ecológico adota um sistema de vida multidimensional. Sua conduta obedece a princípios éticos pessoais e não por critérios estabelecidos socialmente. É um homem que não conduziria esforços máximos para alcançar o sucesso, nos padrões convencionais. Desenvolverá uma forma de vida que o torna estranho ao seu

meio social, pois, não aceitaria com passividade os padrões de conformidade exigidos socialmente porque destroem o seu "eu", a sua autonomia. Dessa forma, irá desenvolver uma conduta que se incline a seus interesses e desejos, não no sentido de consumir bens materiais, mas no sentido de participar do mundo que o envolve, visualizando um paradigma, onde há lugar para o crescimento pessoal livre de prescrições.

Assim, sob a ótica ecologista o processo de esclarecimento é pessoal, a partir de uma busca interior de si mesmo e da convivência comunitária.

No entanto, o desenvolvimento da individualidade é completamente diferente do arcabouço paradigmático do individualismo, no qual o indivíduo é reduzido a um agente de utilidade da produção e do comércio, que como tal conforma-se a pressupostos que o tornam um verdadeiro "espectador" e não um ser ativo do seu processo de atualização.

Para alguns pensadores, a forma de vida centrada no mercado não tem uma saída e, portanto, não poderá mudar. Mas, para uma minoria ativa, há uma esperança, desde que se mude a mentalidade individualista.

Segundo Marilyn Ferguson, a mudança hoje é bastante evidente.

Homens:

"baseados em suas próprias experiências acreditam que as pessoas poderiam algum dia transcender a estreiteza da cons-

ciência "normal" e inverter a brutalidade e a alienação da condição humana."<sup>32</sup>

Os resultados atuais das atitudes do homem econômico, tais como o stress, a insegurança psicológica, degradação da qualidade de vida, uso desperdiçado de recursos naturais limitados, degradação de valores, e assim por diante, mostram a realidade enganadora da sociedade centrada no mercado. O uso excessivo da racionalidade funcional desta sociedade está cada vez mais desacreditada. Desta forma, surgem pessoas que desejam mudar.

O homem ecológico adota uma postura de crítica radical à racionalidade funcional, a partir de uma "racionalidade substantiva".<sup>33</sup>

A racionalidade substantiva é um pensamento presente no paradigma que Guerreiro Ramos chama de "paraeconômico". O paradigma paraeconômico adota o pressuposto de que:

"o mercado constitui um enclave dentro da realidade social multicêntrica, onde há descontinuidade de diversos tipos, múltiplos critérios substantivos de vida pessoal e uma variedade de padrões de relações interpessoais... Nesse espaço social, só incidentalmente o indivíduo é um maximizador da utilidade e seu esforço básico é no sentido da ordenação de sua existência de acordo com as próprias necessidades de atualização pessoal. Também, nesse espaço social, o indivíduo não é forçado a conformar-se

inteiramente ao sistema de valores de mercado. São-lhe dadas oportunidades de ocupar-se, ou mesmo de levar a melhor sobre o sistema de mercado, criando uma porção de ambientes sociais que diferem uns dos outros, em sua natureza, e deles participando."<sup>34</sup>

O autor, em seu livro "A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações", sustenta que na racionalidade substantiva o lugar adequado da razão é a psique humana, assim, faz um chamamento ao ser humano com as seguintes palavras: "precisamos, mais uma vez, começar a dar ouvidos ao nosso eu mais íntimo".<sup>35</sup>

Para o autor o indivíduo funcional é aquele que se deixa levar pelas prescrições do sistema de mercado, ou seja, é aquele que possui como ideal o modo de vida burguês nos moldes exigidos pela sociedade industrial.

Roszak afirma que o "indivíduo" não tem nada a ver com a busca de si mesmo da "pessoa" e na perspectiva de diferenciar "indivíduo" de "pessoa", afirma que a pessoa renuncia ao modo de vida burguês, sua busca:

"es una sossegada y solitaria exploración emprendida con franqueza y curiosidad. Su propósito no es el éxito ni la celebridad, sino el conocimiento de uno mismo..., un conocimiento del yo tal como es, tanto para enfrentarnos a su debilidad y vergüenza como para descubrir sus poderes ocultos. La alegría de la

búsqueda no radica en estimar las energías competitivas que nos permiten superar a los demás. Se trata mas bien de una búsqueda de las qualidades únicas a las que no es aplicable ninguna pauta competitiva. En este terreno privado no hay medida de "mejor que", "más lejos que", "más rico que". No hay juego ni carrera, sino un camino lo suficientemente ancho para un solo viajero... Mi avance a lo largo del camino no tiene más recompensa que una sabiduría cada vez más profunda cuyas gratificaciones son totalmente privadas. Nada de lo que pueda jactarme ni exhibir, nada con que alimentar el ego."<sup>36</sup>

Para se chegar a ser homem ecológico (que segue sentido de pessoa dito por Roszak) precisamos de um outro pensamento e de outra ciência.

Assim, podemos perceber, os conceitos de que nos servimos para conceber o homem estão dilacerados. Pois, a ciência dividiu o ser humano em partes através das especializações e hoje encontra sérias dificuldades em torná-las comunicáveis. "O homem, o mundo está dividido entre as disciplinas, pulverizando em informação."<sup>37</sup> Ainda que seja considerado impossível articular essa mutilação de natureza planetária, devemos concebê-la de forma articulada e recorrente.

Mas, por que o indivíduo (a unidade) na ciência não passa de um resíduo desprezível, elementar quando na verdade o

indivíduo na particularidade é altamente qualitativo, rico e misterioso?

A resposta é simples, mas o conteúdo é complexo. O ser individual se comporta de modo irregular e aleatório, escapa a toda regra e predição. Este comportamento não predizível revela complexidade, incerteza e autonomia (autodeterminação). Este ser autônomo é um viveiro de criatividade, inovação e ação como sujeito. Questiona-se como uma ciência simplificadora poderia sobreviver diante de um sujeito incerto que escapa a toda regra pré-determinada?

A autonomia revela o ser enigmático que somos e envia-nos a noção de "auto-eco-organização"<sup>38</sup> preconizada por Morin.

A auto-eco-organização é uma característica de todo indivíduo (não somente do ser humano). Todo o sistema se alimenta da organização externa (eco) e da organização interna (autos). Há uma influência e relação do exterior no interior e do interior no exterior. Essa relação é preciso conceber em complexidade.

O ser sujeito emerge da auto-eco-organização. Para viver o sujeito possui uma série de características que o faz único e diferente dos demais, que o torna singular, ou seja, original.

A singularidade é apenas uma dimensão da individualidade.

A individualidade do ser compõe-se ainda, de "qualidades de ser e de existência" inseparáveis da auto-eco-organização.

Assim:

"o indivíduo possui um capital de singularidade e um princípio de individualização que o precedem e o ultrapassam, mas a sua qualidade de indivíduo repousa também na sua autonomia de ser o de existência."<sup>39</sup>

O ser como individualidade possui, como necessidade conservar sua existência assim, mostra o seu lado egoísta, mencionada anteriormente.

"Este egoísmo, é, efetivamente de "construção" e "funcionamento": corresponde à natureza ego-autocêntrica e ego-auto-referente do ser, que se manifesta sempre de modo simultaneamente organizador, cognitivo, activo. É esta qualidade de natureza que podemos designar por qualidade de sujeito."<sup>40</sup>

Assim, a noção de sujeito envolve a noção de "auto-ego-centrismo", a qual é um carácter fundamental da subjetividade e da identidade pessoal do ser. Mas, a idéia de sujeito não se limita no "ego-centrismo", pois também ele doa-se a outros, dedica-se à família, ao filho, à comunidade. Devemos então entender que o sujeito é egocêntrico, mas também se sacrifica por outrém, pois convivendo socialmente é impossível (como mamífero) a não manifestação afetiva e também, porque esta manifestação é uma característica do ser mamífero que é.

No entanto, a noção de sujeito ainda está incompleta. A noção



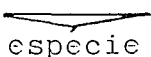
de sujeito se refere à noção de "espírito/cérebro". A cultura é fundamental para o desenvolvimento do espírito e do cérebro, os quais são indissociáveis das sociedades humanas que por sua vez, como existência estão cheias de interações entre espíritos.

O espírito:

"não é emanção de um corpo, nem um sopro vindo do alto. É a esfera das atividades cerebrais em que os processos computantes assumem forma cogitante, isto é, de pensamento e de linguagem, sentido e valor e onde são atualizados ou virtualizados fenômenos de consciência."<sup>41</sup>

O sujeito-indivíduo implica sempre em um espírito, o qual designa a capacidade de questionar, especular o mundo, é a vontade de ação, cheia de valores, sentido e regras provindos de uma cultura. Mas, também a atividade do espírito possui um aspecto subjetivo focado na noção de psiquismo (a psiquê humana).

Assim, podemos considerar a noção de indivíduo-sujeito a partir das noções que envolvem as idéias de subjetividade, singularidade, autonomia, dependência, egocêntrico, transindividual, espiritual, psíquico, que não é auto-suficiente e nem tão pouco pode ser diluído na sociedade, mas que como tantas outras instâncias é fundamental, misteriosa (ambígua e incerta), substantiva e, acima de tudo, complexa.

O princípio da complexidade e a teoria da auto-eco-organização são fundamentais para compreender o homem "como um conceito trinário indivíduo  sociedade, no qual nenhum termo se pode reduzir ou subordinar a outro."<sup>42</sup> As nossas insuficiências de entendimento, ou seja, a nossa tendência para simplificar, levam-nos a fazer do indivíduo tudo ou nada. Por isso devemos vê-lo a partir do conceito trinário. Mas, como o conhecimento é cheio de limites e sempre existe o risco de cairmos na simplificação, então, como diz Morin, "a noção-chave de indivíduo deve permanecer tremeluzente."<sup>43</sup>

### 2.2.2 Consciência e Transformação

A noção de consciência tem surgido e ressurgido no decorrer do tempo, como tópico de discussão entre várias disciplinas. O termo consciência é usado por diversas pessoas com diversos sentidos, os quais muitas vezes suscitaram hesitação e confusão. Não pretendo, aqui, expor um modo eficaz de interpretar ou mudar a consciência, quero colocar o significado que adquiriu hoje e a possibilidade de mudança que emerge da subjetividade do sujeito. Tendo em vista que:

"a maior ininteligência e inconsciência é falar em nome da inteligência e da consciência. Mas não brando esses termos como soluções-mocas; utilizo-os necessariamente porque concentram doravante estes problemas-chaves do devir antro-possocial."<sup>44</sup>

É lícito, inicialmente, dizer que as noções de pessoa,

consciência e transformação não podem ser concebidas isoladamente, essas idéias devem ser entendidas complexamente, uma retroage, opõe-se, depende e se complementa com a outra. Apenas, por uma questão abstrata é necessário tratá-las separadamente e não isoladamente. Portanto, existe uma associação entre elas e não deixam de ser instâncias interdependentes embora sejam diferentes.

A partir da ótica biológica a diferença fundamental entre o aparelho de cognição de um homem e o de um animal, em termos qualitativos, está no desenvolvimento extraordinário da consciência, que possibilita cogitar sobre a existência. Bem como, o desenvolvimento da ação que pode transformar a existência.

O desenvolvimento da consciência é inerente ao homo sapiens. Ela é uma "emergência", uma qualidade nova de organização complexa do sistema cerebral humano. O pensamento, a linguagem e inúmeras outras capacidades do homem, estão inter-relacionadas com o fenômeno que provém da mente humana: a consciência. O homem pode estar consciente de suas sensações e de si próprio como ser que age e pensa.

Edgar Morin fez a seguinte asserção sobre consciência:

"a consciência faz emergir uma ordem nova de reflexividade onde o sujeito se vê e se concebe a si mesmo pelo espírito, onde pode considerar os seus próprios sentimentos, os seus próprios pensamentos, os seus próprios discursos."45

A consciência possui a propriedade da auto-consciência, isto é, a capacidade de distanciar de suas paixões, sem contudo fazer com que essas paixões se interrompam, com a perspectiva de análise e da crítica.

A auto-crítica, desenvolve-se no sentido de superar o apego em demasia às idéias. Pois, esse apego pode chegar à uma posição radical, caracterizada pela posse da verdade, fonte geradora de inúmeros erros.

Todos esses caracteres da consciência podem ser analisados pelo sujeito. A intenção é elucidar o significado de idéias e ações obsessivas, é desenvolver um diálogo consigo mesmo, é retroagir sobre idéias e convicções julgadas infalíveis, que se tornam dogmáticas e rejeitam a refutação.

Não poucas vezes, nossas verdades nos dão prazer e alegrias, isso nos faz resistir às análises externas, bem como as internas. A auto-crítica permite ao sujeito distanciar reflexivamente de suas verdades para analisá-las criticamente. A esse respeito sustenta Morin,

"o amante da verdade, esse, deve desconfiar do que o faz gozar psiquicamente, e deve procurar a verdade para além do princípio do prazer."<sup>46</sup>

É justamente essa capacidade da consciência de distanciar e retornar analiticamente sobre si mesma que permite ao sujeito aproximar-se melhor de si. Neste sentido, toda a ação auto-crítica deveria ser cultivada e estimulada. Esta ação sobre

si da consciência se converte em práxis<sup>47</sup> e poderá gerar transformações substantivas e adotar novos comportamentos pelo sujeito envolvido no processo.

Pode-se permitir, ao mesmo tempo, a crítica de outras pessoas. A confrontação e a discussão também torna possível a auto-avaliação. Além disso, "temos, pois, de compreender absolutamente que a aptidão para a regressão e para a perversão é inerente à consciência."<sup>48</sup> Portanto, sempre existe a possibilidade do desvio, do engano, pois na consciência é onde se desenvolvem os sonhos e os mitos em torno de um pensamento sobre o mundo externo.

"Da mesma maneira que não existe no cérebro qualquer dispositivo interno que distinga a visão alucinatória da percepção visual, também não existe na consciência qualquer dispositivo que distinga a consciência verdadeira da falsa."<sup>49</sup>

Nessa perspectiva, os erros podem passar por verdades e as verdades por erros. O desengano, trata-se de um processo lento e árduo de ação reflexiva e de tomada de consciência. Como mostra Edgar Morin, é:

"o desenvolvimento recíproco inteligência/consciência que permitiria revelar a ilusão e a mentira no âmago das próprias verdades, e que permitiria à inteligência/consciência retroagir sobre a conduta de nossas vidas."<sup>50</sup>

A descoberta do verdadeiro e do falso passa por sucessivas análises das idéias e um posicionamento ativo do sujeito sobre a conduta, cujas as descobertas podem gerar transformações.

Assim, a consciência passa por um processo em que torna-se cada vez mais crítica e cada vez mais segura de suas verdades a ponto de se sentir incapaz de apontar como erro aquilo que considerou verdade e de considerar como verdade aquilo que considerou erro. Nesse curso, "a consciência descobre a relatividade da verdade e do erro ao considerar a diversidade e a incompatibilidade das idéias e das crenças, no tempo e no espaço."<sup>51</sup>

Nessa relativização da verdade e do erro, a consciência não pode prender-se a um único dado, nem tampouco deve eliminar o erro/verdade que comporta.

"Temos justamente de tomar consciência de que o problema da consciência não é uma ilusão, um erro, uma mentira "idealista". Pelo contrário, é tudo aquilo que denigre e desvalida o problema da consciência que comporta ilusão e erro."<sup>52</sup>

Além disso, é preciso que a consciência se atualize. Para que possa se atualizar é necessário uma ação, uma prática, uma experiência vivida individualmente, como já foi dito, pela auto-crítica. É o sujeito irrequieto e ansioso, cheio de dúvidas, que parte em busca de uma resposta. A necessidade de atualização pode gerar mudança e rupturas. A atualização

significa um desafio no conjunto de idéias dominantes. As rupturas com concepções anteriores não poderá evidentemente, ocorrer sob os padrões da razão instrumental vivida pela grande maioria dos homens de hoje. Como diz Guerreiro Ramos,

"os termos dessa ruptura não podem ser encontrados através de nenhuma remodelação da ideologia serialista do Ocidente."<sup>53</sup>

Certamente, na perspectiva da consciência convencional, não se desenvolverá a auto-crítica. A razão no sentido substantivo poderá capacitar o homem a ultrapassar idéias e convicções.

Ainda assim, alerta-nos Morin,

"é inútil esperar o reinado soberano e infalível da consciência. Como toda eflorescência da complexidade, como tudo o que é o mais precioso e o melhor, a consciência tem de ser frágil,..., as aptidões para a regressão e a perversão são inerentes à consciência. É claro que, quanto mais complexa, mais ela há de dispor dos recursos inventivos da complexidade para lutar contra o que tende a corrompê-la. Mas, nem por isso deixará de comportar limites que lhe são insuperáveis... As possibilidades da reflexão do mundo na consciência humana e da reflexão de si mesma na sua própria consciência são irremediavelmente limitadas."<sup>54</sup>

Aceitar o limite do conhecimento humano, não é negar as possibilidades de crescimento que possa adquirir. Aceitar limites é desenvolver a consciência de que as mudanças são demoradas, difíceis e aleatórias.

Em resumo, a consciência significa uma capacidade inata do homem de refletir sobre si mesmo (a auto crítica) cuja a potencialidade permite analisar pensamentos e paixões. Sempre na perspectiva de crescer e criar além do comum. Ela é uma emergência que provém do organismo vivo do homem e por isso está sujeita a suas variações, assim muito depende dele. No entanto, todo homem não deveria conter o seu gênio interior que ilumina e possibilita uma auto-análise séria e conseqüente.

Todavia, a consciência está profundamente ligada à subjetividade humana, ela está submersa na afetividade e assim, torna-se frágil. E justamente por este motivo que, no decorrer da história, a consciência foi alvo de muitas manipulações e subjugações.

As sociedades, geralmente, oferecem ao ser humano um conjunto de idéias prontas, paradigmas absolutos, doutrinas, conformismos (isso Edgar Morin denomina de "imprinting sociocultural"), cujo o alcance gera condições para a consolidação de julgamento automáticos, os quais limitam a visão de seus componentes. Toda essa situação vai gerar uma consciência típica da sociedade onde vive. Mas, também devemos "reconhecer que a consciência é, não apenas historicamente (depende das condições



sócio-culturais de uma época), mas também historial, nascida na história, vivendo a sua história e submetida à história."<sup>55</sup> Sendo a consciência parte de um momento histórico vivido pelo homem, pela sociedade e pela civilização, ela dificilmente escapará ao rol de verdades/divagações/ilusões/erros da sua época.

Diversos momentos históricos mostram que a consciência foi contida, reprimida e subjugada. Em particular, a civilização ocidental, depois da Revolução Industrial, desenvolveu um tipo peculiar de consciência, fruto de um contexto sócio-cultural específico.

Com o surgimento dos centros urbanos, a história da civilização, bem como a consciência atingem um novo patamar de desenvolvimento. Pois, surgem novos valores e novos sonhos. Emergiu com ela o homem económico, conquistador da natureza e de sua própria espécie (como já foi descrito anteriormente).

A consciência está submersa na organização da vida moderna industrial/urbana/burguesa. Desenvolveu um tipo de consciência consumista, jamais vivida em toda história da civilização. Mas, "o mundo científico" sustenta que a consciência evoluiu. Na realidade, percebemos uma evolução linear, sob o primado da razão, uma nova forma de confundir, uma nova forma de delírio e de inconsciência. Todavia, sentimos que a "consciência poderia atingir níveis de elucidação, de investigação e de complexidade superiores."<sup>56</sup> Assim, se o indivíduo desejar atualizar-se e ultrapassar os modos de pensar dominante para

atingir níveis de compreensão superiores terá de desenvolver uma incapacidade de assumir o modo de vida e as regras admitidas convencionalmente. Por outro lado, também é necessário:

"um complexo de condições externas favoráveis é necessário à sua autoatualização. Mas para que haja pensamento ao mesmo tempo crítico, radical e inventivo, e até criativo, tem de haver também um complexo de condições internas, a começar pela propensão pessoal para resistir ao "imprinting", a aptidão para se espantar e se deixar surpreender, a paixão do conhecimento e o gosto da aventura."<sup>57</sup>

Em contraposição a consciência convencional vivida pelo homem na sociedade industrial, surge a consciência ecológica. A consciência ecológica é em essência auto-crítica. A consciência convencional pode ser rompida pela pessoa-sujeito, ainda que com dificuldades e limites. A pessoa que deseja mudar, desafia o comum e procura intervir em suas próprias concepções e conduta. A mudança social e política advém da mudança da subjetividade e da conduta individual de cada pessoa que vive comunitariamente.

A consciência auto-crítica faz parte das qualidades de qualquer pessoa, apenas foi gradativamente sendo substituída pela razão instrumental. Necessitamos urgentemente fazer renascer essa qualidade do interior, do inconsciente dos sujeitos.

A consciência pode crescer e atingir estados superiores de

compreensão dos pensamentos e, assim, poderá sair do subdesenvolvimento que a cega e a reprime.

"Estes desenvolvimentos de consciência necessitam, não da reabsorção do inconsciente na consciência, mas do desenvolvimento do diálogo com os processos inconscientes de que proveio, que o alimenta, e que ao mesmo tempo a podem sufocar; é no circuito recorrente consciência/inconsciência que os poderes inconscientes profundos podem enriquecer a consciência, que por sua vez pode elucidar e estimular o jogo dos poderes profundos."<sup>58</sup>

É de essencial importância que o sujeito deixe fluir suas qualidades interiores, as quais poderão gerar mudanças de longo alcance. Como diz Morin, "o devir da humanidade joga-se também ao devir da consciência."<sup>59</sup> O liberar da criatividade humana exerce forte influência nesse "devir", pois, ainda que rara, pode ser inventiva e original. Essa criação representa um desafio a velhas concepções.

A consciência ecológica além de por em causa essa questão das qualidades interiores do ser humano, também está situada em um momento histórico específico, em pleno fim do século XX. Pois, um hiper-desenvolvimento econômico exteriorizou resíduos que ameaçam e perturbam o ecossistema social e natural. Assim, percebemos que:

"O alerta ecológico demonstra um verdadeiro salto qualitativo pelo menos ao

nível de tomada de consciência. Não limita a traduzir os mesmos problemas em termos de nocividade e de poluição; vê ameaças mortais onde não se viam senão ameaças de extensão; considerada a poluição e a nocividade, não como conseqüências fatais, mas vê, no limite, não mais um desenvolvimento técnico-econômico a caminho da prosperidade e do bem-estar, mas uma ubris que tende a poluir as fontes primeiras da vida e desagradar a própria vida. As soluções, nestas condições não podem ser tecnológicas; implicam uma reestruturação geral do sistema, não apenas urbano, mas também civilizacional."<sup>60</sup>

Evidencia-se então, que a tomada de consciência ecológica faz parte da proeza do desenvolvimento econômico além do limite buscado pela sociedade moderna.

Onde estaria a solução para o problema suscitado? Se é possível uma solução, ela não está nos moldes técnico-econômicos do ocidente burguês ou nos moldes do comunismo de aparelho. A nossa sociedade contemporânea somente poderá se desenvolver ao se transformar profundamente. Os germes da consciência ecológica já está surgindo, ainda que advindos de graves perturbações ecológicas, demográfica e atômica.

A idéia de catástrofe mundial favorece o desenvolvimento de uma nova consciência, bem como de uma transformação. Capra fala sobre o emergir da nova consciência:

"Essa nova consciência está sendo elaborada especificamente por numerosos indivíduos, grupos e redes, mas uma significativa mudança de valores foi também observada em grandes setores da população em geral, uma mudança de consumo material para a simplicidade voluntária, do crescimento econômico e tecnológico para o crescimento e desenvolvimento interiores."<sup>61</sup>

Quanto à transformação, somente será possível, parece-me a partir de inovações surgidas do interior da pessoa e assim, paralelamente ao social e ao político. Essa transformação é lenta e a partir de pequenas mudanças, as quais poderão ser vistas como rupturas e por vezes, poderão ocorrer confusão e indecisão e outras vezes, a novidade da descoberta é tão atraente e interessante que, torna-se um desvio diante da grande maioria regular. O desvio, a inovação e a mudança, na conduta e nas idéias, sempre se revela na esfera do sujeito. Mas,

"nem todo o desvio implica a inovação, a mudança, a evolução; só implica uma virtualidade sismogenética se encontra condições de extensão e de desenvolvimento; tem de proliferar, de resistir aos "feedbacks" negativos, tem de transpor limiares (gates), de provocar uma ressonância, uma estimulação ("feedback" positivo), tem de nascer uma tendência a partir de micromeios ou microfenômenos (e até a partir do indivíduo e do ocidente)."<sup>62</sup>

Existem diversas maneiras de se chegar à transformação. Entre elas está a auto-eco-organização de Edgar Morin, a auto-atualização de Alberto Guerreiro Ramos, a mudança de paradigma de Fritjof Capra e a conspiração silenciosa de Marilyn Ferguson. Todos esses autores possuem idéias semelhantes no que diz respeito à mudança da cultura ocidental materialista.

Não podemos traçar aqui um "guia turístico" para o sujeito-viajante passar rumo à transformação. Simplesmente porque a viagem de transformação não possui ponto final. Cada novo estágio em que chega é fascinante ou aterrorizador. A ultrapassagem de um estágio a outro depende muito da superação de desafios encontrados no caminho. A superação, ou seja, a mudança pode ser fácil ou difícil, depende muito de cada sujeito-viajante. A maior dificuldade está em não empregar vigor e esforços necessários para atingir o desejado. Com certeza, a mudança é um caminho de ida sem volta, o que pode ocorrer é a vacilação e o desejo de não prosseguir adiante, fruto de uma opção pessoal.

O movimento de transformação, sem dúvida é peculiar a cada sujeito. Marilyn Ferguson acentua que a transformação não ocorre apenas a nível pessoal, existe um conjunto de pessoas envolvidas no mesmo processo. A partir da transformação da vida diária se poderá construir e transformar a sociedade, onde diversas mentes unem-se e "conspiram" com o intuito de construir uma vida social mais significativa. Dilui-se na sociedade um "poder silencioso", acentua a autora, de transformar, inspirado em uma ótica diferente da convencional.

Os membros dessa "conspiração" não estão organizados; em movimento com liderança. São pessoas que mudam a partir de seus próprios cotidianos, destruindo elementos chaves da sociedade moderna. É uma mudança de dentro para fora, do pessoal ao social, insiste Ferguson. A "transformação tem sido descrita como despertar, um novo tipo de atenção... é descoberta uma nova compreensão do eu."<sup>63</sup>

Para Ferguson, a transformação é um processo em que o sujeito precisa ter fé na sua própria capacidade de mudança, não ter medo, abrir-se e deixar que flua com espontaneidade. Evidentemente que há uma exigência de esforço, nossas capacidades precisam ser treinadas, exercitadas objetivando melhorar nossa sensibilidade interior. A autora assinala quatro estágios pelos quais a pessoa passa até chegar à conspiração, chama a atenção para o fato de que esses estágio podem variar conforme a pessoa. O primeiro estágio é preliminar: "um ponto de entrada", no qual a pessoa descobre que existem diferentes formas de conhecimento. O segundo estágio é a "exploração", aqui o indivíduo percebe que há sistemas para fazer com que esses conhecimentos surjam. O terceiro estágio é a "integração", nesse o indivíduo compreende que seus velhos valores não são apropriados aquilo que acredita e apreende que existem outras maneiras de ser. O quarto estágio é a "conspiração", onde se descobre outras fontes de poder e meios para usá-las na realização pessoal e social.<sup>64</sup>

Fritjof Capra descreve que a transformação se dá a partir de um novo paradigma, holístico e ecológico, tanto para a ciên-

cia como para o espírito. Para ele, vivemos uma situação de crise generalizada, o problema mais grave está na visão limitada do paradigma reducionista mecanicista. Necessita-se de uma mudança urgente em percepções e valores. Assim, torna-se fundamental adotarmos uma atitude harmônica em relação ao racional e ao intuitivo.

"Essa nova visão inclui a emergente visão sistêmica de vida, mente, consciência e evolução; a correspondente abordagem holística da saúde e da cura; a integração dos enfoques ocidental e oriental da psicologia e da psicoterapia; uma nova estrutura conceitual para a economia e a tecnologia; e uma perspectiva ecológica e feminista, que é espiritual em sua natureza essencial e acarretará profundas mudanças em nossas estruturas sociais e políticas."<sup>65</sup>

A transformação de uma consciência material para uma consciência interior-espiritual está sendo promovida por um processo nascente de transformação cultural.

Portanto, para Capra, já se pode identificar pontos de mudanças no pensar e nos valores. Essas mudanças ocorrem pela tomada de consciência individual e social, a partir de uma perspectiva planetária, em que a pessoa adota a posição de parte única e inseparável do cosmo como um todo.

A propulsora da transformação para Guerreiro Ramos é a auto-avaliação. O indivíduo dá significado à sua vida, esse significado "resulta da atualização de suas potencialidades



peçoais"<sup>66</sup>. A auto-atualização exige do indivíduo resistir às normas socialmente estabelecidas pela sociedade de mercado. Resistir à uma vida determinada socialmente requer muito esforço. A atualização pessoal requer um ambiente específico, não encontrado no sistema de mercado. Esta visualiza a "unidimensionalização da vida individual e coletiva"<sup>67</sup>. Enquanto, a atualização pessoal rejeita as prescrições impostas e requer um espaço que possibilite o desenvolver da "arte multidimensional", assim deixa fluir "padrões substantivos de racionalidade". Diz Guerreiro Ramos:

"Os verdadeiros atualizadores são os agentes capazes de manobrar, no mundo organizacionalmente planejado, de modo a servirem aos objetivos desse mundo com reservas e restrições mentais, sempre deixando algum espaço para a satisfação de seu projeto especial de vida."<sup>68</sup>

A máxima de Guerreiro Ramos, "dar ouvidos ao eu mais íntimo", já mencionada anteriormente, mostra que a transformação deverá abalar os valores da sociedade de mercado profundamente. A busca de mais significado para a vida não está em cobrir frustrações e vazios com o consumismo material insaciável. Se a pessoa descobre que esse consumismo não melhorará sua angústia, então, começa a ouvir a si mesmo, ao seu interior. Nessa perspectiva, a percepção de mundo se altera. As capacidades e criatividades florescem, a aprendizagem e o potencial de mudanças nasce do interior. Descobre-se então, que a mudança não está em algum lugar longe de nós, ela está em nós

mesmos.

Para Edgar Morin, toda mudança possui uma inteligência produzida pela auto-eco-organização, que por sua vez está inserida em uma complexidade. A complexidade é ultrapassada pela hipercomplexidade. A hipercomplexidade é uma emergência de um sistema complexo, ou melhor, é uma reorganização qualitativamente nova em relação ao seu padrão de normalidade. Um sistema hipercomplexo "é um sistema que diminui as suas coações e que aumenta as suas aptidões organizacionais, nomeadamente a sua aptidão para a mudança"<sup>69</sup>. A hipercomplexidade de um sistema, seja ele físico ou social, é uma capacidade de "evolução".

Evolução entendida como:

"o produto de múltiplas mudanças; estas mudanças devem ser consideradas como saltos ou rupturas num contínuo que, de outro modo seria puramente cíclico-repetitivo; cada mudança pode ser considerada como uma ruptura (de equilíbrio, de homeostase), e finalmente toda a evolução pode ser considerada como desorganização (parcial, local e geral) seguida de reorganização, isto é, uma organização que por sua vez é afetada pela nova mudança."<sup>70</sup>

Desse modo, a evolução é um processo pelo qual diversas mudanças são manifestadas. É a presença no sistema de um elemento novo, diferente, condição necessária para originar conflito, desordem, antagonismo e, conseqüentemente, mudança.

As mudanças são provocadas pela necessidade de inovação do sistema. Assim, "na origem da mudança estão as condições de emergência da novidade..., a novidade mutacional é um desvio extraordinariamente raro."<sup>71</sup>

Nesta perspectiva, a sociedade é um sistema em constante evolução e portanto em mudança. O indivíduo é o provocador das mudanças e, por si mesmo, dos desvios, da criação, da inovação e dos acasos. Uma das condições primordiais da mudança é a autonomia individual. No entanto, não podemos esquecer que a autonomia individual tem por trás não só a mudança, mas também o conformismo.

Conclui-se então que a hipercomplexidade vem junto com a mudança, que por sua vez segue um movimento de desorganização e reorganização. Trata-se pois, de entender que um sistema se transforma na interação entre ordem/desordem, invariância/inovação.

A transformação da sociedade entendida por Morin, como relação hipercomplexa entre conflito (desordem) e o conformismo (ordem, obediência), revela-nos a riqueza da idéia de mudança, pois ultrapassa idéias simplistas que somente viam mudança no conflito ou na ordem.

Assim, cabe aqui, rever a idéia de "revolução", a qual não pode mais ser entendida como uma promessa ou, o futuro paraíso:

"Revolução não depende mais de um agen-

te principal (o partido, o proletariado), de uma ação principal (a tomada de poder), de um núcleo social principal (os meios de produção); precisa de múltiplas mudanças, transformações/revoluções simultaneamente autônomas e interdependente em todas as áreas (inclusive, necessariamente, a do pensamento)."<sup>72</sup>

Pelo que a realidade tem mostrado essa transformação social, econômica, cultural, mental e espiritual, é muito pouco provável, pois parece que tudo, cada vez mais, encaminha-se para a entropia. Mas, como a probabilidade da existência do mundo foi ínfima, então a possibilidade de um revivamento do homem, da sociedade e da humanidade já não é tão incerta. Parece que a incerteza na história da vida é a nossa única certeza. Ela pode ser a escuridão, a desesperança, a morte, mas também é o fermento, o horizonte, a criação.

Não podemos perder a ilusão, a pessoa é dotada de capacidade de criação e de busca, ainda que nos pareça ofuscada e nebulosa precisamos acreditar no ser humano. A nossa esperança se encaminha para aquilo que pensamos ser impossível, improvável e incerto. Sem dúvida, se a crença desaparece, perdemos tudo e nos conformamos com a morte. Precisamos acreditar na transformação, precisamos apostar na criatividade humana. Tudo parece escuro, mas se olharmos bem, no fundo há uma pequena luz, ela só tem sentido para o sujeito consciente.

### 2.2.3 O Sistema

A concepção sistêmica surge em contraste com a concepção mecanicista. Ela trata da totalidade, da interação dinâmica e da organização de diversos elementos que compõe a vida. Podemos perceber o sistema desde a unidade elementar, o átomo até o sistema solar. O homem, os animais, os vegetais, a ecosfera, o universo são sistemas encadeados, uma na necessária dependência e cruzamento da outra.

Os sistemas entraram definitivamente em inúmeras áreas do conhecimento com a Teoria Geral dos Sistemas de Von Bertalanffy.

Von Bertalanffy divide os sistemas em abertos (que se relacionam com o meio ambiente) e fechados (que estão isolados do seu ambiente). Estabelece uma distinção bem clara entre esses dois sistemas e salienta essa oposição em termos de trocas termodinâmicas com o meio.

Nesses termos, o único sistema que é dinâmico e interage com o meio é o sistema aberto. O sistema fechado é visto como se não efetuasse em nenhum nível trocas com o meio exterior. Abertura e fecho considerados "organizacionalmente e não apenas termodinamicamente, não estão em oposição absoluta."<sup>73</sup>

Todo sistema aberto comporta o fecho e todo sistema fechado comporta abertura. O sistema aberto efetua trocas com o exterior para sobreviver e se transformar. Mas, fecha-se quando existe alguma ameaça exterior ou mesmo para interagir em si

mesmo e manter sua própria existência. "A idéia de fecho aparece na idéia chave de retroação do todo sobre as partes, que fecha o sistema sobre si mesmo, esboça sua forma no espaço."<sup>74</sup> O sistema aberto fecha-se para preservar sua identidade individual, garantir sua autonomia, sua vida e sua complexidade. "O fecho de um "sistema aberto" é o anelamento sobre si mesmo."<sup>75</sup>

O sistema fechado na verdade não está totalmente isolado do exterior, através de sua própria singularidade realiza trocas com o meio ambiente. "Os caracteres aparentemente intrínsecos, como a massa, só podem ser definidos em função das interações gravitacionais que o ligam ao corpo que constitui o seu meio."<sup>76</sup> Quer dizer que, um sistema fechado, em termos de constituição física individual, relaciona-se com o exterior. Desse modo, o sistema fechado não é totalmente fechado, pois também comunica-se ainda que sutilmente com o seu meio ambiente. Portanto, fecho e abertura constitui a característica de qualquer SISTEMA.

Vejo hoje que, a sociedade, considerada tradicionalmente um sistema aberto, pode ser também um sistema fechado quando fecha-se sobre si mesma, como por exemplo para pensar sobre a repercussão de suas atitudes que ameaçam a sobrevivência do planeta e da humanidade.

Edgar Morin, ensina-nos que o verdadeiro princípio da organização complexa é:

"ultrapassar a idéia simples de fecho que exclui a abertura, a idéia simples de abertura que exclui o fecho. As duas podem e devem ser combinadas; necessárias juntas, tornam-se relativas uma à outra, uma e outra, como na idéia de fronteira, pois a fronteira é aquilo que, simultaneamente, proíbe e autoriza a passagem, aquilo que fecha e aquilo que abre."<sup>77</sup>

Considerando que todo sistema aberto não é totalmente aberto e nem todo sistema fechado é totalmente fechado, não podemos determinar as fronteiras entre os organismos (sistemas) e seu meio ambiente. Os limites são estabelecidos pela organização, necessidades e emergência de cada sistema. Nós pré-julgamos os sistemas quando os definimos como abertos e fechados.

Dessa forma, queremos mostrar aqui um outro enfoque de sistema que estabeleça um outro tipo de análise mais rica e mais complexa da realidade.

Von Bertalanffy define sistema como um "complexo de elementos em interação" formando uma "totalidade". Esta definição comporta a idéia de inter-relação e a idéia de unidade global dos elementos que compõe o sistema. No entanto, o autor não aprofunda o como ocorre a união dessas duas idéias. Tece alguns comentários a respeito de organização sistêmica, mas de forma superficial.

Com efeito, a Teoria Geral dos Sistemas, elaborada por Von Bertalanffy, também não aprofunda o conceito de sistema. Iremos apresentar aqui, o conceito elaborado por Edgar Morin que avança nesta problemática.

Morin, questiona o conceito de **sistema** apresentado pela Teoria Geral dos Sistemas. Para o autor "não basta associar inter-relação e totalidade, é preciso ligar totalidade à inter-relação através da idéia de organização"<sup>78</sup>.

O conceito de organização não é suscitado na maioria das definições de **sistema**. Podemos entendê-la como a articulação em cadeia entre os componentes que geram um sistema, dotada de qualidades não conhecidas a nível dos componentes básicos. A organização liga elementos ou acontecimentos que integram uma unidade complexa ou sistema. "Garante solidariedade e solidez relativa a estas ligações, e portanto garante ao sistema uma certa possibilidade de duração apesar das perturbações aleatórias"<sup>79</sup>.

Dessa forma, a organização cuida da unidade complexa dos diversos elementos que com qualidades diferentes permeiam o **sistema**. Ela é que possibilita reconhecer o enigma, o mistério que envolve a vida, bem como assegura a permanência, a existência do sistema, ela trabalha constantemente com o antagonismo para manter a vivacidade do sistema. "A organização viva... funda sua complexidade própria na união ao mesmo tempo complementar, concorrente e antagônica de uma desorganização e reorganização ininterruptas."<sup>80</sup> Nesse sentido, a or-



ganização é complexa, sendo complexa é flexível e frágil. Assim, regenera-se com facilidade diante das necessidades e emergências que aparecem em todo o **sistema**.

Dessa forma, para o pensamento simplificador é difícil ver o que tem em comum o sol, a molécula e a sociedade. Assim, os nossos sentidos devem, direcionar-se para perceber a nossa maneira de conceber, e pensar, de forma organizacional, a realidade que está a nossa volta.

As emergências são produtos gerados pela organização de um **sistema**. Elas são qualidades ou propriedades novas apresentadas em relação às qualidades ou propriedades dos elementos, de um sistema, considerados isoladamente. Assim, as qualidades mais sublimes de nosso universo, como por exemplo a consciência, a liberdade, o amor, os frutos, as flores, os perfumes, a beleza dos rostos são emergências. Como diz Morin, a emergência é:

"o salto da novidade, da síntese, da criação. (...) Então temos de inverter a visão dos nossos valores. Queremos ver essas virtudes excelentes como essências inalteráveis, como fundamentos ontológicos, enquanto elas são frutos últimos. (...) Os fins sublimes a que nos dedicamos são inflorescências de sistemas de sistemas de sistemas, de emergências de emergências de emergências."<sup>81</sup>

Essas qualidades novas emergentes representam tudo que

existe de mais frágil e transitório e nós queremos-los para sempre e imortais.

A partir dessas considerações, podemos chegar a um conceito aproximado de sistema, pois já percebemos que ele é muito mais do que os seus elementos justapostos. Ele se constitui, segundo Morin, em um todo que possui organização, unidade global e qualidades e/ou propriedades novas emergentes da organização e da unidade global.

A noção de emergência, tal como é mostrada por Morin, permite-nos compreender o significado da idéia segundo a qual o "todo é superior à soma das partes".

Os elementos de um **sistema** são sistemas que co-habitam em um sistema maior, eles são de características e qualidades próprias que os diferem entre si e do todo, mesmo estando ligados entre si e ao todo. As partes não são redutíveis ao todo e nem o todo às partes "... as partes devem ser concebidas em função do todo e devem igualmente ser concebidas isoladamente: uma parte tem sua própria irreducibilidade em relação ao sistema."<sup>82</sup> As partes possuem qualidades que impulsionam a organização do todo. Importante lembrar que não podemos simplesmente explicar tudo pelas partes, bem como, também não podemos explicar tudo pelo todo. Existe uma autonomia relativa das partes e do todo.

Dessa forma, a totalidade, nos **sistemas**, é valorizada em termos de alta complexidade (múltiplos universos conhecidos e desconhecidos). Em cada parte existe um pluriverso e há

um profundo respeito pelas individualidades das unidades menores. Torna-se claro que as particularidades do sistema são destruídas quando ele é cortado em elementos menores. A sua força, a sua vida, são compreendidas com mais nitidez quando o respeitamos no seu universo singular.

Assim, podemos perceber que os **sistemas** são unidades na diversidade. "... A diversidade é exigida, mantida e até criada e desenvolvida na e pela unidades sistêmica, que por sua vez cria e desenvolve."<sup>83</sup> Começamos a deslizar por caminhos que desejam mostrar-nos que um **sistema** é uma "unidade complexa organizada".

"A idéia de unidade complexa vai ganhar densidade se pressentirmos que não podemos reduzir nem o todo às partes nem as partes ao todo, nem o uno ao múltiplo nem o múltiplo ao uno, mas que temos de tentar conceber em conjunto, de modo simultaneamente complementar e antogônico, as noções de todo e de partes, de uno e de diverso."<sup>84</sup>

Nesta idéia de **sistema** como unidade complexa, é importante salientar que para manter a ordem sistêmica são necessárias regras, regulações, subordinações e imposições. Pois, "toda a organização que determina e desenvolve especializações e hierarquizações, determina e desenvolve imposições e representações"<sup>85</sup>.

Edgar Morin afirma que nas sociedades históricas a denominação hierárquica, a especialização do trabalho, as opressões são

trágicas na medida que inibem as potencialidades criativas dos indivíduos que as compõem. É dessa forma que certos sistemas pagam com o subdesenvolvimento das potencialidades neles contidos. Pois, as imposições podem ser destrutivas das liberdades tornando-se opressiva. Portanto, é importante salientar que:

"os progressos da complexidade organizacional se fundam nas "liberdades" dos indivíduos que compõem o sistema."<sup>86</sup>

Mas, somente onde há possibilidade de escolha que as imposições se tornam opressivas.

Outro elemento essencial, para compreender o conceito de **sistema**, é a idéia de antagonismo.

O que garante a organização de um **sistema** é o estabelecimento de relações complementares entre as diferentes e diversas partes que compõem um **sistema** e o estabelecimento de relações das partes com o todo. Mas, segundo Morin, para manter as diferenças são necessárias "forças de exclusão" para que tudo, no **sistema**, não seja confundido a ponto de não poder concebê-lo. Por isso, as forças antagônicas devem ser ao mesmo tempo mantidas, neutralizadas e superadas para que o **sistema** possua equilíbrio organizacional.

Assim,

"a idéia de sistema não tem apenas harmonia, funcionalidade, síntese superior; comporta, necessariamente,

a dissonância, a oposição, o antagonismo." <sup>87</sup>

Portanto, não existe organização em um sistema sem que ocorram ações e processos antagônicos.

Mas, é preciso lembrar ainda que, quanto mais rica é a complexidade sistêmica mais existe possibilidade de degradar-se. A desintegração de um **sistema** pode vir simultaneamente do seu interior e do seu exterior. Dessa forma, o antagonismo passa a significar vida, crise, desenvolvimento e morte.

Além do processo antagônico em que o **sistema** está inserido é preciso vê-lo como integrante de um meio, fazendo parte de um tempo e sendo interpretado por um observador/conceptor.

Precisamos, enfim, compreender que o conceito de **sistema** deve ser complexo e, para tomar esta forma, diz Morin que ele deve ser concebido segundo uma "constelação conceptual", na qual se possa considerar:

- a problemática do todo (o todo não é todo);
- a problemática da organização;
- o dasein físico do sistema (a sua situação num meio e num tempo);
- a relação do sistema com o observador/conceptor. <sup>88</sup>

#### 2.2.4 O Método

A partir das idéias de sistema, organização, incerteza, complexidade, descreverei mais especificamente sobre o "método

de complexidade" (proposto por Edgar Morin), o qual adotaremos como idéia mestra para uma nova metodologia no Serviço Social.

Considero essa concepção inegavelmente rica, abrangente, fantástica, uma vez que procura aceitar a vida como é, cheia de eventualidades, ambigüidades, antagonismos, incertezas e ordem. Essa visão, rejeita todo o pensamento simplificador (reducionista) que divide, desrelaciona, coisifica o pensamento a respeito do mundo e separa o observador/conceptor do objeto estudado.

A idéia de Método da Complexidade passa, necessariamente, pela idéia de observador/conceptor<sup>89</sup> (o cientista/profissional).

A visão simplificadora além de eliminar as incertezas e desordens do conhecimento, também elimina a presença da subjetividade no meio científico. Ou seja, a ciência exclui de seu meio quem a concebe, o sujeito observador/conceptor. Não que a subjetividade deva ser negada, a rejeição a ela deve passar pelo reconhecimento de sua existência e pela sua crítica. A busca da subjetividade do mundo exterior está ligada à questão do sujeito que percebe/concebe este mundo. A rejeição incondicional à subjetividade é um pensamento falso, pois nega a presença da pessoa que formula o conhecimento e a ausência do conceptor é impossível.

O sujeito conceptor está sempre presente em seu objeto de trabalho, pois nele deixa transparecer suas crenças, seus desejos, suas certezas, suas incertezas, seus limites, e seus

ideais. Não podemos isolar o sujeito conceptor da sociedade e da cultura de onde provém ou de onde vive. O conhecimento que produz revela o seu "nicho ecológico" e sua imagem é colocada no mundo que medita. Assim, a natureza do objeto também fica delimitada pelo modo de conceber exclusivo do sujeito.

Portanto, o objeto já não pode ser concebido sem seu observador. Observador e objeto se interpenetram, ou seja, "o observador também faz parte do sistema observado, e o sistema observado também faz parte do intelecto e da cultura do observador sistema."<sup>90</sup> Inaugura-se uma totalidade sistêmica diferente, a qual se engloba sujeito e objeto, e envolvendo também a cultura e a sociedade de onde provém o conceptor. Desta forma já não podemos ir ao encontro de um objeto excluindo o sujeito.

É nesta perspectiva que se abre a via do Método da Complexidade cuja a exigência é que o próprio observador se esforce para conhecer a si mesmo e seu sistema de idéias.

No entanto, a busca do Método da Complexidade não situa-se somente na busca da compreensão da articulação entre sujeito e objeto, mas no reconhecimento de que o "desconhecido, o incerto e o complexo situam-se precisamente nestas articulações."<sup>91</sup>

O Método da Complexidade é anti-reducionista na sua forma condicional, aceita a via do reconhecimento dos limites do pensamento reducionista para chegar ao pensamento complexo.

Complexidade significa a impossibilidade de simplificar, isto é, um fenômeno não pode ser isolado totalmente para ser compreendido, ele possui raízes que o prende a outros elementos, e estes a outros constituindo assim, a multidimensão.

"O pensamento complexo deve ultrapassar as entidades fechadas, os objetos isolados, as idéias claras e distintas, mas não deixar-se encerrar na confusão, no vago, na ambigüidade, na contradição. Deve ser um jogo/trabalho com/contra a incerteza, a imprecisão, a contradição."<sup>92</sup>

A busca da cientificidade conduziu-nos a um retalhamento do conhecimento. A ciência se subdividiu em especializações e assim, fragmentou o homem entre as diversas disciplinas. Não condenamos as especializações, mas a falta de comunicação, de organização existente entre elas. A partir disso, torna-se urgente parar para pensar sobre os métodos usados e sobre as práticas realizadas.

A insuficiência do pensamento especialista redutor leva-nos a transgredi-lo e a articular um novo saber, um novo método.

Mas não dispomos de um método programado, e sim de um "anti-método onde a ignorância, a incerteza e a confusão se tornam virtudes."<sup>93</sup> Neste sentido, o incerto e o confuso são prenúncios da presença da complexidade.

Partimos da recusa da simplificação e da recusa do método pronto. O método será construído na busca, no caminho. Isso,



evidentemente também não significa que não devamos ter nenhum programa. O que existe é uma idéia fictícia de programas prontos e soluções finais.

Essas idéias devem ser pensadas e repensadas, visto que a incerteza exige muita criatividade, descobertas e inovações, sobre as quais, o pensamento simplificador não revelou talentos. Bem como, sabemos que a imprevisibilidade constantemente está presente em qualquer momento de nossas vidas. Mais cedo ou mais tarde ela aparece e normalmente não sabemos como agir diante dela e habitualmente não a aceitamos. O método que queremos construir não deseja ensinar o como se sair dos inesperados, mas mostrar que eles estão presentes e é importante reconhecê-los como parte da complexidade e como impulsos à transformação.

Assim, a idéia de complexidade diz respeito a reconhecer a necessidade do método impuro, ou seja, existe dificuldade de permanecer em conceitos e métodos claros e distintos, há necessidade de aceitar o incerto, o não absoluto e o ambíguo. Existem limites no conhecimento, nem tudo podemos prever, nem tudo podemos saber. Certamente, o método deve trabalhar na dificuldade e na incerteza. Mas, com as dificuldades e as incertezas procurar avançar construindo possibilidades.

O método científico que muito contribuiu para o conhecimento racional, objetivo e verificável, negligenciou a presença do imprevisível. Na verdade sempre desejou superá-lo. Não quero aqui, caminhar em direção a uma ortodoxia intelectual que no

final nos conduza ao "vazio". Muito pelo contrário, necessitamos repensar idéias, métodos e ações, mas repensar não no sentido de exclusão de um pensamento em relação ao outro, e sim procurar refletir se os métodos usados estão nos iluminando ou estão cada vez mais nos conduzindo à cegueira.

Nossos métodos nos abrem os horizontes ou estreitam cada vez mais? O que queremos saber e fazer usando nossos métodos?

Onde queremos chegar? O que queremos construir?

Os métodos usados para provar a cientificidade de uma disciplina tendo como base o racional, o fatualmente verificável corroe-se, porque encontrou o irracional, o multidimensional, o sujeito/conceptor, o incerto e o complexo.

Sem dúvida, isso mostra que o conhecimento científico e seus métodos não revelou todo o real do mundo. Principalmente porque não conseguiu tolerar o incerto e o ambíguo. Portava-se de maneira fechada, não estava aberto à mudança. Como disse Popper, uma teoria é científica não por mostrar certezas definitivas, mas por ser "refutável", cuja necessidade é deixar em aberto sua própria falibilidade, é procurar detectar o erro, é buscar o contra exemplo.

Isso significa caminhar em direção a um método possuidor de uma racionalidade aberta e não racional, isto é, o mundo não pode ser totalmente explicado com formas coerentes de idéias; é a presença do irracional na realidade metodológica.

"A racionalização é a ideação fechada,  
a coerência fechada, a lógica fechada;

quer encontrar "razão de ser" para toda a existência, toda a realidade. É mais demente que o irracionalismo, pois este sabe que é irracional, e que a loucura da racionalização é julgar-se racionalidade."<sup>94</sup>

É preciso compreender que a racionalidade deve ser usada para dialogar com o real. Um real não totalmente racional.

A racionalidade aberta insere uma provocação incessante em relação à:

- "- vigilância quanto aos dados, isto é, quanto à informação, de onde a necessidade da verificação da informação;
- reflexão sobre os princípios organizadores da teoria, sobretudo quando elas são incapazes de conceber a existência e o lugar da desordem;
- reflexão sobre a coerência lógica, que deve ser sempre compreendida como um instrumento aplicável ao universo, não como prova ontológica de verdade."<sup>95</sup>

Sem dúvida, a presença do irracional exige, ao abordar o real, imaginação e estratégia. A qual difere muito da intervenção programada inflexível, pois esta não possibilita a iniciativa natural, segue os padrões pré-estabelecidos. Mas ainda, quero dizer que o racional precisa do irracional para inovar, modificar, crescer, ir além do estável, do programado e do conhecido.

Seria conveniente elucidar o significado de programa e de es-

tratégia. O programa é um conjunto de ações pré-estabelecidas que se desencadeiam num desenrolar linear. A estratégia se constrói no decorrer das ações, molda-se conforme o surgimento dos acontecimentos, assim, pressupõe criatividade e perspicácia do sujeito no tratar com o desconhecido.

"... O programa é pré-determinado nas suas operações e, nesse sentido, é "automático"; a estratégia é pré-determinada nas suas finalidades, mas não em todas as suas operações; de fato, é útil para a estratégia dispor de numerosíssimos automatismos (seqüências programadas)... O automatismo - o programa - age, em suma, quando não há álea e não há novo."<sup>96</sup>

O programa compõe-se de várias etapas conhecidas previamente, já a estratégia não pode ser prevista, ela é construída no caminhar, de acordo com a situação. A estratégia é movimento metodológico, empenha-se em utilizar tudo dos acasos, do aleatório. Assim, constrói sua virtude maior: a aceitação da complexidade. Isso não deixa dúvidas de que a estratégia necessita do programa, bem como o programa da estratégia. A flexibilidade do programa é fundamental para usar a estratégia. Como diz Edgar Morin:

"... O que é verdade para o conhecimento animal o é ainda mais para o conhecimento humano no qual a estratégia (inteligência e perspicácia) precisa de dispor de inúmeros programas ou automatismos cognitivos."<sup>97</sup>

No momento do inesperado, o que conta é a criatividade do sujeito conceitor, o qual poderá lançar mão da estratégia.

Nesta elaboração introdutória não pretendo mostrar qual é o método necessário para buscar o conhecimento. Mas, ruir as estruturas de nossas idéias do que venha a ser método. Isso demonstra que não basta pensar profundamente nossos métodos, torna-se emergente revisar a nós mesmos e nossos paradigmas. Mas, como saber pensar, como conhecer o próprio pensamento? Edgar Morin nos diz que:

"... o problema de "saber pensar" passa pelo exame crítico da imunologia ideológica. Saber pensar pressupõe não fechar, não esfriar nosso sistema teórico. Isso significa manter o intercâmbio, o diálogo com as outras teorias, os outros pensamentos; quer dizer, trabalhar incessantemente para impedir que a teoria se degrade em doutrina, que a doutrina se congele em dogma; quer dizer, manter a vida, isto é, a biodegradabilidade da nossa crença."<sup>98</sup>

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- <sup>1</sup>MORIN, Edgar. O Método II - A vida da vida. Portugal, Editora Europa-América, 1984, p. 21.
- <sup>2</sup>MORIN, Edgar. Op. cit. p.30.
- <sup>3</sup>MORIN, Edgar. O Método I - A Natureza da Natureza. Portugal, Editora Europa-América, 1977. p.220-229. E em O Método II - A vida da vida, p. 57-59.
- <sup>4</sup>MORIN, Edgar. O Método II - A vida da vida. Op. cit., p.73.
- <sup>5</sup>Ibid, p.75.
- <sup>6</sup>VIOLA, Eduardo. O movimento ecológico no Brasil (1974-1986). Do ambientalismo à ecopolítica. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. nº 3, v.1, fev.1987. p.06.
- <sup>7</sup>MEADOWS, D. et Alii. Limites do Crescimento. 2. ed., São Paulo, Perspectiva, 1978. p.10.
- <sup>8</sup>SACHS, Ignacy. Ecodesenvolvimento. Crescer sem destruir. São Paulo, Vértice, 1986. p.28.
- <sup>9</sup>Ibid., p.29.
- <sup>10</sup>DURAN, Alexandre Bonilla. Notas para a história das lutas ecológicas. In: Pau Brasil, nº 12, Ano II, Mai/Jun 86. p. 09-10.
- <sup>11</sup>MORIN, Edgar. O Método II. Op. cit., p. 74.

- <sup>12</sup>ROSZAK, Theodore. Persona/Planeta. Barcelona, Kaisos, 1985. p. 24.
- <sup>13</sup>MORIN, Edgar. Para sair do século XX. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, p.71-72.
- <sup>14</sup>MORIN, Edgar. O Método II. Op.cit., p.89-90.
- <sup>15</sup>ROSZAK, Theodore. Op.cit., p. 11.
- <sup>16</sup>CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação. São Paulo, Cultrix, 1986, p.28.
- <sup>17</sup>Ibid., p.55.
- <sup>18</sup>Ibid., p. 63.
- <sup>19</sup>BACON, apud Capra, op.cit., p.52.
- <sup>20</sup>FERGUSON, Marilyn. Conspiração Aquariana. Rio de Janeiro, Record, 1980. p.30.
- <sup>21</sup>MORIN, Edgar. Método I: A natureza da natureza. Op.cit., p.145.
- <sup>22</sup>HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor. Temas básicos da sociologia. 2. ed., São Paulo, Cultrix, s.d., p.45-60
- <sup>23</sup>GUERREIRO RAMOS, Alberto. A nova ciência das organizações. Rio de Janeiro, FGV, 1981, p.22.
- <sup>24</sup>Ibid., p. 141

- <sup>25</sup>MORIN, Edgar. O Método II: a vida da vida. Op.cit., p.145-187.
- <sup>26</sup>ROSZAK, Theodore. Op.cit.
- <sup>27</sup>GUERREIRO RAMOS, Alberto. Op.cit., p.52.
- <sup>28</sup>Ibid., p.53-67.
- <sup>29</sup>Ibid., p.69-83 e p.94.
- <sup>30</sup>MORIN, Edgar. Para sair do século XX. Op.cit., p.117-118.
- <sup>31</sup>MORIN, Edgar. Sociologia. Lisboa-Portugal, Europa-América, s.d., p.96.
- <sup>32</sup>FERGUSON, Marilyn. Op.cit., p.45.
- <sup>33</sup>GUERREIRO RAMOS, Alberto. Op.cit., p.25-49.
- <sup>34</sup>Ibid., p.141-142.
- <sup>35</sup>Ibid., p.201.
- <sup>36</sup>ROSZAK, Theodore. Op.cit., p.149.
- <sup>37</sup>MORIN, Edgar. O Método I: A natureza da natureza. Op.cit., p.17.
- <sup>38</sup>MORIN, Edgar. O Método II: a vida da vida. Op.cit.
- <sup>39</sup>Ibid., p.142.



- <sup>40</sup>Ibid., p. 152.
- <sup>41</sup>MORIN, Edgar. O Método III: o conhecimento do conhecimento. Lisboa-Portugal, Europa-América, s.d., p.80.
- <sup>42</sup>MORIN, Edgar. O Método I: a natureza da natureza. Op.cit., p.14.
- <sup>43</sup>MORIN, Edgar. O Método II: a vida da vida. Op.cit., p.139.
- <sup>44</sup>Ibid., p.413.
- <sup>45</sup>Ibid., p.178.
- <sup>46</sup>Ibid., p.186.
- <sup>47</sup>Ibid., p.413.
- <sup>48</sup>MORIN, Edgar. O Método III: o conhecimento do conhecimento. Op.cit., p.184.
- <sup>49</sup>MORIN, Edgar. O paradigma perdido. Lisboa-Portugal, Europa-América, 1973. p. 134.
- <sup>50</sup>MORIN, Edgar. O Método II: a vida da vida. Op.cit., p.413.
- <sup>51</sup>MORIN, Edgar. O paradigma perdido. Op. cit., p. 134.
- <sup>52</sup>MORIN, Edgar. O Método II: a vida da vida. Op.cit., p.413.
- <sup>53</sup>GUERREIRO RAMOS, Alberto. Op.cit., p. 41.

- <sup>54</sup>MORIN, Edgar. O Método III: o conhecimento do conhecimento.  
Op.cit., p.186.
- <sup>55</sup>Ibid., p. 184.
- <sup>56</sup>Ibid., p. 185.
- <sup>57</sup>Ibid., p. 188.
- <sup>58</sup>Ibid., p. 185.
- <sup>59</sup>Ibid., p. 186.
- <sup>60</sup>MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - 2. 2. ed. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1986, p.184.
- <sup>61</sup>CAPRA, Fritjof. Op. cit., p.404.
- <sup>62</sup>MORIN, Edgar. Sociologia. Op.cit., p.339.
- <sup>63</sup>FERGUSON, Marilyn. Op.cit., p.98-99.
- <sup>64</sup>Ibid., p.85-94.
- <sup>65</sup>CAPRA, Fritjof. Op.cit., p.14.
- <sup>66</sup>GUERREIRO RAMOS, Alberto. Op.cit., p.100.
- <sup>67</sup>Ibid., p. 142.
- <sup>68</sup>Ibid., p. 99.

<sup>69</sup>MORIN, Edgar. Sociologia. Op.cit., p.334.

<sup>70</sup>Ibid., p. 338.

<sup>71</sup>Ibid., p. 339.

<sup>72</sup>MORIN, Edgar. Para sair do século XX. Op. cit., p. 343.

<sup>73</sup>MORIN, Edgar. O Método I: a natureza da natureza. Op.cit.,  
p.129.

<sup>74</sup>Ibid., p. 129.

<sup>75</sup>Ibid., p. 130.

<sup>76</sup>Ibid., p. 129.

<sup>77</sup>Ibid., p. 130.

<sup>78</sup>Ibid., p. 99.

<sup>79</sup>Ibid., p. 101.

<sup>80</sup>Ibid., p. 117.

<sup>81</sup>Ibid., p. 108.

<sup>82</sup>Ibid., p. 121.

<sup>83</sup>Ibid., p. 113.

<sup>84</sup>Ibid., p. 113.

<sup>85</sup>Ibid., p. 110.

<sup>86</sup>Ibid., p. 109.

<sup>87</sup>Ibid., p. 117.

<sup>88</sup>Ibid., p. 121-122.

<sup>89</sup>MORIN, Edgar. Método I: a natureza da natureza. Op. cit.;  
e MORIN, Edgar. Método II. Op. cit.

<sup>90</sup>Ibid., p. 137.

<sup>91</sup>Ibid., p. 91.

<sup>92</sup>MORIN, Edgar. Método II: a vida da vida. Op. cit., p. 360.

<sup>93</sup>MORIN, Edgar. Método I: a natureza da natureza. Op. cit.,  
p. 19.

<sup>94</sup>MORIN, Edgar. Método II: a vida da vida. Op.cit., p.383.

<sup>95</sup>MORIN, Edgar. Para sair do século XX. RJ, Nova Fronteira,  
1986, p.142.

<sup>96</sup>MORIN, Edgar. Método III - conhecimento do conhecimento.  
Op.cit., p.62.

<sup>97</sup>Ibid., p.62.

<sup>98</sup>MORIN, Edgar. Op.cit., 1986, p. 108.

### 3. REFLEXÕES SOBRE UM REDIRECIONAMENTO ECOLÓGICO PARA O SERVIÇO SOCIAL

O objetivo deste capítulo é mostrar a possibilidade de fazer um Serviço Social voltado para a Ecologia Política. Para se concretizar um Serviço Social voltado para a Ecologia, faz-se necessário uma mudança de paradigma tanto a nível de profissão como a nível individual por parte do Assistente Social.

Para ocorrer essa transformação é vital seguir os pressupostos do pensamento complexo. Pois, possibilita perceber e analisar a realidade do homem, da sociedade, do meio ambiente e do ecossistema, simultaneamente, de forma complementar, concorrente e antagônico. Logo que apreendermos essa idéia, impor-se-á a ofuscação reducionista (que somente vê os elementos constitutivos) e a ofuscação holista (que somente vê o todo).

Acreditamos que tal processo, no Serviço Social, decorrerá necessariamente da revisão do método e da forma como o Assistente Social desencadeia a transformação da consciência. Sempre, pautado em princípios e mecanismos que permitam realizar a auto, hetero e metacrítica de toda e qualquer atividade que

envolvam o Serviço Social.

Os pressupostos teóricos apresentados no capítulo anterior se constitui em fundamentos para a realização de qualquer proposta do Serviço Social relacionado com a questão ambiental ou com questões diretamente relacionada com ela.

Quero deixar claro que estou consciente das limitações desta nova proposta para o Serviço Social. No entanto, a originalidade e a relevância teórica desta pesquisa está justamente em abordar o Serviço Social sob uma visão ecológica. Esta pesquisa também quer mostrar que o Serviço Social muito poderá contribuir na renovação do sentido da vida junto à população.

O Assistente Social preparado, poderá contribuir significativamente no processo de formação e transformação da consciência. A tomada de consciência ecológica mobiliza o sujeito a reorganizar de forma crítica seus pontos de vista e sua conduta cotidiana.

Nestas reflexões sobre um redirecionamento ecológico para o Serviço Social, discutiremos cientificidade, subjetividade, método, desafios da crise ambiental, a postura do Assistente Social e, por último, apresentaremos uma proposta normativa voltada para questões ambientais em Joinville.

### 3.1 O SERVIÇO SOCIAL E A CIENTIFICIDADE: TENTATIVAS E EQUÍVOCOS

O Serviço Social, como profissão, na conquista de um lugar entre as ciências sentiu necessidade de que sua produção teórica tivesse caráter científico. Assim, abriu caminhos que possibilitassem o acesso àquele meio. Procurou ajustar os conhecimentos adquiridos com o modelo de cientificidade convencional, buscou o exemplo das Ciências Sociais, como mostrei no Capítulo I.

Constata-se que durante todo o século, não somente no Brasil, o Serviço Social foi, aos poucos, sistematizando seus conhecimentos, revendo e redefinindo seus componentes essenciais (objeto, objetivo, metodologia, etc.). Isso significa dizer que o Serviço Social sempre procurou, desde sua origem, organizar seus conhecimentos de forma que tivesse o caráter científico desejado.

O Serviço Social tradicional (praticado antes da reconceitualização) adotou a tripartição de métodos (caso, grupo, comunidade). Nesta época houve algumas críticas a esse mecanicismo dilacerador e com o decorrer do tempo os Assistentes Sociais foram percebendo, pela prática, que não se poderia "trabalhar" o Serviço Social de forma tripartida. Procurou-se construir uma metodologia genérica (básica ou única) para integrar as três abordagens. Pode-se dizer que tanto a tripartição como a metodologia genérica foram construídas a partir de elementos do método científico que também não trouxe o contentamento es-

perado.

A reconceituação criticou a ótica científica/positivista mecanicista do Serviço Social tradicional. No entanto, ainda que renovado teoricamente, a preocupação com a cientificidade continua presente no interior da profissão. Pois, as diferentes visões no Serviço Social, originadas com a reconceituação, ainda expressam diversas preocupações, a nível científico, em explicar o problema de como se processa a transformação na intervenção social.

Isso significa que os Assistentes Sociais, ao longo do século, estiveram a procura de um estatuto que pudesse demonstrar a cientificidade do Serviço Social. Com a sistematização constante dos conhecimentos adquiridos na profissão, pretendia-se provar que a prática desenvolvida pelos Assistentes Sociais possuía conteúdo científico, desde que se encontrasse o teor dessa categoria e a adaptasse ao Serviço Social. Desta forma, poderia se provar que a produção teórica no Serviço Social não era de "baixo" conteúdo científico. Provando isso à comunidade científica, conquistar-se-ia uma posição respeitável entre as ciências. Certamente para conquistar este espaço seria necessário adotar os critérios convencionais de fazer ciência.

Hoje, depois de muitas tentativas de "acesso à cientificidade", percebe-se, a partir da relação do Serviço Social com as Ciências Sociais, que a profissão não possui um:

"corpo teórico próprio, vale-se dos co-



nhcimentos teóricos armazenados pelas Ciências Sociais/Humanas, para apresentar e refletir a sua própria prática enquanto profissão."<sup>1</sup>

Isso vale dizer que o Serviço Social não é uma ciência no sentido convencional. No entanto, essa concepção gera resistências no seio da profissão. Vale dizer que a cientificidade, como diz Khunn, define-se pelas regras do jogo, as quais serão aceitas por todos aqueles que pretendem ser científicos. Cientificidade também não é concordância de idéias entre os cientistas. Uma teoria ou uma disciplina não é científica porque detém em si a posse da cientificidade. Mas, sim porque aceita participar das regras do jogo. No entanto, aceitar as regras do jogo dos antagonismos teóricos e pessoais e enclausurar-se em um conjunto de regras pré-descritas. Pelas características do Serviço Social, uma profissão que a nível empírico lida com a realidade humana, passível de constantes transformações e que, a nível teórico, transformou-se devido à necessidade de superar limites encontrados no real, não pode se fechar nas regras do jogo estabelecido pela cientificidade. Deve sim, rever criticamente o problema da cientificidade.

Não podemos aqui determinar como se caracteriza definitivamente o Serviço Social e nem, tampouco dizer que se o Serviço Social não é ciência não necessita de método para realizar descobertas.

Acreditamos que o Serviço Social deve abrir-se por excelência, estar sempre se renovando, submete-se à crítica sistemática,

avaliando a qualidade das superações realizadas enfim, fazendo a **auto-crítica** numa perspectiva criativa e anti-dogmática.

Como diz Morin:

"encontrar no próprio cerne do problema da razão não a certeza, não somente a dúvida mas o diálogo-criativo dúvida-crença. A razão é fé no conhecimento, é dúvida enquanto pretensões absolutas do conhecimento.<sup>2</sup>

Acredito que é preciso ocorrer no Serviço Social um pouco de autonomia no sentido, também, de analisar criticamente as teorias sociais que se embasa para analisar a realidade e não adotá-las imediatamente sem processo crítico necessário. Assim, torna-se importante que o Assistente Social deixe desabrochar a criatividade na construção de uma cientificidade a partir de uma racionalidade aberta (conforme cap. II). Também, é preciso lembrar que, é praticamente impossível cogitar transformações através de concepções reducionistas e simplificadoras.

É preciso realizar um esforço de superação, muito importante para os Assistentes Sociais, principalmente porque o contexto histórico vivido hoje, pela ciência e pela sociedade exige. Dessa forma, analisar o sentido da cientificidade faz parte do paradigma ecológico, pois a racionalidade e os valores presentes na ciência penetram na sociedade como um todo e claro, também, no Serviço Social. Por isso, apontar possibilidade de um Serviço Social ecologizado é preciso refletir também sobre a concepção de cientificidade adotada.

Em se tratando de cientificidade no Serviço Social é relevante refletir sobre subjetividade.

### 3.2 O REPENSAR DA SUBJETIVIDADE NO SERVIÇO SOCIAL

Sabe-se hoje, que é impossível neutralizar a subjetividade do pesquisador. A ciência fala em termos de objetividade científica e neutralidade científica como adestramento dos juízos de valores. Esta questão é muito discutida nas ciências sociais.

Mas, o que significa a subjetividade? Não se manifesta somente em expressões que denotam significado bom ou ruim. A subjetividade está profundamente manifestada nas concepções de homem e do mundo do pesquisador. Ela se manifesta nos anseios, crenças e valores e na própria cultura deste. Por isso, toda a construção teórica objetiva possui um conteúdo submerso subjetivo. Eliminar a subjetividade é uma posição simplificadora da ciência cartesiana.

Por mais que o pesquisador/profissional procure seguir os critérios convencionais de impessoalidade e objetividade, a subjetividade sempre estará presente em suas pesquisas. Não se trata aqui de sobrepor a subjetividade em relação à objetividade, mas de ressaltar a importância de uma enriquecer a outra.

No Serviço Social da mesma forma, o Assistente Social ao adotar uma postura teórica/metodológica estará revelando prefe-

rências, identificações pessoais, crenças e anseios. A escolha é um ato que contém subjetividade e também contém opção política.

Logo, a subjetividade aparece na pesquisa teórica e na prática desenvolvida pelo Assistente Social junto à população. É surpreendente, mas ainda que sua prática possua critérios normativos tais como: sempre desenvolver o diálogo; incentivar a mobilização, organização e participação; incentivar a autonomia; sempre respeitar o modo de viver, valores e formas de organização do grupo ou da comunidade; partir da realidade da população; não levar as "coisas" prontas, fatalmente aparecerá sua contribuição pessoal aquele grupo ou comunidade. Poderá até mesmo introjetar crenças e valores seus na realidade que trabalha. O diálogo propicia condições subjetivas para introjetar a racionalidade instrumental como para desenvolver e fortalecer a racionalidade substantiva.

Portanto, inevitavelmente o Assistente Social está incluído em seu próprio trabalho, ele não pode ser deixado de fora ou ser anulado das suas construções teórico/metodológicas. É como se ele espelhasse ou interpenetrasse naquilo que faz, não dispondo de forças para anular o seu eu pessoal.

Edgar Morin, explica essa questão aos sociólogos e que vale também ao Serviço Social:

"A nossa cultura inscreve em nós os seus conceitos particulares, e acreditamos neles como se exprimissem a realidade viva dos fenômenos. Não basta estabele-

cermos dados objetivos para ficarmos libertos ipso facto de todas essas determinações subjetivas que são as nossas relações de pertença a uma classe, a uma sociedade, a uma civilização."³

Impõe-se, também, a necessidade de mudar nossas concepções, muitas vezes, dogmáticas a respeito da condução das atividades cotidianas enquanto Assistente Social. É ingênua e ao mesmo tempo cega a concepção que acredita não passar valores, idéias e aspirações à população. Nossa imagem se expressa no mundo que acreditamos e que trabalhamos.

Necessitamos, assim, também procurar interpretar e refletir cotidianamente nossas concepções para que não se tornem dogmáticas, fechadas e por conseguinte insensíveis à realidade. Perceber o real não é uma tarefa fácil para a consciência que está convencida de sua "verdade".

Para o Assistente Social, a possibilidade de mudança de comportamentos e atitudes percorre o caminho da sensibilidade e da vontade de perceber a si próprio, de realizar a **auto-crítica**.

Esta **auto-crítica** deverá se constituir principalmente em uma luta contra o egocentrismo, no entanto, sem deixar de reconhecer a subjetividade necessária para resistir no seio de uma sociedade denominada pela racionalidade instrumental.

Como disse anteriormente não se trata de negar a subjetividade e nem de supervalorizá-la, mas trata-se de torná-la cons-

ciente, reconhecer sua importância e também seus problemas e seus limites. Dessa forma,

"Cabe a cada um tentar evitar a ilusão e a arrogância, discernir o que engana e os que o enganam, viver plenamente o que significa a palavra investigação no jogo incerto da verdade e do erro."<sup>4</sup>

Assim, não podemos eliminar e nem ocultar o subjetivo, pois ele está profundamente enraizado em nossas construções mentais/teóricas/metodológicas.

No entanto, a subjetividade é tão importante para a objetividade como é a raiz para a árvore, tem uma parte imersa que não é vista aparentemente, mas é fundamental para sua existência objetiva. Dessa forma, subjetividade e objetividade estão numa relação de dependência complexa.

Isto quer dizer que, reconhecer a existência da subjetividade não implica em negar a importância da objetividade nas construções teóricas/metodológicas no Serviço Social. Significa sim, tornar consciente a complementaridade e a conflitualidade entre subjetivo/objetivo.

### **3.3. O MÉTODO DA COMPLEXIDADE - UM NOVO CAMINHO PARA O MÉTODO NO SERVIÇO SOCIAL**

Como então superar a problemática da subjetividade negada? Como já falei anteriormente pela **autoavaliação**. Isto implica como diz Morin,

"na vontade de objetivar a si própria, (...) no auto-exame, (...) não podemos excluir-nos, mas podemos distanciar-nos. A necessidade de nos distanciar implica ou apela para uma luta contra o egocentrismo, mas esta luta implica o reconhecimento da subjetividade para lhe resistir."<sup>5</sup>

Voltar-se sobre si mesmo para realizar a **auto-reflexividade** ou **auto-crítica**, distanciando-se dos atos pelo próprio espírito significa **avaliar** a qualidade do processo de mudança. Não significa avaliar para incorporar os valores da integração conservadora, como pode ser entendido no Serviço Social.

Além disso, temos não somente fazer a **auto-crítica**, mas também de aceitar a **heterocrítica**<sup>6</sup>. Afinal, no Serviço Social se trabalha com pessoas, grupos, comunidades e, a participação destes é essencial no processo de avaliação. Assim, pode-se lançar mão plenamente da subjetividade individual não suprimível. O Assistente Social deverá adotar a conduta daquele que escuta e incentiva a participação dos sujeitos integrantes de um processo, que implica em conviver a situação de sermos co-participantes e co-responsáveis de uma sucessão de mudanças que possam vir a acontecer.

Agora, questionamos, o Assistente Social vem realizando a auto e heteroavaliação, realmente faz o retorno reflexivo sobre si? ou apenas delira e sente prazer com que faz e diz, sem, levantar a possibilidade de refletir criticamente sobre sua prática e sua metodologia? É uma virtude estar consciente

dos limites do pensamento e da ação, é também uma virtude estar consciente da impossibilidade de se isolar o Assistente Social de sua cultura e da clientela que trabalha. O método científico, tentou isolar sujeito e objeto, mas não obteve êxito. Sabemos que tampouco, o Serviço Social obterá.

Por isso, o Assistente Social há que pensar e avaliar profundamente suas ações, principalmente no sentido de verificar se elas não estão sendo subjugadoras. Embora, em discurso, possa estar pregando a ação transformadora.

O positivismo procurou demonstrar que a sociedade poderia ser vista de forma unidimensional e fragmentada. É no esforço de superação deste pensamento reducionista que emerge o ecologista, o qual, mostra a sociedade de forma complexa (pluralista, integrada e antagônica). Isso implica em realizar uma investigação desassossegada do conhecimento e de suas múltiplas faces.

Para o Serviço Social, é fundamental adotar este pensamento como método, uma vez que a crise da ciência não se desvincula da crise do sistema de vida de nosso século. Ao Serviço Social cabe não apenas inserir historicamente a "questão" social, mas de ultrapassar a idéia autocêntrica e sustentar-se da idéia bio-antropossocial.

É preciso compreender que a constituição de um pensamento complexo não significa reduzir o biológico ao sociológico, mas, de ultrapassar esses limites na procura de uma relação onde ambas estão em constante movimento e num amplo engloba-



mento aberto.

Portanto, a tentativa de desenvolvimento de um pensamento complexo implica em:

"não (...) abstrair os ecossistemas urbanos de natureza antropossocial dos ecossistemas rurais ou domésticos que os rodeiam e de que dependem. A verdadeira realidade, agora polarizada entre a eco-organização natural e a sócio-organização humana, é mista, vaga, multi-dimensional: a verdadeira realidade é a eco(bio-socio)-logia complexa constituída por eco-organizações biológicas e sociais onde o urbano, o rural, o selvagem, se sobressaem e interferem em interações complementares, concorrentes, antagônicas e mortas. (...) O nosso universo (...) se organiza a partir de inúmeras interações entre constituintes físicos, químicos, climáticos, vegetais, animais, humanos, sociais, econômicos, tecnológicos, ideológicos."<sup>7</sup>

A partir dessa concepção, o Serviço Social deve atender à interrelação existente entre o homem e a natureza. E dessa forma, introduzir o olhar ecológico na análise e na intervenção realizada junto à sociedade.

Admitir esta idéia no Serviço Social significa compreender a complexidade no tratamento da problemática sócio-ambiental.

O Serviço Social, como disciplina de intervenção, tem características que o fazem conviver a nível empírico, neste sen-

tido não é difícil incorporar a questão ambiental, pois a qualidade de vida das populações está cada vez mais degradada. Assim, a consciência ecológica emerge em toda sua amplitude eco-planetária, através de diversas formas.

A consciência de alguma coisa não ocorre por si só, ela pode ser despertada, provocada. O papel do Serviço Social é justamente provocar o desdobrar da consciência ecológica através da reflexão crítica sobre os problemas políticos contemporâneos.

Neste sentido, é fundamental que o Serviço Social conceba que os problemas do desenvolvimento da técnica, da qualidade de vida, da centralização estão juntos e são inseparáveis dos problemas da organização social.

Dessa forma, faz-se necessário que o Serviço Social desenvolva uma ética que possua como idéia mestra o homem como ser bio-cultural e trabalhe com este homem valores de vida capazes de possibilitar a sua atualização no sentido chamado, por Guerreiro Ramos, de racionalidade substantiva.

Logo, faz-se necessário que o Assistente Social contribua para o desabrochar da racionalidade substantiva base da consciência ecológica e, junto com esta a gestão responsável e valorativa da vida.

Dessa forma, estará concomitantemente construindo um olhar complexo e, adotando-o como método. O Método da Complexidade segue o conceito de **auto-eco-organização**.

O prefixo auto da organização significa a presença de autono-

mia, autodeterminação do indivíduo, da sociedade, do observador/conceptor, ou melhor, dos seres vivos com relação ao ecossistema onde vivem. Isso quer dizer que, há uma certa liberdade do indivíduo em relação ao ecossistema para sua "auto-produção, a autopetuação, a auto-reprodução, a auto-regeneração, através de obstáculos e eventualidade."<sup>8</sup>

Mas, há uma dependência relativa entre o ser e o ecossistema. O prefixo eco da organização significa que toda auto-organização dos seres estão interligadas com as mutações do exterior, ou seja, da realidade, do ambiente onde está inserido o indivíduo.

Isso quer dizer que o ambiente participa e interfere na organização biológica ou social interna dos seres vivos em geral.

A organização por sua vez, é uma idéia complexa que não pode ser compreendida sem a idéia de antagonismo. A qual faz surgir o papel central dos opostos ordem e desordem. A desordem é um componente essencial no processo de transformação. Pois, desordem é dispersão, é o movimento, o dinamismo dos elementos que compõem o sistema. A desordem não é sinônimo de degradação e morte. A desordem como desvio, perturbação, conflito em um sistema pode provocar uma nova ordem e organização simultaneamente.

Podemos integrar a desordem "como uma parte tolerável e inevitável da organização social mas também considerar que a desordem participa intimamente no ser da sociedade. A sociedade, e em especial as sociedades humanas mais complexas, nos

seus processos permanentes de desorganização/reorganização, domesticam, "recuperam" numa palavra: socializam a desordem."<sup>9</sup>

A idéia da desordem deve ser vista como um conceito chave no processo de constituição de liberdades individuais que possibilitam o "desvio", os quais poderão favorecer a formação de tendências que, poderão constituir-se em motores de transformações.

A auto-eco-organização demonstra o dinamismo pelo qual a sociedade é movida e a torna capaz de gerar transformações.

No Serviço Social temos que superar a concepção que somente vê a desordem, o conflito na organização social, temos também, que superar a visão que somente vê a ordem na organização.

Temos que ver a realidade de forma complexa, estruturando-se com a ordem e a desordem interrelacionando-se, uma dependendo da outra para constituir a organização.

A formulação do método para o Serviço Social, segundo o ponto de vista aqui tratado, deve incorporar o conceito de auto-eco-organização. Pois, não queremos elaborar um conjunto de regras pré-determinadas a serem seguidas no trabalho social. Acreditamos que deve existir momentos básicos essenciais para o desencadeamento do processo metodológico. Mas, o método deve ser construído no decorrer do caminho, conforme as exigências da realidade trabalhada sem perder de vista a autonomia do Assistente Social e da comunidade. Portanto, o Assistente Social não será desprovido de recurso metodológico, o método será construído tendo como referência a auto-eco-organização

no processo de formulação metodológica complexa.

É importante lembrar que, a idéia de auto-eco-organização está interligada com a nova idéia do sistema.

O conceito de sistema conhecido pelo Serviço Social é um conceito "atrofiado", que envia para uma idéia de ordem, não conflituosa, quase invariante, como se tudo fosse uma harmonia linear desprovida de desordens. Por isso, essa concepção foi associada ao funcionalismo, pois tende a reduzir os fenômenos ocorridos ao todo, "desconhece o papel retroativo das emergências e do todo na organização."<sup>10</sup>

A nova ótica, já descrita no capítulo anterior, poderá ser adotada pelo Serviço Social. Pois, possibilita uma visão complexa diferente de sistema. Na qual, o sistema passa a existir convivendo com a ordem e a desordem, formando organização deliberada pelas interações espontâneas entre as partes e o todo, o todo e as partes. Chama-se a atenção para o seguinte, a idéia de sistema aqui apresentada absorve a perturbação e o conflito como elementos construtores da mudança, este sentido é desconhecido no Serviço Social.

A concepção de sistema, conhecida pelo Serviços Social, ao ser aplicada a fenômenos sociais controlou, dominou e moldou. Assim, a prática social, sob essa ótica, em vez de se aproximar da realidade se distanciou.

Outro aspecto fundamental é que a ótica de sistema abordada no Serviço Social, não inclui o observador/conceptor, ou

melhor, o assistente social/profissional como componente no processo de mudança da "situação-social-problema" apresentada pelo cliente. É essencial incluir o assistente social no sistema, pois influi na organização de forma substancial. E, pois, significa, também, a possibilidade de pensar como se realiza sua influência (descrito anteriormente sobre observador/receptor).

Concluindo, a idéia de sistema, vista sob o ângulo da complexidade, facilita ao Serviço Social avançar limites da antiga visão. A nova visão de sistema procura superar, as cisões anteriores, conduz a uma prática responsável e comunitária, onde cada elemento é redescoberto pelo assistente social, em sua multidimensão e no relacionamento com os outros. O jogo de interações entre as partes e o todo não estão ordenados, mas organizados de forma que a desordem se torna a própria configuração da liberdade, da autonomia e também da transformação. Tanto se considera as relações interpessoais como amplia-as a nível da ação política. A proposta é considerar as relações micro e macro de forma complementar e antagônica, e não somente polarizá-las. Considerar o sistema sob esse prisma, no pensamento e na ação do assistente social, poderá deixar desabrochar a complexidade.

O método da complexidade (conforme Capítulo II) não está presente no "mercado". Tão pouco está construído com etapas sucessivas a serem respeitadas. Não é uma solução, é a possibilidade de trabalhar uma realidade, é um ponto de partida

que exige o emprego pleno da criatividade do assistente social. O sujeito, enquanto livre, autônomo, reflexivo e criativo é indispensável para o verdadeiro significado do método, o qual tem como guia a criação e recriação permanente.

### 3.4 O SERVIÇO SOCIAL FACE AOS DESAFIOS DA CRISE AMBIENTAL

A idéia de crise faz parte do pensamento e dos acontecimentos do século XX. Na idade chamada contemporânea não há espaço que não esteja dominado ou aterrorizado pela idéia de crise. A crise se espalhou passo a passo em muitas esferas de nossa sociedade: as instituições, a política, a economia, a ciência, o estado, a sociedade, o homem, a civilização, os valores, etc... Vivemos uma crise generalizada, sua origem está no modelo de homem e de mundo de nossa civilização.

O Serviço Social como profissão, vincula-se ao surgimento da sociedade industrial, assim podemos dizer que também sofre o processo crítico. Esta parece uma constatação ingênua pouco precisa, pouco clara e não articulada. Para se tornar mais compreensível procurarei decodificar o que significa crise.

Normalmente se vê a crise pelo ângulo de que algo não está bem. Esta concepção é própria do pensamento reducionista/simplista. A crise comporta também um conteúdo revelador, capaz de gerar rupturas e transformações.

Pensando o Serviço Social, não é a primeira vez que se encontra em crise. A reconceituação foi um momento crítico no Ser-

viço Social brasileiro e Sul Americano. A qual gerou profundas transformações no seu conteúdo teórico-metodológico. A reconceituação foi um processo que nasceu de uma crise e gerou rupturas e mudanças.

Hoje, talvez passe-se pela crise da reconceituação, sob a ótica de crise apresentada acima. Mas, de qualquer forma, é necessário reconhecê-la para analisá-la e identificar os eixos pelos os quais está caminhando.

A grande perturbação pela qual o Serviço Social passa afeta, em grande escala os mais diversos campos em que atua e afeta, também, sua fundamentação teórica-metodológica. Pois, surge como um problema que não pode ser resolvido a partir das regras normais existentes. Essa situação, a ausência de solução, faz precipitar forças capazes de formular soluções.

Acredito que, a crise no Serviço Social, hoje pós-reconceituado, está relacionado com diversas questões. Entre elas, está o mecanismo de articulação entre linhas de pensamento (funcionalismo, fenomenologia e dialética marxista); o como trabalhar o cotidiano; a noção de totalidade limitada; a própria crise da ciência e da civilização; a necessidade ou não de reconhecimento de um objeto único para a profissão; o pensamento cartesiano-newtoniano; os pensamentos fechados, dogmáticos; a falta de auto-crítica pessoal do Assistente Social; a produção científica escassa; a relação teoria e prática; o como processar a transformação; o como desenvolver a participação, organização e autodeterminação; qual a "melhor" meto-



dologia; como fazer a auto-avaliação e a avaliação profissional com êxito. Além dessas questões, sempre discutíveis, os profissionais do Serviço Social estão seriamente empenhados em desvelar sua identidade. Essas questões, entre outras, geram perturbações e precipitações no seio da profissão. As quais propiciam o surgimento de diversas e novas articulações e interpretações que poderão, gerar transformações no corpo de conhecimentos do Serviço Social.

A crise que parece tão evidentemente está sem saída sob o ponto de vista convencional. Dessa forma, pode gerar apatia, regressão, adormecimento. Mas, este estado de comportamento diante da crise não é permanente, situa-se num momento específico do processo de mudança. É um estado intermediário.

O mais importante é entender que a

"crise é sempre uma regressão dos determinismos, das estabilidades e das coações internas no seio de um sistema; é sempre uma progressão das desordens, das estabilidades e dos acasos."<sup>11</sup>

Os quais, podem gerar condições para a ação e alternativas favoráveis à mudança, à evolução. Existem diversas formas para sair de uma crise, proponho para o Serviço Social a auto-eco-organização a qual traz junto a incerteza, a ambigüidade e a indeterminação no processo de elucidação do caminho a seguir, mas que contribui para regredir o

"conhecimento simples, a teoria simples e permitir a progressão do conhecimento

complexo e da teoria complexa."<sup>12</sup>

O pensamento complexo é a via paradigmática para a ultrapassagem de limites no Serviço Social.

Assim, a crise perturba e desregula, mas também faz ousar, crescer e mudar. O pensamento da complexidade mostra a possibilidade de mudança e agrega consigo o pensamento ecológico. O pensamento ecológico abre um leque sem fim de relacionamento do homem com sua vida, com seus paradigmas, com seus métodos, com a natureza, com a sociedade, com a tecnologia, com a humanidade.

Podemos, ousar em dizer que o pensamento ecológico surge como o grande catalizador e desbloqueador da crise da humanidade. Talvez até seja um dos últimos projetos nacionais para a sobrevivência.

O pensamento ecológico já tem penetrado em diversas áreas do conhecimento, na filosofia, na ecologia, na sociologia, na ciência, na política, na antropologia, na história, na economia, na agronomia, na arquitetura, na astronomia, na química, na psicologia, na educação.<sup>13</sup>

Faz-se necessário que o Serviço Social também leve em consideração a problemática ecológica. Visto que, a ecologia além de colocar em questão a estrutura da vida coletiva das sociedades industriais, também coloca em questão toda a temática da estrutura da ciência.

A ecologia está surgindo como reorganizadora e articuladora

daquilo que foi dilacerado pelo princípio de disjunção da racionalidade instrumental.

A crise complexa que passa a humanidade hoje, coloca em questão o sentido do desenvolvimento científico moderno originado nos séculos XVI e XVII. Inevitavelmente esta questão, faz-nos pensar sobre a racionalidade instrumental que estruturam a vida coletiva das sociedades industriais. Como sabemos a racionalidade instrumental do homem moderno ocidental gerou sérios custos sociais e ambientais. Dessa forma, o que se pensa e como se age hoje no Serviço Social está relacionada com o contexto mais amplo da ciência e da sociedade. Assim, o Serviço Social não escapa à influência também do antropocentrismo. O paradigma cartesiano está presente no Serviço Social, através da influência das ciências sociais e da visão unidimensional da sociedade de mercado.

O reducionismo no Serviço Social, expressa-se de uma forma específica. Não possui o efeito degradante a nível das ciências naturais, mas dilacerou-se ao seguir o caminho da cientificidade dominante.

Primeiro, subdividiu-se em três métodos: caso, grupo e comunidade. Depois, com a reconceituação, constatou três visões metodológicas diferentes: a fenomenologia, o funcionalismo e a dialética marxista.

Tanto de uma forma como de outra o Serviço Social especializou-se e mecanizou-se. Perdeu de vista a relação orgânica entre as formas de fazer Serviço Social. Critica-se aqui não

especificamente a divisão, mas a falta de relação entre as diferentes metodologias que propiciam o "fazer" no Serviço Social. É certo que a opção também não está entre um pensamento simplificador e um globalizante. Necessita-se de um pensamento capaz o suficiente de superar a visão disjuntiva que elimina os opostos, por isso propomos o caminho da complexidade. Pois o pensamento reducionista absoluto cega e impede a passagem para o caminho da visão complexa e multidimensional.

A ecologia propõe uma visão de mundo multidimensional, capaz de superar a racionalidade instrumental. Dado às exigências da crise ambiental vivida neste final de milênio, a ecologia, como uma ciência nova, é um sistema filosófico e teórico em construção.

Mas, também a ecologia é um novo paradigma de conhecimento que aliado a uma intensa atividade política dos movimentos ecológicos, procura defender uma sociedade mais justa e participativa associada a uma melhor qualidade de vida defendendo o meio-ambiente. Sendo assim, os adeptos da visão ecológica procuram agregar teoria e prática. Com efeito, a teoria é importante, a prática é importante para o trabalho social, mas elas por si mesmas, sem estarem unidas são insuficientes.

Para o pensamento ecológico é fundamental reconhecer a inserção da comunidade local no ecossistema global para realização de políticas de intervenção conseqüente.

A realidade cotidiana que o Serviço Social trabalha está

principalmente relacionada com às questões de qualidade de vida.

Viola destaca os efeitos negativos da intervenção humana na natureza:

"destruição do solo através de seu uso abusivo, provocando erosão, inundação e alterações do clima; ameaça à vida biológica nos oceanos, lagos e rios, devido à poluição de suas águas; envenenamento da atmosfera com vapores prejudiciais; criação e produção de armas com poderes absolutos de destruição de qualquer forma de vida; concentração de atividades industriais e comerciais em áreas superlotadas, até o ponto em que as deseconomias externas do congestionamento, da poluição e da alienação da moderna vida industrial e urbana anulam os ganhos em qualidade de vida obtidos através do consumo material."<sup>14</sup>

Estes problemas deixam na sociedade um clima de perplexidade forçando o desabrochar da consciência ecológica também dentro do Serviço Social.

A problemática ecológica alcançou tal magnitude que faz parte do dia-a-dia da população. Dessa forma, deverá fazer parte do corpo teórico-metodológico e da prática do Serviço Social, já que este atua junto à população.

A realidade tende a ser clara, alguns consomem e esbanjam a ponto de destruírem o planeta, outros clamam pelas necessida-

des básicas. Tudo está tão pervertido que se pensarmos um pouco sobre esses que clamam por justiça social também estão querendo possuir e consumir como aqueles que esbanjam sem limites. A massificação, o desespero pela sobrevivência e a ignorância levam as classes mais pobres a contribuir no processo de destruição ambiental. Evidentemente que existe responsabilidades diferentes com relação às classes no processo de degradação ambiental, não entrarei nesta discussão. Questionamos como o Serviço Social poderá contribuir na mudança da racionalidade instrumental presente nas populações?

Cabe aqui dizer, o Serviço Social poderá contribuir no processo de **Educação Ambiental** refletindo, junto à população sobre a sociedade de mercado e seus valores instrumentais subjacentes que levam a degradação e exploração ambiental e social. Poderá também, contribuir no processo de esclarecimento de que o planeta é limitado e se quisermos conviver com a vida temos que mudar o modo de **conceber** e de **viver** no mundo.

O Serviço Social deverá efetuar uma ação junto à população que leve à percepção da necessidade de uma **vida associada** e de um pensamento diferente da racionalidade instrumental, capaz de perceber a realidade não de forma fragmentada que não leva em conta a interrelação dos problemas de nosso tempo.

É difícil, mas necessário que o Serviço Social compreenda que a mudança se processa a partir do íntimo das pessoas como diz Guerreiro Ramos. Esta mudança não se desvincula de uma educa-

ção interessada no crescimento dos indivíduos como pessoas e como cidadãos. Isto implica no fortalecimento do senso de comunidade do indivíduo.

Para trabalhos comunitários e interdisciplinares, sob a ótica ecológica, sugerimos que o Serviço Social resgate as políticas verdes.

As políticas verdes se preocupam essencialmente com a construção de uma sociedade baseada em maneiras de ser e de pensar que reconheçam o interligamento de todos os fenômenos no universo. Trata-se de ultrapassar para além da visão mecanicista que tem dominado o mundo ocidental. O movimento ecológico também, tende ultrapassar antigas tendências de esquerda e de direita.

Capra e Spretnak falam a respeito da política do movimento ecológico argumentado que ela enfatiza:

"a interligação e a interdependência de todos os fenômenos, assim como faz ver a inclusão de indivíduos e sociedades nos processos cíclicos da natureza. Fala da injustiça e da destrutiva dinâmica do patriarcado, chama para a responsabilidade social e para um são e sustentável sistema econômico, que seja ecológico, descentralizado, justo, e que seja composto de instituições flexíveis, no qual as pessoas possam ter um importante controle sobre as suas vidas. Defendendo uma ordem mundial cooperativa, a política verde rejeita todas as

formas de exploração da natureza, dos indivíduos, de grupos sociais e de países. Está entregue a não violência em todos os níveis. Incentiva uma vida culturalmente rica que respeita o pluralismo dentro da sociedade e dá honras a um crescimento íntimo que leva à sabedoria, à compaixão."<sup>15</sup>

Capra e Spretnak ainda fazem uma profunda reflexão sobre os postulados da nova política. São eles: ecologia profunda, justiça social, democracia de base, não violência ativa e descentralização.

O primeiro postulado é a **ecologia profunda**, a qual vai muito além de somente preservar o ambiente natural. Diz que os estragos causados ao meio ambiente também está relacionado conosco. Isto é, a degradação ambiental tem uma profunda relação com a degradação espiritual do próprio homem.

O pensamento ecológico:

"apoia a produção de energia flexível (como a energia solar) que trabalha com os ciclos do sol, da água, do vento e da corrente dos rios. Eles requerem o desenvolvimento de uma tecnologia apropriada que reflita a nossa interdependência com a terra. Eles defendem a agricultura da regeneração que abastece o solo e incorpora meios naturais de controle das pragas. Acima de tudo os verdes exigem que se dê uma parada na nossa devastação de fontes naturais e



ao envenenamento da biosfera pelos descarregamentos dos lixos tóxicos, da acumulação dos assim chamados níveis aceitáveis de exposição radioativa e da poluição do ar."<sup>16</sup>

Ainda, a **ecologia profunda** possui base na filosofia de vida sistêmica. (Ver sobre sistema anteriormente comentado)

O segundo postulado, a **justiça social** é entendida como uma democratização sócio-econômica. Os verdes propõem "leis que protejam os direitos civis de mulheres e minorias"<sup>17</sup>. Propõem também, comunidades alternativas, economias auto-suficientes que reduza a dependência do terceiro mundo e melhora a cooperação tanto na produção como na comercialização. Não aprofundam o debate sobre as formas de propriedade (privada, estatal e cooperativa) mas, chama a atenção para o fato de que a classe operária não pode ser sempre sacrificada por reestruturação econômica e ecológica de nossa sociedade.

O terceiro postulado, a **democracia de base**, foi influenciado na Alemanha Ocidental pelos movimentos de cidadãos e nos E.U.A. pelos movimentos dos Direitos Humanos, da Ecologia, dos Consumidores, etc..

A democracia de base participativa significa uma democracia não centralizada e direta, na qual é dada importância ao controle do poder por grupos populares com base democrática. Assim, ela "permite cada indivíduo o acesso aos funcionários do partido e despreza a estrutura hierárquica"<sup>18</sup>. Dessa forma,

a democracia de base ou participativa enfatiza a importância do poder e do controle aos grupos locais e às suas bases.

O quarto postulado é a **não-violência ativa**. Diz respeito a uma paralização tanto da violência pessoal como da violência imposta por governos e pelas instituições. Apoiar-se a auto-determinação (para grupos e indivíduos), defender-se a educação para a paz, o fim da violência e opressão, feita nas sociedades patriarcais, contra mulheres, crianças, velhos e minorias. Também, querem mudar o relacionamento brutal que a sociedade tem em relação a natureza, desejam um relacionamento de respeito e equilíbrio.

A não-violência é entendida pelos verdes, como uma resistência ativa às manifestações de violência estrutural: a corrida armamentista desenvolvida pelo complexo militar e pelos governos. Argumentam: "abandonar o movimento militar torna-se uma decisão de razão e é a única direção moralmente justificável."<sup>19</sup>

Capra e Spretnak mostram aqui, a influência de Gandhi, Thoreau, Martin Luther King e Gene Sharp.

O último postulado das políticas verdes é a **descentralização**. Os verdes querem reformar o poder de estado centralizado, dizem que a enorme centralização do poder é usada, de maneira inevitável, para a competição econômica, exploração em grande escala e maciças guerras. Usam a afirmação de Max Weber que diz: "O estado é a sede da violência legitimada".

Os verdes defendem a "descentralização e a simplificação de

unidades administrativas com uma parcela de rendimento público do governo dirigidas para os estados, as regiões, os municípios, as cidades e imediações. Dizem que, as unidades menores de população resultariam num mundo mais seguro sob todos os aspectos e sugerem, que as fronteiras culturais e ecológicas poderiam determinar as regiões"<sup>20</sup>. Essa forma de administração ecodescentralizada conduz a uma desburocratização do Estado e conseqüentemente torna as unidades supervisionáveis e manejáveis.

Os verdes são favoráveis ao ecodesenvolvimento, isto é, um desenvolvimento integral, autosustentado, não voltado para o crescimento imitativo, voltado para as necessidades e equidades humanas, voltado para a convivialidade humana, voltado a preservar a diversidade cultural e aberto a mudanças institucionais, que respeito os direitos do cidadão, ecologicamente e prudente economicamente sustentável.

Estes postulados verdes poderão nortear a ação política no Serviço Social. Pois, eles inspiram um novo tipo de sociedade capaz de mudar o sentido da relação homem-homem e homem-natureza. Dessa forma, pode-se então, apontar que essa mudança potencializa mudanças culturais inerentes à constituição de uma nova sociedade, com maneiras de pensar e de agir que expressem o entrelaçamento de todos os elementos e seres que compõe o ecossistema.

O Serviço Social possui um papel fundamental na formação dessa nova sociedade. Cabe-lhe contribuir na análise e reflexão,

junto com os sujeitos onde atuar, os valores inerentes à sociedade de mercado provocando uma ruptura com o modo de vida burguês consumista. Esse rompimento de valores implica na **autodeterminação**, no **livre desenvolvimento de cada cidadão** e na **coparticipação** consciente em construir a nova sociedade necessária para que o homem viva de forma mais integrada com o ecossistema onde está inserido.

Cabe, também, ao Serviço Social contribuir no processo de esclarecimento e organização das populações, tendo em vista a valorização sensata dos recursos naturais de cada comunidade e de cada ecossistema que as circundam, sempre com propósito de atenderem às suas necessidades fundamentais.

O Assistente Social irá se defrontar, na prática, com a racionalidade instrumental, instância que norteia a ação individual e coletiva, que constitui-se o maior desafio para o Serviço Social neste final de século. Dessa forma, o Assistente Social voltar-se-á para compreender seus mecanismos de formação e, lançará mão de ações metodológicas e estratégicas capazes de romper com as bases dessa racionalidade.

Os valores próprios da razão instrumental estão muito arraigados em nossa sociedade e na nossa vida cotidiana. Mas, atualmente estão surgindo muitas condições objetivas (como por exemplo, águas poluídas, alimentos contaminados, barulhos insuportáveis, trabalho insalubre, moradia precária, subjugação no trabalho, vida insegura, epidemias, clima alterado, trânsito superlotado, etc.) que dizem respeito à vida em co-

munidade e que possibilitam à população perceber as atitudes predatórias com uma certa nitidez.

Por último, é importante salientar que, a possibilidade de transformação de paradigma vincula-se, necessariamente, na mudança pessoal do Assistente Social. Ou seja, o Serviço Social ecológico implica na mudança de concepção do próprio Assistente Social e de sua formação acadêmica.

### 3.5 O ASSISTENTE SOCIAL E A ECOLOGIA

Questiona-se: como o Serviço Social poderá fazer a operacionalização das idéias ecologistas?

A operacionalização de uma idéia inicia de forma simples, mas nunca de forma simplificada. Digo de forma simples porque a ecologia como sistema filosófico e teórico está em construção e da mesma forma está sua operacionalização, assim, deve-se começar primeiro pelo Assistente Social.

No Serviço Social muitos paradigmas teóricos foram simplificados porque na passagem da teoria à prática, erros primários foram cometidos. Um deles, quase sempre o principal, foi cometido pelo próprio Assistente Social que, não poucas vezes, adota um posicionamento teórico sem análise crítica adequada e sem conhecimento suficiente para poder superar com criatividade as adversidades surgidas na operacionalização.

Face a isso, queremos salientar que o Assistente Social é livre para adotar a matriz teórica que mais lhe convier, no

entanto, não poderá adotá-la por simples "modismo", sem conhecê-la o suficiente para pô-la, com sabedoria, em prática. Por isso, cair no modismo do "natural" hoje, poderá ocorrer com facilidade devido aos posicionamentos, muito pouco esclarecedores dos meios de comunicação de massa, os quais muito mais estão incentivando o consumo e promovendo um eco-capitalismo ou mesmo um eco-reducionismo do que realmente preocupados com a problemática ambiental tão abrangente.

O Assistente Social, ao adotar a ecologia como matriz teórica de sua prática, deverá fazer um aprofundamento teórico na área, para poder operacionalizá-la de tal forma que não gere a simples reprodução e, não corra o risco de se tornar um ativismo inconseqüente como muito tem acontecido no Serviço Social.

Para o Assistente Social adotar o novo paradigma, aqui proposto, deverá estar consciente de suas implicações filosófica, teórica e metodológica para que sua prática realmente se torne conseqüente. Sendo assim, sua opção pela ecologia política pressupõe ser um ato consciente, crítico e de profunda identificação com as propostas ecológicas, a qual deve ser assumida como um modo de vida não fundamentalista, mas realista.

Para acontecer o processo de transformação que pretendemos será necessário que comece primeiro com o próprio Assistente Social. A este cabe fazer um **exame crítico** de sua teoria, de sua metodologia e de sua prática. Será em vão o Assistente

Social aplicar a proposta aqui apresentada se não tiver a consciência crítica suficiente para questionar o modo de vida burguês e será desastroso se for defensor da mentalidade consumista. Mais desastroso será se for um sujeito não realizado pessoalmente e profissionalmente e, principalmente se não tiver interesse e prazer em seu trabalho. Na essência, seria como diz Stanislav Grof,

"os indivíduos incapazes de resolver seus problemas interpsíquicos e alcançar a paz e a harmonia interiores não sejam as pessoas indicadas para julgar o que há de errado no mundo e apresentar meios de corrigir o erro."<sup>21</sup>

Isso significa dizer que o Assistente Social para empreender a mudança aqui desejada terá que entender certas idéias de dentro para fora e os Assistentes Sociais que trabalham mal com o velho instrumental provavelmente se sairão pior ainda com instrumentos novos que não conhecem.

O Serviço Social poderá desempenhar um papel significativo no processo educativo da transformação, mas efetivamente isso ocorrerá se as concepções e valores mecanicista dos Assistentes Sociais forem transformados primeiramente. Ninguém poderá realizar mudanças se antes não realizar essas mudanças consigo mesmo. Pois, cabe ao Assistente Social a tarefa de fazer pensar e refletir sobre o mundo atual e sua possibilidade de vir a ser diferente.

Portanto, o Assistente Social deverá mudar de paradigma para

poder mostrar a outros a necessidade de um novo modo de vida, também deverá estar preparado, pois terá que trabalhar com ousadia e inovação, isso exigirá dele uma clara consciência da importância de sua atividade no processo de mudança.

Para o Assistente Social, um profissional que convive cotidianamente com o "sofrimento" da população carente (econômica, social, política, educacional, etc.) e está consciente da necessidade de mais qualidade de vida, mais participação, mais consciência crítica, menos exploração, menos violência, não será difícil entender e colocar em prática os princípios ecologistas. Necessita apenas de sua criatividade.

O Assistente Social que convive cotidianamente com pessoas poderá, através das diversas atividades que desenvolve como profissional, realizar diversas mudanças no que diz respeito à compreensão vivida pela sociedade industrial, somente necessita entender que a pessoa é um processo em formação e não um conjunto de hábitos pré-fixados. Para tanto, lançará mão de reflexões, discussões individuais e coletivas podendo provocar modificações no comportamento, na racionalidade e no conceito de homem e de mundo convencional.

Mostrar que se pode romper com os condicionamentos gerados pela sociedade, pelos meios de comunicação de massa e pela educação formal, fazer sentir que a pessoa pode ser "dona de si mesma", sem deixar de viver e participar da vida comunitária é uma tarefa que exige a visão complexa da realidade. Dessa forma, poderá se construir novos critérios e novos valores de



convivência associada, onde estejam recolocadas as relações entre processos sociais e naturais.

Portanto, o Assistente Social deverá estar apto a ver o homem e o mundo diferente do convencional, deverá mudar de paradigma para poder mostrar a possibilidade de mudança a outras pessoas ou comunidades. Deverá ser criativo, ousado e inovador. Isso exigirá dele uma clara consciência da importância da interrelação e interconexão homem-natureza.

### **3.6 UMA PROPOSTA ECOLÓGICA PARA O SERVIÇO SOCIAL: TENTATIVA DE ILUSTRAR O DELINEAMENTO DO NOVO PARADIGMA**

Essa proposta deverá, necessariamente, estar fundamentada no paradigma da Ecologia Política e do pensamento complexo descritos no Capítulo II e nas reflexões sobre redirecionamento ecológico para o Serviço Social contido neste Capítulo.

Procurando entender as várias dimensões do objeto em estudo, decidi recorrer a diferentes abordagens. Vali-me, além da investigação bibliográfica e constantes diálogos com Assistentes Sociais que atuam em diversas áreas (saúde, empresa, comunitária, assistencial, escola, etc.) no Serviço Social, sempre tendo em vista a construção de indicadores que vislumbrassem a relação entre ecologia e Serviço Social.

Neste sentido, o objetivo deste item é apresentar a tentativa de ilustrar como poderia ser a operacionalização do Serviço Social na perspectiva ecológica.

Para tanto, realizei 40 (quarenta) entrevistas abertas com Assistentes Sociais da Região de Joinville. Para minha surpresa constatei a presença de 90% dos Assistentes Sociais sensíveis à questão ambiental e em decorrência preocupados em introduzir em suas práticas a questão da qualidade de vida. Essas 40 (quarenta) entrevistas correspondem a 50% (cinquenta) dos profissionais existentes na região.

Todas as atividades de Serviço Social, detectadas nestas entrevistas estão de alguma forma relacionada com a qualidade de vida. Chamou-me atenção, um trabalho realizado por 5 (cinco) Assistentes Sociais, com a população que habita o mangue de Joinville.

O mangue em Joinville foi invadido devido à necessidade das populações carentes habitarem um espaço livre que se localizasse próximo à empresa onde trabalham.

Devido a essa invasão ser praticamente irreversível e a outros motivos de ordem social e políticos, a Prefeitura de Joinville elaborou um Projeto que oferecesse as mínimas condições de infra-estrutura básica a tal população e que, ainda possibilitasse a preservação do pouco restante do mangue não invadido. Esse Projeto realizou o aterro do mangue onde havia habitações instaladas.

O Serviço Social atua junto à esta população que hoje habita tal região.

Descreveremos, a seguir, uma proposta para o Serviço Social

que leve em consideração a melhoria da qualidade de vida vinculada, diretamente à problemática ambiental.

Pelo fato de ser uma proposta e, portanto, normativa, quero acentuar a importância de ser colocada para discussão, uma vez que se constitui em uma questão moral procurando responder à questão: para onde vamos?

Dadas as condições da realidade dos mangues em Joinville e não havendo mais possibilidade de preservá-lo em sua totalidade vamos cuidar do pouco que resta associando esta atitude à organização e participação política da população que lá habita em função da melhoria da qualidade de vida.

A atuação do Serviço Social se dará com assistentes sociais preparados ou que estejam conhecendo o pensamento social ecológico. Pois, o Serviço Social passa a ser entendido como uma profissão que atua junto a populações para contribuir no processo de conscientização ambiental, da participação e organização política em função da melhoria da qualidade de vida.

Entendemos qualidade de vida como o conjunto de elementos necessários para que o homem viva em ambiente equilibrado com a natureza. Devendo ser incluído o ambiente social como parte do conceito global de ambiente, no sentido de habitat do homem.

Sugerimos, primeiramente, para realização de um trabalho que leve em consideração a preservação ambiental e assim, a melhoria da qualidade de vida, a constituição de uma equipe interdiscipli-

nar<sup>22</sup> formada por decisão espontânea ou institucional para atuar nas comunidades do mangue aterrado de Joinville. Essa equipe deverá, então, elaborar um projeto onde será exposto os objetivos que nortearão suas ações.

Sugiro à equipe mapear a área habitada do mangue, com o objetivo de indicar o número de moradias e habitantes por quadra. Esses dados, servirão de base para a equipe:

1. **Realizar reunião** com pequenos grupos de, no máximo, 15 a 25 pessoas para discutir a realização de um trabalho comunitário participativo a favor da melhoria da qualidade de vida, oferecendo a cada pessoa da comunidade a oportunidade de discutir a proposta da equipe interdisciplinar.

É preciso salientar que nesta reunião, a equipe multidisciplinar, precisará estar preparada para esclarecer à população, o máximo possível, o que significa qualidade de vida com exemplos práticos e como realizá-la sob as condições existenciais evenciadas por cada indivíduo.

Para se obter a melhoria de qualidade de vida é necessário que a população, do mangue de Joinville, participe ativamente do processo necessário para construí-la.

A equipe interdisciplinar, cada um em sua área, deverá oferecer informações acessíveis à população sobre a relação homem-natureza e, esclarecer a importância para o homem da preservação ambiental e da qualidade de vida.

O Assistente Social deverá sempre estar questionando e discutindo como a mentalidade predatória se manifesta demonstrando através de exemplos cotidianos que fazem parte da vida da população. Os exemplos práticos e que fazem parte do dia-a-dia são fundamentais para a compreensão e que, poderão desencadear ações espontâneas e voluntárias no sentido da melhoria da qualidade de vida.

O Assistente Social encontrará uma realidade, que organizacionalmente, não percebe as bases sociais, políticas, econômicas e culturais da degradação ambiental. A obsessão humana de crescimento material e de consumo não permite a realização pessoal e comunitária, como já falei anteriormente. Além disso, transmite valores que fazem o homem acreditar na melhoria da qualidade de vida através da abundância de produtos. Isso está presente em todas as classes sociais. Dessa forma, o Assistente Social encontrará muitas resistências junto às comunidades assim, deverá atuar sempre de acordo com o método da complexidade, descrito anteriormente.

2. **Formar grupos** de pessoas objetivando discutir e pensar formas de atuação que possibilitem mudar as condições degradantes existentes.

Para obter melhores resultados a proposta seria dividir por temas, apontados pela comunidade, como problemáticas comunitárias suas.

Por exemplo, pode-se formar um grupo para pensar, na co-

comunidade do mangue, a questão da água (como está seu fornecimento e sua qualidade; como se apresenta essa qualidade, para a comunidade, no seu dia-a-dia; as crianças e adultos ficam doentes? O que fazer então, diante da realidade encontrada?). Essas discussões, na proposta aqui apresentada, deverá ser desencadeada pelo Assistente Social.

Dessa forma, poder-se-á formar grupos responsáveis pela situação e problemática do esgoto; da poluição do ar, das águas, dos rios e do solo; do lixo; da preservação do mangue; da arborização; dos alimentos; da saúde; do lazer; etc..

É importante motivar crianças e jovens a participarem desses grupos. Cada pessoa poderá compor qualquer grupo, pode até se **envolver** com o grupo que possua tema de sua preferência. No entanto, todos deverão estar informados sobre o que cada um dos grupos estão realizando para melhorar a qualidade de vida da comunidade.

3. Cada grupo deverá **planejar** as atividades de forma realista visando sempre a melhoria da qualidade de vida comunitária.

Este planejamento será participativo, ou seja, será feito pelos membros de cada grupo, os quais fazem parte da comunidade. A equipe, interdisciplinar oferecerá os aportes técnicos necessários.

Como por exemplo, o grupo que trabalho com a preservação do mangue pode adquirir informações sobre o que é mangue,

qual é sua importância para nossa vida e para nosso futuro, como preservá-lo com atitudes simples e cotidianas. A equipe interdisciplinar contribuirá nestas informações de forma que seja acessível a toda comunidade.

Cada membro do grupo desempenhará o papel de catalizador da gestão comunitária do mangue, contribuindo na divulgação dessas informações e na formação da consciência ecológica necessária para preservar a vida e melhorar a qualidade de vida. Essa interação deve ser entendida conforme os princípios sistêmicos da complexidade.

O grupo responsável pela água e pelo esgoto poderá agir da mesma forma divulgando todos os cuidados necessários com a água e com o esgoto para saúde. O grupo responsável pela poluição pode divulgar as leis existentes sobre poluição e desencadear um movimento ativo, sem violência, contra a poluição provocada pelas indústrias, pelos esgotos domésticos e pela população em geral de Joinville. O grupo responsável pelos alimentos poderá informar como obter alimentos naturais sem pesticidas, poderá, se for de interesse, fazer uma horta comunitária. O grupo responsável pela saúde, juntamente com outras instituições de saúde, poderão contribuir em informações e ações que evite o proliferamento de doenças epidêmicas. O grupo responsável pela arborização poderá realizar a arborização da comunidade e, também, contribuir na conscientização da importância da árvore para a saúde humana e para o ecossistema. O grupo responsável pelo lazer poderá criar espaços que possibilitem a convivialidade

comunitária. Estes espaços não se constituirão somente em espaços para o divertimento mas, serão espaços que propiciarão, também, a discussão dos problemas da vida comunitária.

4. **Avaliação** é um momento de significativa importância para a equipe interdisciplinar e para a comunidade. É um momento em que se analisa a qualidade da transformação, a qual deve ser entendida conforme descrita anteriormente. Cada elemento da equipe deverá estar esclarecido sobre o sentido dessa **autocrítica** (conforme descrita anteriormente), pois sempre deve-se ter em mente os objetivos propostos.



## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- <sup>1</sup>JORGE, Maria Raquel. Metodologia do Serviço Social. In: TOFIK, Denise Sowaia & LEITE, Rosalina Santa Cruz. Questões políticas, sociais e metodológicas. São Paulo, PUC, s.d., p.
- <sup>2</sup>MORIN, Edgar. Para sair do século XX. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, p.272.
- <sup>3</sup>MORIN, Edgar. Sociologia. Lisboa-Portugal, Europa-América, s.d., p.16.
- <sup>4</sup>MORIN, Edgar. Ciência com consciência. Lisboa-Portugal, Europa-América, s.d., p.21.
- <sup>5</sup>MORIN, Edgar. Sociologia. Op.cit., p.20-21.
- <sup>6</sup>Ibid., p.21.
- <sup>7</sup>MORIN, Edgar. O Método II: a vida da vida. Lisboa-Portugal, Europa-América, s.d., p.74-75.
- <sup>8</sup>MORIN, Edgar. Sociologia. Op,cit., p.67.
- <sup>9</sup>Ibid., p.71.
- <sup>10</sup>MORIN, Edgar. Ciência com consciência. Op.cit., p.145.
- <sup>11</sup>MORIN, Edgar. Sociologia. Op.cit., p. 118.
- <sup>12</sup>Ibid., p. 125.

- <sup>13</sup>Ver: VIOLA, Eduardo. O movimento ecológico no Brasil (1974-1986): do ambientalismo à ecopolítica. Revista Brasileira de Ciências Sociais. nº 3, v.1, fev.1987. p. 96-126.
- <sup>14</sup>Ibid., p. 01.
- <sup>15</sup>CAPRA, Fritjof & SPRETNAK, Charlene. Green politics: the global promise. New York, E.P.Deston, 1984. p.08 (tradução livre)
- <sup>16</sup>Ibid., p. 31.
- <sup>17</sup>Ibid., p. 35.
- <sup>18</sup>Ibid., p. 36.
- <sup>19</sup>Ibid., p. 41.
- <sup>20</sup>Ibid., p. 44.
- <sup>21</sup>GROF, Stanislav. Além do cérebro. São Paulo, McGraw-Hill, 1987, p. 299.
- <sup>22</sup>Ver o trabalho de Seno Cornely, A interdisciplinabilidade na abordagem ecológica. (Trabalho apresentado no Seminário Caribenho e Latino Americano sobre Ecologia Social em Porto Alegre de 24 a 28 de novembro de 1991). O autor expõe de forma clara as implicações da formação da equipe interdisciplinar.

## CONCLUSÃO

A revisão da trajetória do Serviço Social, permite-nos constatar a presença, nos seus fundamentos, do método científico. A utilização deste gerou, como consequência, um Serviço Social mecanicista fragmentando a sua prática (em Serviço Social de Caso, Grupo e Comunidade). Este mecanicismo, embora criticado pelo movimento de reconceituação, não conseguiu revisar significativamente a presença do "científico" na profissão, uma vez que, então, passou a fragmentar as metodologias (positivismo/funcionalismo, fenomenologia, dialética marxista).

Ao concluir este trabalho, chego a constatação que, o Serviço Social tem todas as condições necessárias para adotar a visão de homem e de mundo ecológica a partir da mudança de paradigma. O Assistente Social deverá fazer comunicar tudo que o interior da profissão esteja dilacerado e fragmentado, principalmente teorias e metodologias.

Essa transformação deve ser vista como um processo contínuo de revisão da noção de ciência que adota e da ação que emprega.

Lancei neste trabalho as bases para que os Assistentes Sociais passem a revisar os conteúdos de suas práticas.

Ver o homem e a sociedade de forma multidimensional é resistir contra a dominação da sociedade industrial nas suas diversas instâncias, isso demonstra sob meu ponto de vista, a mais forte presença da atitude ecológica, em relação à natureza, a si mesmo e a outros homens e seres. O papel do Serviço Social é desencadear esse processo de criticar os pensamentos e as ações humanas.

Ao Serviço Social cabe, também, construir junto à população, estratégias voluntárias entrelaçadas com estratégias globais no sentido do autodesenvolvimento e do ecodesenvolvimento. Pois, a possibilidade real de mudança está a mercê da articulação entre fatores sociais e políticas elaboradas para impulsionar tal processo.

O desabrochar da consciência ecológica é um sintoma de forte mudança de mentalidade na nossa sociedade e os diversos contextos e atores trazem muitas outras possibilidades de transformação. O descontentamento das populações em geral contra o sistema de vida (os transportes, o sistema de governo, as comunicações) degradante de nossa sociedade é, também, um forte indicador de mudanças, oferecendo assim, as condições propícias para a atuação do Serviço Social.

As atividades de Serviço Social voltadas para a questão ecológica, de acordo com o paradigma aqui apresentado, não existe

entre os Assistentes Sociais da Região, conforme a pesquisa que fizemos. No entanto, descobrimos um trabalho, voltado para a melhoria da qualidade de vida da população que habita nos mangues de Joinville, com fortes potenciais para o novo paradigma.

Ao terminar esse trabalho lanço-me na seguinte perspectiva:

"Vale dizer que concebemos a ciência do homem, não como um edifício a ser completado, mas como uma teoria a construir." (...) "Com efeito, os problemas contemporâneos impelem-nos a definir uma política do homem e esta não pode ser concebida apenas com o auxílio de boas resoluções, de injunções piedosas, de regras empíricas, de receitas tecnocráticas, de doutrinas unidimensionais, de religião que se afirma, como todas as religiões, a única verdadeira." (...) "Mas a ciência do homem não será, por isso, a receita mágica que resolverá o problema prático da política do homem. Já sabemos que nenhuma teoria, inclusive a científica, pode esgotar o real e encerrar seus objetos nos seus paradigmas. Assim, está condenada a permanecer aberta, isto é, inacabada, insuficiente, escancarada sobre a incerteza e o desconhecido, mas por essa brecha que é, ao mesmo tempo, sua boca faminta, também está condenada a continuar sua busca, elaborar uma metateoria, por si, por sua vez..."

(Edgar Morin)

## BIBLIOGRAFIA

001. AGUIAR, Antonio Geraldo. Serviço Social e Filosofia: das Origens a Araxá. 4. ed., São Paulo, Cortez, 1985. 152p.
002. ALIÓN, N. et alii. Desafio al Serviço Social: ¿Crisis de la reconceptualizacion? Buenos Aires, Humanitas, 1975. 296p.
003. ALMEIDA, Anna Augusta de. Possibilidades e limites da teoria de serviço social. 2. ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980. 159p.
004. AMMANN, Safira Bezerra. Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil. 2ª ed., São Paulo, Cortez, 1981. 176p.
005. ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. 2.ed., São Paulo, Martins Fontes, 1987. 557p.
006. BIROV, Alain & HENRY, Paul-Marc. Um outro desenvolvimento. São Paulo, Vértice, 1987. 314p.
007. BRIGAÇÃO, Clóvis. A cultural dos riscos: conforto e segurança. In: O armamentismo no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1985, p.109-132.

008. BUNGE, Mário. Ciência e desenvolvimento. Belo Horizonte, Itatiaia, 1980. 143p.
009. CADERNOS DA ABESS 3. A metodologia do Serviço Social. São Paulo, Cortez, 1989. 191p.
010. CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação. São Paulo, Cultrix, 1986. 477p.
011. CAPRA, Fritjof & SPRETNAK, Charlene. Green Politics. The Global promise. New York, E.P. Dutton, 1984. (tradução livre).
012. CASTRO, Manuel Manrique. História do Serviço Social. 2. ed., São Paulo, Cortez, 1987. 174p.
013. CBCISS, Documento de Sumaré. III Seminário de Teorização de Serviço Social de 20 a 24 de novembro de 1978. Rio de Janeiro, Suplemento de Debates Sociais nº 8, ago. 1980. 142p.
014. CORNELLY, Seno. A interdisciplinariedade na abordagem ecológica: idéias preliminares. Porto Alegre, CIBES, nov. 1991. (trabalho apresentado no Seminário Latino-Americano e Caribenho de Ecologia Social).
015. COTA, Raimundo Garcia. Carajá: a invasão desarmada. Rio de Janeiro, Vozes, 1984. 164p.
016. CRUZ, Rafael. El ecologismo: reforma o revolução? In: Nueva Cidade, Venezuela, p.85-94.
017. DALY, Herman. A economia do século XXI. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1984. 120p.
018. DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Rio de Janeiro, FGV, 1986.

019. DOCUMENTO DE ARAXÁ. 5. ed., Rio de Janeiro, CBCISS, 1967. 96p.
020. DOCUMENTO DE TERESÓPOLIS. 5. ed., Rio de Janeiro, CBCISS, set., 1978. 215p.
021. DUMONT, René. Um mundo intolerável: o liberalismo em questão. Rio de Janeiro, Revan, 1989. 256p.
022. DUPUY, Jean Pierre. Introdução à crítica da ecologia política. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. 112p.
023. DURÁN, Alexandre Bonilla. Notas para a história das lutas ecológicas. In: Pau Brasil, nº 12, Ano II, maio/junho, 1986. p.6-12.
024. FALEIROS, Vicente de Paula. Metodologia e ideologia do trabalho social. 3. ed., São Paulo, Cortez, 1982. 142p.
025. FERGUSON, Marilyn. A conspiração aquariana. Rio de Janeiro, Record, 1980. 431p.
026. GALTUNG, Johan. Los azules & los rojos; los verdes y los pardos: uma evoluación de movimientos políticos alternativos. In: Boletín de Ciências Sociais. Florianópolis, UFSC, nº 34, jul/set 1984. 42p.
027. \_\_\_\_\_. The green movimenty: a sócio historical exploration. Internacional Sociology. VI, nº 1, mar., 1986. p.75-90.
028. \_\_\_\_\_. Hitlerismo, stalinismo y reaganismo. Alicante, Instituto Juan Gil-Albert, 1985. 148p.



029. GARAUDY, Roger. Apelo aos vivos. 3. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981. 440p.
030. GIROTTI, Carlos. Estado Nuclear no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1984, 257p.
031. GOUVEIA, Maria Alice Fonseca. Procedimentos metódicos de uma intervenção num fenômeno social. In: Serviço Social e Sociedade. São Paulo, Cortez, nº i, ago. 1982. p.127-147.
032. GROF, Stanislav. Além do cérebro. São Paulo, Macgrow-Hill, 1987. 327p.
033. HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. 121p.
034. IAMAMOTO, Marilda & CARVALHO, Raul de. Relações sociais e serviço social no Brasil. 2. ed., São Paulo, Cortez, Lima-Peru: CELATS, 1983. 383p.
035. ILLICH, Ivan. A convivencialidade. Lisboa, Europa-América, 1976. 140p.
036. JORGE, Maria Raquel Tolosa. Metodologia do Serviço Social. In: TOFIK, Denise Sawaia & LEITE, Rosalina Santa Cruz, org.: Serviço Social: questões políticas, sociais e metodológicas. São Paulo, PUC, [1978]. p.1-III-15-III.
037. KERLINGER, Fred N. Metodologia da pesquisa em ciências sociais. São Paulo, EPU, 1980. 378p.
038. KISNERMANN, Natálio. Sete estudos sobre serviços social. São Paulo, Cortez & Moraes, 1980. 123p.

039. \_\_\_\_\_. Serviço Social de Grupo. 3. ed., Petrópolis, Vozes, 1980. 328p.
040. \_\_\_\_\_. Temas de Serviço Social. 3. ed., São Paulo, Moraes, 1980. 76p.
041. KONOPKA, Giesela. Serviço Social de Grupo: um processo de ajuda. 2. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
042. LAGO, Antonio & PÁDUA, José Augusto. O que é ecologia. 4. ed., São Paulo, Brasiliense, 1985. 108p.
043. LASCH, Christopher. O mínimo eu. 4. ed., São Paulo, Brasiliense, 1987. 286p.
044. LASZLO, Ervin. A crise final. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1989, 262p.
045. LEONARD, Peter & CORRIGAN, Paul. Prática do Serviço Social no Capitalismo. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. 148p.
046. LIMA, Boris Alexis. Contribuição à metodologia do serviço social. Belo Horizonte, Interlivros, 1978. 142p.
047. LUTZENBERGER, José. Meio ambiente e política tecnológica: uma reversão de idéias. In: Anais da segunda reunião regional da SPBC. Blumenau, 1985.
048. \_\_\_\_\_. Ecologia. Do jardim ao poder. Porto Alegre, L&M, 1985. 102p.
049. \_\_\_\_\_. Fim do futuro?. 3. ed., Porto Alegre, Movimento, 1983. 98p.
050. \_\_\_\_\_. Gaia. In: Política e meio ambiente. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986. p.9-30.

051. LYOTARD, Jean-François. O pós-moderno. 2. ed., Rio de Janeiro, José Olímpio, 1986. 124p.
052. MACEDO, Myrtes de Aguiar. Reconceituação do serviço social - formulações diagnósticas. São Paulo, Cortez, 1982. 159p.
053. MAGALHÃES, Leila Vello. Metodologia do serviço social na América Latina. São Paulo, Cortez, 1979, 148p.
054. MEADOWS, D. et alii. Limites do crescimento. 2. ed., São Paulo, Perspectiva, 1978. 200p.
055. MORIN, Edgar. Para sair do século XX. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986. 362p.
056. \_\_\_\_\_. O método: 1. A natureza da natureza. Lisboa-Portugal, Europa-América, s.d. 363p.
057. \_\_\_\_\_. O método: 2. A vida da vida. Lisboa-Portugal, Europa-América, 1984. 437p.
058. \_\_\_\_\_. O método: 3. O conhecimento do conhecimento. Lisboa-Portugal, Europa-América, s.d. 230p.
059. \_\_\_\_\_. Sociologia. Lisboa-Portugal, Europa-América, s.d. 363p.
060. \_\_\_\_\_. Ciência com consciência. Lisboa-Portugal, Europa-América, s.d. 256p.
061. \_\_\_\_\_. O paradigma perdido. Lisboa-Portugal, Europa-América, ?.
062. \_\_\_\_\_. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo 1: neurose. 6. ed., Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1984. 204p.

063. \_\_\_\_\_. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo 2: necrose. 2. ed., Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1986. 206p.
064. MILLS, C.Wright. A imaginação sociológica. 6. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1982. 246p.
065. MULLER, Iolanda Ferreira. Ecologia e administração de empresas: um estudo de caso na Fundação Educacional da Região de Joinville (FURJ/SC). Florianópolis, UFSC, 1989. 237p. (Dissertação de Mestrado).
066. NETTO, José Paulo. A crítica conservadora à reconceptualização. Serviço Social e Sociedade. São Paulo, Cortez, Ano II(5):59-75, maio 1981.
067. OLIVER, Santiago. Ecologia y subdesarrollo em América Latina. México, siglo XXI, 1983. 223p.
068. PÁDUA, J. Augusto & LAGO, Antonio. O que é ecologia. 2. ed., São Paulo, Brasiliense, 1985. 108p.
069. PALMA, Diego. La reconceptualización: una búsqueda en América Latina. Buenos Aires, ECRO, 1977. 133p.
070. PAVÃO, Ana Maria Braz. O princípio da autodeterminação no serviço social: visão fenomenológica. 2. ed., São Paulo, Cortez, 1981. 104p.
071. RAMOS, Alberto Guerreiro. A nova ciência das organizações. Rio de Janeiro, FGV, 1981. 209p.
072. \_\_\_\_\_. Considerações sobre o modelo alocativo do governo brasileiro. UFSC, 1980.
073. REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo, Cortez, nº 6, set 1981. 164p.

074. \_\_\_\_\_. nº 14, abr 1984. 175p.
075. \_\_\_\_\_. nº 21, ago 1986. 158p.
076. RICHMOND, Mary E. Caso social individual. Buenos Aires, Humanitas, 1962. 173p.
077. RODRIGUES, Maria Lucia. O trabalho com grupos e o Serviço Social. 3ª ed., São Paulo, Moraes, 1981. 101p.
078. ROGERS, Carl R. Um jeito de ser. São Paulo, EPU, 1983. 156p.
079. ROSZAK, Theodore. Persona/Planeta. Bracelona, Kairós, 1985. 406p.
080. SÁ, Jeanete L. Martins de. Org. Serviço Social e interdisciplinarietà. São Paulo, Cortez, 1989. 95p.
081. SACHS, Ignacy. Ecodesenvolvimento. Crescer sem destruir. São Paulo, Vértice, 1986. 207p.
082. SANTOS, Leila Lima. Textos de Serviço Social. 2ª ed., São Paulo, Cortez, 1987. 200p.
083. SHERER-WARREN, Ilse. Redescobrimo nossa dignidade - uma avaliação da utopia da libertação na América Latina. Paper escrito na Inglaterra, 1987.
084. SHERER-WARREN, Ilse & KRISCHKE, Paulo J. Uma Revolução no Cotidiano? São Paulo, Brasiliense, 1987. 297p.
085. SCHINKE, Gert. Ecologia política. Porto Alegre, Tchê, 1986. 179p.
086. SIMONET, Dominique. L'Écologisme. 2ª ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1982. 127p.

087. SOFFIATI, Arthur. Ecologia: reflexões para debate. São Paulo, Edições Paulinas, 1988. 148p.
088. SOUZA, Luiz A. Gomes de. Secularização em declínio e potencialidade transformadora do Sagrado. In: Religião e Sociedade. 13/2, jul 1986. p. 02-16.
089. SOUZA, Maria Luiza de. Desenvolvimento de Comunidade e Participação. São Paulo, Cortez, 1987. 231p.
090. \_\_\_\_\_. Serviço Social e instituição: a questão da participação. São Paulo, Cortez, 1982. 159p.
091. TANNER, Thomas R. Educação ambiental. São Paulo, Summus, 1978. 158p.
092. TOLEDO, Laisa R. Di Campos et alii. A incidência do metodologismo sobre o Serviço Social no Brasil. São Paulo, PUC, [1985]. 86p.
093. TORRES, Zélia. Grupo: instrumento de Serviço Social. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1978. 88p.
094. TOYNBEE, Arnold. A humanidade e a mãe-terra. 2. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1982. 772p.
095. VIEIRA, Balbina Ottoni. Serviço Social-processos e técnicas. 2. ed., Rio de Janeiro, Agir, 1978. 355p.
096. \_\_\_\_\_. História do Serviço Social. 2. ed., Rio de Janeiro, Agir. 1978. 237p.
097. \_\_\_\_\_. Metodologia do Serviço Social. 2. ed., Rio de Janeiro, Agir, 1979. 218p.
098. VIOLA, Eduardo J. & LEIS, Hector R. Desordem Global da biosfera e nova ordem internacional. o papel

organizado do ecologismo. Florianópolis, UFSC, 1989. 35p. (Trabalho apresentado ANPOCS).

099. VIOLA, Eduardo. O movimento ecológico no Brasil (1974-1986) do ambientalismo à ecoplítica. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. nº 3, v.1, fev. 1987. 157p.
100. VIRILIO, Paul & LOTRINGER, Sylvere. Guerra Pura. A militarização do cotidiano. São Paulo, Brasiliense, 1984. 157p.
101. WARREN, Ilse Scherer. Movimentos Sociais. Florianópolis, UFSC, 1984. 154p.
102. WEIL, Pierre. Sementes para uma nova era. Petrópolis, Vozes, 1984. 192p.

**ANEXO**



## ROTEIRO PARA ENTREVISTA ABERTA

### A) DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

DATA:

1. Nome:

Endereço:

Fone:

2. Entidade:

Endereço:

Fone:

3. Função:

4. Há quanto tempo exerce a função:

### B) QUESTÕES A NÍVEL PROFISSIONAL

1. Quais são as atividades que desenvolve como AS?

2. Quais são as maiores dificuldades que você encontra em sua instituição para desenvolver o SS?

3. Por que, sob seu ponto de vista, existem essas dificuldades?

4. Você considera importante fazer relatos de prática profissional? Por quê? Se faz relatos, sob que condições e como?

5. O que você entende por Serviço Social?

6. Como você percebe o SS no terceiro mundo?

7. Como você percebe o SS no Brasil em termos de avanços e limites?

8. Sob seu ponto de vista o SS se encontra em crise hoje, por quê?
9. Como ocorre para você a relação teoria-prática?
10. Você definiu uma metodologia para desenvolver seu trabalho? Por quê? Qual?
11. Como os problemas teóricos-metodológicos do SS refletem no cotidiano de seu trabalho profissional?
12. Como você analisa o curso de SS hoje no Brasil?
13. O curso de SS deu-lhe oportunidade de refletir sobre a crise ambiental vivida pela humanidade? Por quê?
14. Como o Curso de SS poderá contribuir na formação da consciência ecológica entre os AS?

### **C) QUESTÕES SOBRE A CRISE ATUAL E O SERVIÇO SOCIAL**

1. Na sua opinião, quais seriam os principais componentes da crise atual?
2. Sob seu ponto de vista, como os problemas ambientais se relacionam com a crise atual?
3. Como você (AS) percebe os problemas ambientais?
4. Até que ponto os problemas ambientais se constituem em preocupação para os AS em geral?
5. É possível incluir no conceito de SS as idéias ecologistas? Por quê?

6. Como, através da prática do SS, poderia-se dar ênfase à ecologia e contribuir no desenvolvimento da consciência ecológica?
7. Qual seria o papel do AS nesse processo de transformação?
8. Como a instituição ou empresa, que você trabalha, percebe os problemas ambientais?
9. Como a população percebe os problemas ambientais?
10. Como, sob seu ponto vista, é possível mudar?